

BARBARA TANCETTI

A MULHER CONTEMPORÂNEA E A VIVÊNCIA DA FAMÍLIA E
DA CARREIRA PROFISSIONAL
Uma abordagem Junguiana

Curso de Psicologia
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
2012

BARBARA TANCETTI

A MULHER CONTEMPORÂNEA E A VIVÊNCIA DA FAMÍLIA E
DA CARREIRA PROFISSIONAL

Uma abordagem Junguiana

Trabalho de Conclusão de Curso
como exigência parcial para
graduação no curso de Psicologia,
sob orientação da Prof^a. Dr^a. Flávia
Arantes Hime.

Curso de Psicologia
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
2012

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por todo o amor, carinho e apoio de uma vida inteira, e principalmente pelo esforço de tentar entender minhas dificuldades, aflições e crises neste longo percurso de formação.

À minha irmã Diana, por aturar pacientemente meus episódios de mau humor e também sempre ter um momento de sabedoria pra compartilhar, com sua invejável capacidade de viver fora do seu tempo e idade.

À querida Flavia Hime, pela infinita sabedoria, paciência e capacidade de lidar com meus nervos à flor da pele e com minha dificuldade em organizar as ideias que nunca paravam de fluir em nossos atendimentos.

Ao meu sempre companheiro Jairo, por permanecer incondicionalmente do meu lado neste período difícil de ausência de vida social, sempre munido de alguma palavra de conforto e incentivo.

Às minhas queridas meninas, Camila, Giulia e Layla, simplesmente por trazerem mais alegria e espontaneidade aos longos e exaustivos dias ã que viraram anos ã de Pontifícia.

À minha amiga mais antiga, Camis, obrigada por me ouvir, me ajudar e me apoiar no meio das nossas rotinas corridas como se ainda nos víssemos todos os dias.

À Marisa Penna, pela enorme e impagável orientação dada no momento em que eu ainda nem sabia por onde começar a pensar em um tema de trabalho.

À Daniela, porque sem ela este trabalho não seria possível, pela disponibilidade e pela serenidade e, principalmente, por sua garra em enfrentar as dificuldades da vida, não podia ter escolhido alguém melhor para ilustrar o que eu tanto queria pesquisar.

A todas as mulheres que me inspiraram a realizar este trabalho, pelas suas histórias, músicas, filmes, contos, lendas e vidas.

Obrigada, do fundo do coração.

Forgive me Hera, I cannot stay
He cut out my tongue, there is nothing to save
Love me oh Lord, he threw me away
He laughed at my sins, in his arms I must stay
Laura Marling

RESUMO

7.00.00.00-0 CIÊNCIAS HUMANAS

7.07.00.00-1 PSICOLOGIA

A MULHER CONTEMPORÂNEA E A VIVÊNCIA DA FAMÍLIA E DA CARREIRA
PROFISSIONAL: UMA ABORDAGEM JUNGUIANA.

FLAVIA ARANTES HIME-ORIENTADORA

Departamento de Psicologia do Desenvolvimento-Curso de Psicologia

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Email: flahime@uol.com.br

BARBARA TANCETTI

Curso de Psicologia

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Email: ba.tancetti@gmail.com

A mulher, ao longo da história, foi transformando sua identidade e os papéis que desempenha dentro da sociedade. Essas mudanças culminaram nos conceitos atuais de multideterminação e ampliação de possibilidades femininas, onde a mulher contemporânea vê-se atravessada por continuidades e rupturas, cujos principais representantes são a formação de família e de carreira. Diante disso, o presente estudo busca, a partir de uma leitura simbólica do discurso de mulheres que vivenciam, concomitantemente, a experiência do casamento, maternidade e da inserção em alguma carreira de prestígio – direito, arquitetura, engenharia e medicina – compreender, de modo aprofundado, como se dá esta vivência. O método de pesquisa utilizado foi o qualitativo descritivo, embasado nos preceitos teóricos da Psicologia Analítica. Por meio de uma entrevista semi-dirigida realizou-se

a análise e discussão das informações obtidas da participante: uma mulher de 23 anos, casada há 4 anos e com um filho de 3 anos de idade, profissional da área de Direito. A elaboração deste trabalho permitiu elucidar o momento atual como um período de transformação, marcado pela presença dos valores masculinos ainda vigentes concomitantemente com valores femininos que estão sendo reafiorados após um período de repressão. A partir destes dados, concluiu-se que a mulher inserida no contexto atual se vê diante de uma superposição destes padrões e aparentemente incompatíveis e que provém de configurações sociais, bem como de referenciais internos, decorrentes da transmissão de valores familiares através das gerações, cuja união aponta também para uma possibilidade de integração.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher; Gênero; Família; Carreira; Psicologia Analítica.

Assinatura do Orientador: _____

Telefone:

Assinatura do Orientando: _____

Telefone:

SUMÁRIO

1 Introdução.....	1
2 Objetivo.....	7
3 Capítulos teóricos	
Capítulo 1 - A evolução da consciência individual e coletiva: o declínio do patriarcado e a busca da alteridade.....	8
1.1 Repressão do feminino.....	12
Capítulo 2 - Feminino e masculino.....	16
Capítulo 3 - Formação de família.....	21
3.1 Casamento.....	27
3.2 Maternidade.....	32
Capítulo 4 - Mulher e trabalho.....	38
4 Método.....	44
4.1 Participantes.....	45
4.2 Material.....	46
4.3 Procedimento de aplicação.....	46
4.4 Procedimento de análise de resultados.....	47
4.5 Questões éticas.....	47
5 Análise dos resultados.....	48
5.1 Análise categórica.....	50
5.1.1 Relacionamento.....	50

5.1.2 Gênero.....	53
5.1.3 Maternidade.....	56
5.1.4 Trabalho.....	60
5.1 Análise simbólica.....	62
6 Discussão dos resultados.....	67
7 Considerações finais.....	74
Referências.....	76
Anexos	
Anexo I.....	80
Anexo II.....	83
Anexo III.....	85

1 INTRODUÇÃO

O estudo da mulher e das questões do feminino configura-se como um campo abrangente de interesse na da sociedade contemporânea, visto que diz respeito a uma série de fatores que envolvem tanto o âmbito individual como o da sociedade como um todo.

Um estudo realizado durante o segundo ano de graduação em Psicologia trouxe à tona uma série de questionamentos acerca da situação atual da mulher na sociedade, que tipo de papéis ocupa, as escolhas que realiza e quais são os fatores que influenciam essas escolhas.

Segundo este estudo, a investigação dos fatores envolvidos na escolha profissional de jovens do sexo feminino em idade pré-vestibular – bem como de suas concepções de gênero – realizada durante a pesquisa possibilitou a percepção de movimentos e processos simultâneos que permeiam essas escolhas. Concomitantemente, com um forte impulso de independência feminina decorrente de novas dinâmicas da sociedade, em que a mulher é incitada a ocupar um espaço cada vez maior no mercado de trabalho, existe também um elemento forte de multifatorialidade e intersecção desses novos papéis com padrões anteriores, em que essas jovens pesam suas escolhas para encontrar um consenso em suas decisões.

Os resultados permitiram perceber, então, que o processo de escolha em relação à vida adulta dessas jovens engloba uma co-existência de concepções que dizem respeito a uma visão mais tradicional juntamente com compreensões mais modernas acerca da mulher e de suas atividades.

Este estudo serve, portanto, como um analisador das novas formas de construção da identidade feminina na sociedade atual, dentro de um plano individual, de quais fatores decorre e a que processos está atrelada. Diante dos resultados, alguns questionamentos foram surgindo e tomando forma para que esse trabalho pudesse ser idealizado. Qual é essa nova identidade feminina? Como ela se configura na sociedade? Quais são as repercussões para a realização de escolhas de vida das mulheres?

O papel da mulher vem se alterando e se modificando ao longo de toda a história da sociedade ocidental, em suas transformações no que diz respeito à divisão de gêneros, criação de categorias e concepções. Tendo isto em

consideração, o presente estudo buscou, primeiramente, traçar o desenvolvimento e a modificação das concepções de gênero e dos papéis que estas acarretam para homens e mulheres para, em seguida, poder investigar estas questões no contexto da sociedade contemporânea.

A constituição de um discurso que institui e explicita a diferença sexual data do final do século XVIII onde, diante do contexto de igualdade de direitos, tornou-se necessário justificar a inferioridade feminina. Assim, o *one-sex model* que permeou o pensamento científico durante a história humana até este ponto, foi gradualmente sendo substituído pelo *two-sex model*, que categorizava as atividades e os setores sociais de acordo com o gênero.

Deste modo, a mulher passou a ser valorizada meramente pelos seus atributos maternos, o que implicava também no cuidado da casa e da vida privada, refreando-se a sexualidade e qualquer outro estímulo que poderia emergir. Essas desigualdades eram sujeitas a legitimação pelas mais variadas vias, tanto políticas e sociais como biológicas – como a predisposição à histeria ou diferenças no esqueleto que se relacionassem diretamente com atividades restritas a mulheres. (LAQUEUR *apud* SILVA, AMAZONAS & VIEIRA, 2010)

Esses ideais culminaram, na sociedade, na progressiva modificação da configuração das atividades realizadas nos diversos domínios sociais. Como explicita Airès (1981), houve uma separação entre o trabalho fora dos confins domésticos e dentro de casa, como duas esferas distintas da vida social. Este movimento proporcionou o surgimento de uma noção de privacidade e intimidade, rechaçada em períodos anteriores da história. Desta noção decorre a necessidade de uma vida em família, que passa a ter como sua principal base sustentadora o cuidado com os filhos, alterando também, deste modo, outros âmbitos relacionados, como o casamento.

Essa separação, portanto, por estar atrelada a papéis anteriormente determinados – e que perduraram de alguma forma até os dias atuais – envolvia uma divisão das atividades intimamente relacionadas às relações de gênero. Entretanto, é necessário ressaltar que, apesar da mulher ter, em sua maioria, se limitado a determinados papéis durante os séculos XIX e XX, como o cuidado da casa e a maternidade, esses estereótipos não se estendiam às camadas mais populares da sociedade, já que mulheres de classes inferiores tinham mais contato

com o trabalho (exercendo profissões como vendedoras e costureiras) e podiam até desfrutar de maior liberdade pessoal, já que trabalhavam mesmo sob o risco de difamação. Esses limites e papéis, portanto, funcionavam também como meios de distinguir camadas sociais e apontar a diversidade. (ITABORAÍ, 2003)

A partir da segunda metade do século XIX, com o processo de industrialização, as mulheres foram impulsionadas a ocupar um espaço dentro da produção e tendo um papel mais participativo fora dos limites domésticos através do trabalho assalariado, ocupando cargos de professora, operária, etc. (SILVA, AMAZONAS & VIEIRA, 2010)

Esse movimento, por sua vez, implicou no início de uma quebra dos valores tradicionais e uma perda dos limites entre os gêneros e seus papéis, tanto para a mulher como para o homem. Sua progressão culminou com o movimento feminista, que se originou na classe média e resultou na aquisição de algumas liberdades femininas, como o uso da pílula anticoncepcional, permitindo que a mulher pudesse realizar o planejamento da família e ter maior liberdade sexual. Dissipou-se, assim, a imagem da mulher como designada somente para a maternidade e a procriação, determinando a valorização de uma independência feminina (ITABORAÍ, 2003).

A mulher começa a sentir a necessidade de um auto-conhecimento, reflexão e uma nova identidade, que abarque outras dimensões de sua totalidade psíquica. O Feminismo foi um movimento bastante importante, apesar de extremista, pois abalou as estruturas vigentes e começou a alterar a visão da mulher, de seus papéis e da relação homem-mulher (FRIAS, 2003, p. 7).

Atualmente, com as inovações nas formas de consumo, a entrada da mulher no mercado assumiu novas configurações:

Juntamente com os movimentos sociais e políticas de identidade, a escola e as transformações dos grandes setores de atividade econômica estiveram entre os principais fatores que contribuíram para precipitar o declínio do estereótipo da esposa-mãe-dona de casa, e promover correlativamente um superinvestimento feminino nos papéis sociais da vida profissional. Mais uma vez, as relações familiares e os papéis desenvolvidos por homens e mulheres seriam modificados (SILVA, AMAZONAS & VIEIRA, 2010, p.153).

Desta forma, a introdução da cultura contemporânea baseada no prazer, lazer, na livre escolha e na valorização do consumo, contribuiu para a desvalorização de antigos padrões, ao mesmo tempo em que acrescentou motivos para o ingresso

cada vez maior da mulher no mercado de trabalho, cuja ocupação passou a ser considerado como uma fonte adicional (se não única) de rendimento para a família.

O trabalho, portanto, juntamente com a possibilidade de escolarização, emerge como principal elemento formador dessas novas configurações de gênero e de papéis femininos na sociedade.

Da constatada autonomia profissional feminina, é comum derivar-se ou pressupor a equação de seus efeitos sobre a vida familiar, favorecendo ou permitindo romper uniões e reduzir ou controlar o número de filhos. Desta forma, o trabalho feminino tem sido associado como causa ou condição para mudanças em curso de relações de gênero, e finalmente, no formato das famílias (ITABORAÍ, 2003, p. 2).

Com a mudança de contexto, portanto, decorre uma mudança de identidade do feminino e, como consequência, das configurações familiares. Além disso, como explicitam Losada & Roucha-Coutinho (2007), a contemporaneidade parece inaugurar essa nova forma de subjetividade. O sujeito não mais se constitui a partir da ideia moderna de uma identidade fixa que, uma vez determinada, acompanha o sujeito por toda sua existência como uma marca perene. Atualmente nos deparamos com múltiplos sistemas de significação e representação cultural, que nos apresentam também uma multiplicidade de identidades.

Isto se aplica da mesma forma à identidade da mulher, que não se apóia mais em um único modelo determinado, mas uma multiplicidade de possibilidades e escolhas que não perduram durante a vida e que podem se alterar e se reconfigurar. Pode-se dizer que a mulher atual vive, portanto, um momento de concomitância de papéis, atividades e identidades, diante da maior fluidez das relações de gênero, o que lhe dá possibilidade de ocupar múltiplas identidades e múltiplos espaços (SILVA, AMAZONAS & VIEIRA, 2010).

Do mesmo modo, essa multiplicidade pode acarretar uma incompatibilidade na realização dos diferentes papéis que são atribuídos à mulher.

(...) se, por um lado, há alterações, por outro, há aspectos em que não se percebe tão claramente que a direção seguida, hoje, seja oposta a de décadas atrás. Um exemplo típico diz respeito ao papel da mulher dentro do ambiente familiar. Na verdade, observa-se que mudam algumas palavras: - casa ao invés de lar, mulher ao invés de esposa, o que parece indicar quer a rejeição das amarras, quer a luta, agora sim, muito mais direcionada, da mulher para se posicionar frente ao mundo masculino-feminino. Nessas rupturas com o passado, contudo, ao fazer face a um processo consolidado em muitas décadas, sobrou para a mulher, ainda o sentimento de

culpa que aparece a cada vez que a criança fica doente... os pais precisam de seus cuidados... o casamento vai mal... (BIASOLI-ALVES, 2000, p. 238).

Deste modo, como ressalta Itaboraí (2003), as implicações da inserção do trabalho feminino nos planos individuais e sociais provocam uma série de discussões a respeito de seus benefícios, visto que o aumento de autonomia da mulher em relação à família pode significar, concomitantemente, em uma sobrecarga de trabalho dada pela sobreposição de funções.

Isto evidencia que, ao mesmo tempo em que há a construção de novas possibilidades, há também a manutenção de antigos padrões e de continuidades no que diz respeito às atribuições femininas. Essas manutenções e possibilidades se configuram em diferentes setores. Como explicitam Brushini & Lombardi (1999), as continuidades se dão com um número ainda grande de mulheres em condições inferiores de trabalho, enquanto que as mudanças apontam para uma ascensão, cada vez maior, de mulheres ocupando profissões consideradas de prestígio e anteriormente destinadas exclusivamente aos homens - profissionalizando-se. Essa manutenção se explicita também, de forma muito proeminente, no que diz respeito à maternidade, como ressaltam Losada & Rocha-Coutinho (2007):

Ainda nos deparamos, no entanto, com a força de décadas séculos de investimento cultural, social e ideológico na maternidade. O resultado é que a maternidade permanece como quase essencial para a completa realização da mulher. Ao mesmo tempo, a força da busca pela liberdade individual e crescimento pessoal através de um trabalho fora de casa não pode mais ser escamoteada. Assim, essas duas forças, que a princípio parecem antagônicas, de alguma forma, buscam um nicho de convivência (p. 501).

Estes elementos apontam para o que pode ser considerada a nova identidade feminina, configurada dentro do mundo contemporâneo e determinada por sua construção histórica. Segundo Vieira (2005), a nova identidade da mulher, no contexto capitalista, configura-se pela busca a possibilidade de escolhas e independência, ao mesmo tempo em que se confronta com um mundo instável, em crise dos valores e dos modelos. Este novo contexto coloca a mulher diante de uma multiplicidade de escolhas e oportunidades, que induz a necessidade do autoconhecimento, reflexão sobre suas escolhas, sua vida e suas atividades, já que os caminhos a serem seguidos dependem, a princípio, do desejo e das liberdades individuais.

Assim, a partir de tais subsídios, pode-se pensar a mulher atual de modo geral - na mulher atual como multideterminada, não mais baseada em um único modelo vigente de atuação, mas a partir de um leque de possibilidades e de escolhas que apontam para diversas direções e caminhos a serem traçados. Estas determinações são atravessadas tanto por rupturas como por continuidades de padrões previamente estabelecidos, o que implica em uma convivência simultânea de vários papéis e concepções de feminino divergentes e, ocasionalmente, contraditórias entre si.

Na concepção da Psicologia Analítica, que compreende tanto o indivíduo em seu plano singular como a coletividade e a sociedade como totalidades que abarcam todas as possibilidades e polaridades humanas, é possível entender a mulher e suas estruturações em relação ao gênero, que envolvem um entendimento do contexto particular e social em que vivem, responsáveis por construir as concepções que determinam suas possibilidades, escolhas e determinações. Como foi apontado até aqui, Jung (2006) afirma que muitas formas de masculinidade mais primitiva foram sendo assimiladas, durante a história, pelas mulheres, que encontraram sua utilização na vida feminina através da força de vontade, objetividade, atividade e capacidade de atuação.

Apesar disso,

O problema da mulher atual me parece estar muito mais na postura em relação ao logos do animus, em relação ao espiritual-masculino no sentido estrito, que parece portanto ser uma absoluta expansão da consciência, uma maior consciência em todos os campos, um dado e exigência inevitáveis do nosso tempo. Expressão desse fato é (...) o movimento feminista, a luta pela igualdade de direitos sociais em relação ao homem (JUNG, 2006, p.18).

Torna-se claro, portanto, tendo em vista a elucidação destes conceitos, que as mudanças no contexto social, das dinâmicas em relação ao gênero, acarretaram em relações diferentes, em posturas diferentes por parte da mulher. Uma sociedade em que se incitam cada vez mais comportamentos considerados de uma esfera tradicionalmente masculina, como é o caso da sociedade contemporânea, implica deste modo, em mudanças nas atitudes e comportamentos da mulher, que passaram a ampliar seu campo de atuação na sociedade, por meio do trabalho, carreira e planejamento familiar.

2 OBJETIVO

Tendo-se em vista essa construção da identidade feminina ao longo da história, pode-se concluir que os principais pilares da construção individual da mulher, de maneira geral, são a família (que engloba o casamento e a maternidade) e a carreira profissional. Estas duas dimensões da vida feminina configuram-se, respectivamente, como elementos que remetem a continuidades e quebras de antigos padrões estabelecidos ao longo de todo o período em que a mulher foi construindo sua história.

A partir disso e, levando em consideração a natureza de múltiplas escolhas que determina o cenário contemporâneo, busca-se, neste estudo, um aprofundamento a respeito de como a mulher atual, inserida nesta série de processos, vivencia ambas as possibilidades de construção de família e carreira profissional presentes de maneira simultânea em sua vida.

Este estudo foi organizado através da divisão em capítulos teóricos que possibilitassem um aprofundamento do tema em relação aos referenciais teóricos apropriados: o capítulo 1 trata da evolução da consciência individual e coletiva na perspectiva de autores pós-junguianos; o capítulo 2 visa o aprofundamento dos conceitos de masculino e feminino na psicologia analítica; o capítulo 3 tem como objetivo o estudo do tema da formação de família partindo de uma perspectiva histórica e social e, em seguida, sua divisão nos temas do casamento e da maternidade para uma análise mais focada; o capítulo 4 tem como objetivo apresentar o tema da mulher e o trabalho, bem como suas mudanças na História.

A partir proposta de um estudo de cunho prático, que busca a compreensão da vivência da mulher contemporânea destas questões abordadas pelos capítulos teóricos, ainda serão apresentados o método de obtenção de dados, bem como a apresentação e análise dos resultados, e as considerações finais, que englobam todos os referenciais abordados neste trabalho.

3 CAPÍTULOS TEÓRICOS

CAPÍTULO 1 - A EVOLUÇÃO DA CONSCIÊNCIA INDIVIDUAL E COLETIVA: O DECLÍNIO DO PATRIARCADO E A BUSCA DA ALTERIDADE

Simultaneamente com o processo histórico e social de desenvolvimento e transformação da mulher e de seus papéis, é necessário enfatizar a importância do desenvolvimento da consciência individual e coletiva ao longo da história da humanidade na perspectiva da Psicologia Analítica. Deste modo, pode-se esclarecer os direcionamentos de caráter psicológico em relação a essas mudanças, e sua influência no contexto atual para a mulher.

Whitmont (1991), em sua obra *Retorno da Deusa* realizou um estudo aprofundado deste processo de evolução da consciência coletiva, bem como seu paralelo no desenvolvimento egóico individual, tendo como base a afirmação: *“(...) o desenvolvimento psicológico do indivíduo repete a história da humanidade.”* (WHITMONT, 1991, p. 57). Neste estudo, dá-se ênfase à passagem do matriarcado ao patriarcado, às influências dos elementos femininos e masculinos correspondentes nas estruturas sociais e individuais na atualidade, e, a partir disso, trabalha-se o conceito da decadência patriarcal e o ressurgimento de elementos femininos reprimidos.

Em relação ao feminino e masculino, em sua condição arquetípica e individual, o autor afirma:

(...) são forças arquetípicas presentes em ambos os sexos, conquanto em proporções diversas. Os homens não são meramente masculinos, tampouco as mulheres estritamente femininas. Ambos têm que integrar o outro em si mesmos: ao homem, cabe julgar sua feminilidade inconsciente, ou *anima*, como Jung a denomina, e à mulher cabe integrar sua masculinidade inconsciente, o *animus*. Quanto estas forças estão em equilíbrio, a personalidade também alcança a mesma medida de equilíbrio (WHITMONT, 1991, p.24).

Segundo Jung (2011), o homem, de modo geral, contenta-se com a lógica pura e simples e tudo o que deriva do pensamento racional, refutando elementos que remetam ao mundo inconsciente, fantasias, dos sentimentos e emoções. Este espectro, por sua vez, por ser caracteristicamente feminino, permite que a mulher não se interesse pelo conhecimento dos fatos em si, mas por sua dimensão mais

subjetiva, apresentando uma psique mais direta e mais rica, que lhe dá maior capacidade perceptiva. O homem, nesta dualidade, considera estes elementos como irrelevantes e imprecisos, passando a desconsiderar sua existência, ao passo que a mulher adquire traços masculinos obtidos através da predominância da estrutura social vigente, permanecendo atrelada a uma feminilidade instintiva e arcaica.

Uma predominância de uma dimensão sobre outra, de forma exclusiva e absoluta, portanto, pode ter como principal consequência uma percepção limitada do mundo e seus elementos tanto internos quanto externos, visto que:

Ao contrário das explicações objetivas e da verificação dos fatos, a relação humana se processa no mundo da psique, um domínio intermediário entre o mundo dos sentidos e o das emoções e o espírito, que contém algo de cada um deles, sem contudo nada a perder de seu próprio caráter específico (JUNG, 2011, § 259, p. 136).

Diante disso, é possível perceber, na análise de Whitmont (1991) e também de Neumann (1995) em seu livro *“História da origem da consciência”* ambos referentes às diferentes fases de desenvolvimento e ampliação da consciência *“o movimento pendular de alternância e desequilíbrio entre estes elementos nos diferentes momentos históricos de desenvolvimento do ser humano, e seu análogo na história individual.*

Este movimento tem seu início no período ginecolátrico ou matriarcal, regido pela Deusa, que perdura durante o período pré-histórico e se estende até a Idade do Bronze. Assenta-se nas características femininas da continuidade cíclica de morte e renascimento, em um nível mágico de indiferenciação do tempo e espaço, fusão entre eu e o outro, mente e corpo, elementos estes que são entendidos pela mente consciente como paradoxos, ficando, portanto, impossibilitada de captá-los. Esta realidade, denominada por Jung como *Unus Mundus*, corresponde, no desenvolvimento individual, à primeira infância, onde a criança vive um estágio de identidade simbiótica com a mãe e outros elementos da família que constituem o mundo ao seu redor.

É também, por sua vez, segundo Neumann (1995), descrita por imagens e símbolos que derivam das profundezas do inconsciente, e configuram-se como vias de acesso a ele, que predomina e marca este período. A imagem característica desta fase de continuidade e de ausência dos elementos constituídos pela consciência e racionalização do mundo é o círculo, sem começo e nem fim. Sua

maior representação ocorre através da imagem da cobra circular que morde sua própria cauda, o ÑUroborosÑ que é o círculo que contém em si e pode ser associado ao ventre primal materno e o útero, e que concomitantemente abarca a união do antagonismo masculino-feminino.

O tempo do princípio, anterior ao surgimento dos opostos, deve ser compreendido como a autodescrição daquele grande período em que não havia ainda consciência. Trata-se do *wu chi* da filosofia chinesa, cujo símbolo é um círculo vazio. Tudo ainda se encontra no ãgora e sempreÑ da existência eterna; (...) Esse estado pré-histórico do ser não é o tempo, mas, da mesma maneira como a época que precede o surgimento do homem, o nascimento e a geração, a eternidade. E, assim como não há tempo antes do nascimento do homem e do ego, mas apenas eternidade, não há igualmente espaço, mas somente infinidade.Ñ (NEUMANN, 1995, p.29).

Com a introdução do referencial mitológico e, com isto, uma primeira demonstração e transmissão do humano de seus próprios fenômenos psíquicos (mesmo que não sejam reconhecidos abertamente desta maneira), que marcam a transição entre a fase mágica e a mental, advieram também um primeiro distanciamento do mundo externo e objetivo e uma decorrente formação de identidade pessoal e diferenciada, bem como a divisão do masculino ã que originalmente só existia em germe ã como uma identidade à parte.

Este reconhecimento, como é postulado por Neumann (1996), só pode ocorrer à luz da consciência, e é responsável pela divisão do mundo em opostos, condição necessária para que ocorra a experiência humana. Deste modo, há um jogo de forças antagônicas que envolvem a expansão característica humana da consciência em detrimento de uma existência inconsciente no seio da Grande Mãe, resultando na diferenciação do ego, na separação dos pais primordiais, desmembramento do dragão primordial, que leva ao desenvolvimento do humano como personalidade dotada de ego estável.

Como coloca Whitmont (1991), com a Idade do Ferro e o fim do nomadismo, instaura-se também o gérmen da cultura, juntamente com um direcionamento, planejamento da vida natural e o surgimento de uma moralidade coletiva, responsável pela canalização dos impulsos e desejos individuais. Concomitantemente, há o não reconhecimento do amor romântico, vivenciado neste período sob a forma do desejo físico, feitiço e sedução, estabelecendo o envolvimento pessoal como uma calamidade.

A descoberta da dualidade significa a cisão do Uno original indiferenciado não só no homem e no mundo, mas também em fêmea e macho. (...) Essa tendência à conscientização por intermédio de cisões é inerente ao caráter masculino, que cresce cada vez mais em importância (WHITMONT, 1991, p.77).

Esta predominância dos elementos androlátricos culmina na fase mental, essencialmente patriarcal, marcada pelo nascimento do Herói e sua luta com os Pais Primordiais, tornando-se o que se denomina "precursor arquetípico da humanidade em geral." (NEUMANN, 1995, p.107). Assim sendo, esta fase vê-se caracterizada pela dicotomização de sentimentos, experiências e pensamentos, bem como do mundo interno e externo, características tipicamente masculinas. Decorrente desta divergência há uma tomada de poder dos indivíduos pelos próprios atos e, com isso, a instauração da culpa e da responsabilidade moral – o que implica no surgimento da individualidade e de um autocontrole. Estes elementos foram responsáveis por impulsionar o humano a relacionar-se com o ambiente de forma diferenciada e, com a vontade, instaura-se também a necessidade de preservação, visto que o ego e a consciência são os requisitos necessários para a superação da natureza infantil dos medos e dos impulsos.

Nestas configurações, ressalta-se a percepção sensorial do mundo para a configuração da realidade, em detrimento às percepções da psique e da decorrente continuidade entre mundo interno e externo que, por sua vez, não cessam de existir, mas são reprimidos e permanecem parcialmente no organismo psíquico, sob uma forma inconsciente e pouco desenvolvida. Em outras palavras, "O mundo feminino da Deusa e de seu consorte Dionísio ou Pã, cede o lugar ao Deus cujo nome é 'sou o que sou'" (WHITMONT, 1991, p. 86).

Diante disto, é importante ressaltar que a soberania de um sistema sobre outro não implica na total destituição dos princípios anteriores, mas sua repressão massificada, incentivada pelo estabelecimento de valores e prioridades. Segundo Harding (1985), há ainda uma dimensão subjetiva que influencia a percepção do indivíduo moderno sobre o mundo, mesmo que esta não seja devidamente reconhecida. Tal dimensão ultrapassa a percepção objetiva e, portanto, se sobrepõe a ela, criando uma superstição através da confusão destes elementos.

Esses fatores subjetivos, entretanto, são entidades psíquicas poderosas que pertencem à totalidade do nosso ser; não podem ser destruídas. Podemos ignorá-las, reprimi-las, mas continuam a existir. Enquanto não forem reconhecidas e forem

banidas da nossa vida consciente, irão se interpor entre nós e todos os objetos que vemos, e nosso mundo inteiro será distorcido ou iluminado pelo fator subjetivo adicionado (HARDING, 1985, p.30).

1.1 Repressão do feminino

No reino do patriarcado, com o surgimento da consciência do ego, bem como da racionalidade e linearidade (que marcam uma religiosidade baseada na depreciação da vida natural, da existência mundana e do corpo) tem-se a desvalorização do feminino e de suas representações como condição necessária. Com esta mudança, há a impressão do gênero dominante na consciência, nas estruturas psíquicas básicas e nas configurações corporais, enquanto que os elementos reprimidos encontram-se recessivos, atuando como potencialidades. Entretanto, este tipo de configuração não pode se dar como imposta por uma parte ao todo, mas deve ser considerada como abertamente aceita, como um momento de transição necessário no caminho da evolução humana.

No mundo androlátrico, onde reina a ordem e a ilusão, as mulheres precisam ser boas, delicadas, provedoras e receptivas, reproduzindo valores e condições impostas pelos dinamismos patriarcais vigentes, aprendendo a cercear suas ânsias através de caminhos culturalmente aceitos, sendo propensas a manifestações de vergonha e auto-rejeição (WHITMONT, 1991). Segundo Harding (1985), a partir do movimento de negligência de seus aspectos interiores e subjetivos, as mulheres estão sujeitas a certa falsificação de seus valores existenciais, visto que, mesmo seguindo padrões sociais antigos, a mulher adaptou-se principalmente de acordo com a maternidade e o casamento, medindo o sucesso de sua vida a partir destas dimensões primordiais de sua vida - estabelecidos sempre por padrões externos.

Atualmente, este julgamento não decorre mais pelo critério exclusivo do casamento e da maternidade, mas englobou outras dimensões da atualidade, tais como o trabalho, as relações sociais e necessidades emocionais. Todos estes aspectos, entretanto, existentes nas necessidades femininas atuais, quando combinados tornam a tarefa de desenvolvimento e adaptação mais complexa. Enquanto que as agitações interiores relativas a atividades no mundo exterior e objetivos são apaziguadas, já que ainda são consideradas como legítimas e

aceitáveis, as questões relativas a outras fontes mais subjetivas e espirituais são deixadas de lado, o que torna este conflito, característico da modernidade, muito mais abrangente e devastador para a mulher.

A desvalorização do Feminino, portanto, tem suas raízes numa dinâmica psíquica mais elementar do que em apenas modas ou preconceitos passageiros. Conquanto possa ter sido uma atitude lamentável e até mesmo destrutiva, parece ter sido necessária ao desenvolvimento da própria consciência do ego (WHITMONT, 1991, p.144).

Deste modo, como postula ainda Harding (1985), estas configurações acarretam em um desenvolvimento do lado masculino da mulher, principalmente ligado ao trabalho e ao mundo dos negócios, por meio de uma ocupação ou uma carreira. Isto passou a ser um pré-requisito adaptativo ao mundo contemporâneo, tanto para homens como para mulheres que, por sua vez, encontram-se ainda mais atreladas a este conflito interno entre necessidade de inserção no mundo a partir de uma perspectiva unicamente masculina e a adaptação às necessidades mais interiores, ligadas a sua natureza feminina.

Não é um problema de adaptação da mulher aos mundos do trabalho e do amor, esforçando-se para dar o mesmo peso a ambos os lados de sua natureza, mas sim uma questão de adaptação aos *princípios* femininos e masculinos que interiormente governam o seu ser (HARDING, 1985, p.36).

Este dinamismo tem também um impacto, mesmo que de forma e intensidade diferente, no homem, visto que é dotado de uma feminilidade intrínseca, que acaba sendo igualmente reprimida, causando assim, um conflito que se dá de forma generalizada no mundo contemporâneo ocidental, visto que este padece de uma falta de contato com os aspectos subjetivos e espirituais diante da falha do pensamento racional, da ciência e da objetividade em abarcar todas as questões essenciais da humanidade.

Paralelamente às diferenças primordiais entre os sexos, há sua ênfase dada pelas distinções de origem cultural de homens e mulheres, do que é caracterizado essencialmente como sendo feminino e masculino. Segundo Whitmont (1991), a cultura, entretanto, baseia-se em elementos já existentes, em condições pré-concebidas referentes ao feminino e masculino, e a partir daí estrutura suas determinações e concepções. Deste modo, ocorre uma miscigenação no que concerne à questão da repressão feminina, visto que ela não se dá

necessariamente na mulher em si, mas na condição feminina tanto de mulheres como de homens.

Assim, com o atravessamento das influências culturais e suas prerrogativas, a mulher acaba sendo moldada para encaixar-se em determinados papéis que acabam tornando-se característicos, formando sua *persona*. É socialmente aceito que a mulher seja atenta, sensível, receptiva e dotada de uma força vinculadora, capaz de nutrir, parir e proteger, enquanto que, em uma dimensão mais concreta, suas atitudes podem deixar vislumbrar outras possibilidades.

Todos os elementos que são alheios a esta configuração regente, e que, encontram-se reprimidos e inconscientes, acabam sendo temidos, não vistos como intrínsecos e paralelos, mas como externos e potencialmente destruidores da ordem imposta e valorizada.

Acreditamos na ordem, na razão e no progresso, e atribuímos as mudanças, a destruição e a transformação ao inconsciente. Preferimos não olhar perto demais para o abismo do lado escuro da deusa, com sua terrível capacidade de dissolução e destruição e, ainda assim, perigosamente atraente. Por conseguinte, da vasta gama de qualidades femininas, somente conseguiram fazer-se aceitáveis ao ego patriarcal as qualidades maternas de provedoras e protetoras da vida (WHITMONT, 1991, p.155).

Assim, a mulher atual encontra-se entre exigências que vão desde a questão da maternidade e o casamento, remanescentes de um processo de submissão feminina e repressão de seus aspectos mais essenciais, e a inserção igualitária em um contexto predominantemente masculino em busca de uma valorização social e individual, necessitando, desta forma, de uma adaptação a demandas que não dizem respeito à mulher e sua natureza.

Segundo Jung (2006), o conflito pode se manifestar de maneira relativamente inconsciente, visto que muitas mulheres inseridas neste contexto apesar de acreditarem terem obtido uma relação perfeita e equilibrada com seu animus, padecem de questões orgânicas decorrentes de um desequilíbrio, tais quais insônia, dores de cabeça e problemas respiratórios (que lhes são característicos),

Se o problema não é abordado, se a mulher não cumpre suficientemente a exigência do tornar-se consciente ou da atividade espiritual, então o animus torna-se autônomo e negativo, e age de maneira destrutiva sobre o próprio indivíduo, bem como sobre suas relações com outras pessoas (JUNG, 2006, p.19).

Colocando estas reflexões à luz dos conceitos trazidos por Whitmont (1991), Moraes (1994) compara o atual período histórico ocidental com a fase da adolescência dentro do desenvolvimento individual;

Após um suposto período matriarcal, viveu-se sob a égide do ciclo patriarcal, com a predominância de valores masculinos como a razão, a consciência, a agressividade e a objetividade, com a respectiva repressão do feminino. Na adolescência, justamente, ocorre a explosão da sexualidade impulsionando a atração entre os sexos opostos. Desse movimento em direção ao que é diferente, oposto e complementar resulta a possibilidade da Alteridade (MORAES, 1994, p. 15).

Tendo isto em consideração, pode-se considerar a possibilidade de superação de estados de predominância masculina ou feminina para um diálogo entre estas duas dimensões. Com isto, tanto mulheres quanto homens seriam capazes de ocupar um espaço na sociedade que fosse mais genuíno, a partir das referências externas e também das disponibilidades e disposições internas.

A partir deste histórico, faz-se necessário o aprofundamento de algumas questões que auxiliam na compreensão das transformações de gênero nos diferentes momentos da história da humanidade. Há algo essencialmente feminino e essencialmente masculino? Como estes conceitos se manifestam na realidade individual atual de homens e mulheres?

CAPÍTULO 2 - FEMININO E MASCULINO

À luz dos conceitos da psicologia analítica, podem ser traçados paralelos entre a construção da mulher e seu papel na sociedade, juntamente com sua constituição psicológica de forma individual. A partir do embasamento teórico dado por esta vertente entende-se, na psique como totalidade de possibilidades, a mulher como dotada de características que dizem respeito tanto à natureza feminina como àquela masculina, através, respectivamente, das arquetípicas denominadas Anima e Animus: "Anima significa o componente feminino numa personalidade de homem e o animus designa o componente masculino numa personalidade de mulher." (SANFORD, 1986, p.12). Estas atuam como complexos funcionais que agem como elementos compensatórios e complementares da personalidade externa, consciente e manifesta, fornecendo aquelas propriedades que faltam (JUNG, 2006).

Esta personalidade, denominada por Jung (2008) como *persona*, caracteriza-se por ser "(...) um complicado sistema de relação entre consciência individual e a sociedade;" (JUNG, 2008, § 305, p.68), elemento essencial para o reconhecimento da individualidade no seu meio e suas expectativas, o que demanda do indivíduo um verdadeiro movimento de auto-sacrifício, composto de uma série de concessões, que é compensado por uma "vida particular". Há, por sua vez, uma tendência do indivíduo inserido no contexto contemporâneo de uma identificação ainda maior com sua *persona*, em detrimento dos seus elementos mais internos e mais obscuros, que passam a não ser reconhecidos como próprios e limitam-se a atuações erráticas e indiferenciadas, beirando momentos de perda de controle, apesar de sua integração ser essencial no processo de individuação.

Diante disso, no que se refere à questão de gênero, Jung (2008) afirma:

A anima, sendo feminina, é a figura que compensa a consciência masculina. Na mulher, a figura compensatória é de caráter masculino e pode ser designada pelo nome de *animus*. Se não é simples expor o que deve se entender por anima, é quase insuperável a dificuldade de tentar descrever a psicologia do animus (JUNG, 2008, § 323, p. 81).

Anima e animus podem ser definidos, segundo Stein (2006), como arquétipos, situando-se para além das forças que determinam a consciência, além do alcance da percepção, no domínio das formas e poderes espirituais impessoais, sendo

percebidas somente através de suas manifestações. Anima/us, dentro desta definição, também podem ser considerados complexos funcionais que, em contrapartida com a persona, estão voltados para a adaptação aos conteúdos internos, como imaginação, impressões subjetivas, idéias, humores e emoções.

Desta forma, são consideradas como imagens coniventes com a definição de arquétipo, visto que formam bases de padrões comportamentais de cunho instintivo, e, portanto, não aprendidos, comuns a toda a espécie humana e que se apresentam sob formas típicas e definidas (SANFORD, 1986).

Esta definição, entretanto, não é dada com base em padrões culturais estabelecidos, mas é capaz de explicá-los, visto que tais padrões estruturam-se em dinâmicas e elementos já existentes como potencialidades humanas, através de características do feminino e masculino em sua dimensão arquetípica.

Jung diz que os homens são masculinos no exterior e femininos no interior, e que as mulheres são o inverso. As mulheres são dadas a relacionar-se, são receptivas e impressionáveis em seu ego e persona, e são firmes e contundentes no outro lado de sua personalidade; os homens são duros e agressivos no exterior, brandos e comunicativos no íntimo (STEIN, 2006, p. 121).

Essas características, por sua vez, não se determinam apenas por uma estruturação *a priori* do sexo oposto, mas são também, em uma dimensão individual, condicionadas e moldadas pelo contato e pelas experiências que se têm com o outro gênero no decorrer da vida e, igualmente, pelas imagens coletivas e culturais referentes aos gêneros e os discursos vigentes na sociedade (JUNG, 2006).

Na mulher – assim como o inverso, no homem – o animus tem sua base no inconsciente coletivo, que fornece sua dimensão arquetípica, mas é moldado a partir da experiência individual, através do contato com relações primordiais, como o pai, a mãe e seus respectivos lados masculinos, assim como outras figuras de análoga importância. Para a mulher, portanto, esta noção de animus se desenvolve a partir de uma referência de um (...) elemento contra-sexual, um outro, um homem interior, uma alma parcial, um lado masculino, às vezes plural, um comitê, um júri, um conselho editorial (KOLTUV, 1997).

Desta forma, este arquétipo se manifesta de forma diferente, a depender do contexto em que se encontra.

O animus, o lado masculino repressivo da mulher, é o impulso para a ação, capacidade de julgamento e discriminação. É inconsciente, não pela repressão, é um a priori, um arquétipo. É formado por inúmeros padrões. Quando dominada por ele, a mulher passa a ser governada por noções pré concebidas, preconceitos, tendendo a generalizar (FRIAS, 2003, p.13).

Segundo Sanford (1986), a projeção exerce um papel essencial nesta dinâmica e, desta maneira, na manifestação destas características em sua forma individual para cada sujeito, visto que é através das projeções que se manifestam tais conteúdos psíquicos anteriormente inconscientes. Deste modo, ã(...) os homens, identificados com sua masculinidade, tipicamente projetam seu lado feminino sobre as mulheres, e as mulheres, identificadas com sua natureza feminina, tipicamente projetam seu lado masculino sobre os homensò(SANFORD, 1986, p.21).

Deste modo, devido a sua natureza compensatória, anima e animus podem manifestar-se em suas projeções em seus aspectos positivos ou negativos, a depender do tipo de relação que mantém com o ego e a consciência, bem como com os elementos constituintes da persona. Esta qualidade determina o tipo de relacionamento estabelecido entre um homem e uma mulher, que envolve relacionamento entre aspectos anímicos:

Se tanto um homem quanto uma mulher projetam suas imagens positivas um sobre o outro simultaneamente, temos aquele estado, aparentemente perfeito, de relacionamento conhecido como estarem os dois apaixonados, um estado de fascinação recíproca (SANFORD, 1986, p.26).

Paralelamente, o relacionamento pode ocorrer baseado em seus aspectos negativos, aparecendo como destruidores ou enfurecedores, acometendo homens e mulheres das maneiras mais diversas. Tem-se como pressuposto, entretanto, que como figuras arquetípicas, anima e animus são constituintes fundamentais da essência humana, com os quais torna-se imprescindível a construção de um relacionamento, através do qual pode buscar aceitação e compreensão e, com isto, uma convivência mais harmônica (SANFORD, 1986).

Diante disso, pode-se entender o contexto da mulher atual inserida em estruturas sociais predominantemente masculinas, o que acarreta uma dinâmica particular de relacionamento com seu mundo externo, bem como aquele interno.

A mulher aprendeu a reconhecer que não pode ser igual ao homem, que antes de mais nada é mulher e deve sê-lo. Permanece entretanto o fato que uma determinada

quantidade de espírito masculino amadureceu na consciência das mulheres e deve encontrar em suas personalidades seu lugar e sua atuação (JUNG, 2006, p.19).

Segundo Jung (2006), deve-se levar em consideração tanto a repressão do feminino, quanto a manifestação do masculino na mulher moderna. Mesmo com a inserção da mulher no mercado de trabalho, por meio do qual passou a desenvolver carreiras destinadas anteriormente ao público masculino, e sua decorrente formação intelectual por meio de cursos superiores, tais elementos não necessariamente subentendem um bom relacionamento destas mulheres com seus animus. Muitas vezes, implicam em um afastamento dos elementos femininos inerentes e também em uma identificação com o animus, que apontam para um desequilíbrio interno. Tal dinâmica de posseção do animus tem diversas manifestações, que podem tanger tanto o plano físico quanto o psicológico, através de depressões, insatisfação geral e perda de sensação de vida, sintomas que apontam ã(...) para o fato de que uma metade da personalidade tem sua vida quase roubada pela usurpação do animus.ò (JUNG, 2006, p.27).

Deste modo, uma dominação pelo animus torna-se difícil de ser percebida, podendo atuar, inclusive, no campo das relações interpessoais, substituindo uma leitura dos sentimentos com uma leitura do intelecto, dificultando-as.

O que acontece quando se está num estado de identidade com o animus é que nós pensamos, dizemos ou fazemos algo, convencidos de que somos nós, quando na realidade é o animus que fala através de nós sem que tenhamos consciência dele. Muitas vezes, é muito difícil até mesmo perceber que um pensamento ou opinião é ditado pelo animus e não algo de que estejamos convictos, pois ele dispõe de uma espécie de autoridade e poder de sugestão diretos, violentos (JUNG, 2006, p.27).

Concomitantemente, como postula Whitmont (1994), é necessário que a mulher integre em sua personalidade elementos de agressividade, positividade e raciocínio independente como próprios, confrontando-se, assim, com seu animus, que se torna um referente importante para seu desenvolvimento individual e, principalmente, a possibilidade de realizar escolhas conscientes e ponderadas. Caso contrário, corre o risco de permanecer atrelada ao estereótipo feminino instituído socialmente, visto que permanecer como ã(...) dona-de-casa maternal, dócil, e amorosa que é incapaz de pensar por si própria significa a morte da personalidade real.ò(WHITMONT, 1994, p. 189).

Tendo como base estes conceitos, pode-se concluir que a tarefa da mulher moderna de busca de equilíbrio torna-se ainda mais complexa, levando em consideração o contexto em que está inserida e os aspectos com que está constantemente em contato, visto que tem que lidar, por um lado, com demandas sociais que apontam para caminhos distintos – da maternidade e do trabalho – e por outro, com demandas internas, cuja negligência resulta em uma série de consequências.

Deste modo, é necessário esclarecer como a mulher vem edificando estes pilares que constroem sua subjetividade e seu lugar na sociedade e suas transformações e, com isto, fornecer um embasamento para a compreensão aprofundada das novas possibilidades e significados da mulher no contexto atual.

CAPÍTULO 3 - FORMAÇÃO DE FAMÍLIA

O papel da família e, principalmente, da maternidade na sociedade sofreu grandes transformações ao longo da história, decorrentes de mudanças nas estruturas sociais e nas formas de relações. Segundo a definição dada por Badinter (1985), a mãe é, em um sentido habitual e tradicional, uma figura relativa, pois depende da presença de marido e dos filhos, e tridimensional, visto que, além de ser esposa e mãe, também é mulher. Deste modo, torna-se impossível definir as mudanças e perpetuações no conceito de maternidade de modo desvinculado à história da família e de seu papel na sociedade.

Segundo a autora, os papéis sociais na família foram determinados pelas necessidades dominantes da sociedade de cada período, o que implica em uma relação significativa entre a determinação do papel da mulher e a luta entre os sexos.

Quando o farol ideológico ilumina apenas o homem-pai e lhe dá todos os poderes, a mãe passa à sombra e sua condição se assemelha à da criança. Inversamente, quando a sociedade se interessa pela criança, por sua sobrevivência e educação, o foco é apontado para a mãe, que se torna a personagem essencial, em detrimento do pai. Em um ou outro caso, seu comportamento se modifica em relação ao filho e ao esposo. Segundo a sociedade valorize ou deprecie a maternidade, a mulher será, em maior ou menor medida, uma boa mãe (BADINTER, 1985, p. 26).

A autora faz uma distinção clara na determinação destes papéis antes e depois do século XVIII, que trouxe uma mudança dramática nas conceituações sociais de família, criança, amor materno e papel da mulher no núcleo familiar e da sociedade. Durante toda a antiguidade houve uma predominância inalterada do pai e marido como chefe e autoridade máxima no núcleo familiar e, conseqüentemente, na sociedade. O cristianismo e seus pressupostos normatizaram a relação conjugal, reduzindo o casamento a uma união de companheirismo e submissão feminina que, ao mesmo tempo em que dá um fim à poligamia, condena a sexualidade, o prazer e a extravagância de sentimento e relação no matrimônio.

O homem era, então, percebido como superior à mulher e à criança, diferença esta concebida como inerente à natureza humana, que o dotaria, pois, de uma autoridade natural sobre a esposa e os filhos (ARAÚJO & MOURA, 2004, p. 45).

Há, portanto, uma desvalorização da afetividade como forma de vinculação familiar, tanto no casamento, que se tratava de um contrato estipulado por interesses mútuos, quanto em relação à prole. Neste contexto, a criação dos filhos seguiu o mesmo molde e embasamento ideológico. A infância, durante este período, era tida como uma fase impura, resultando em igualmente pecaminosa qualquer tipo de afetividade em relação à criança. Isto incluía também a amamentação por parte das mães, ato este considerado como via para a perda moral de seus filhos.

A imagem da criança trazida pela sociedade regente, portanto, é de um estorvo dentro da família, de um fardo insustentável tanto para a mãe, que deve abdicar de liberdades pessoais e responsabilidades com a família para cuidar do filho, como para o pai, que perde atenção dentro da relação conjugal. Deste modo, não eram raras as práticas de infanticídio e abandono em suas diversas dimensões, principalmente por questões de escassez de recursos, tanto econômicos quanto de disponibilidade, por parte dos pais. A mais disseminada destas práticas consistia na recusa de amamentação e a delegação dos filhos a um cuidado aquém da família, reservado principalmente aos não primogênitos, o que tornou as amas-de-leite freqüentes dentro do âmbito familiar e doméstico.

Além disso, a criança não era diferenciada no que diz respeito a um cuidado específico, visto que, segundo Ariès (1981), era colocada no mesmo âmbito do adulto, implicando em uma alta mortalidade infantil que perdurou até o século XVIII. É comum, neste contexto, associar a alta mortalidade como causa direta da falta de apego por parte das mães, que, para amenizar o impacto e o sofrimento da perda, tem os filhos como substituíveis e suas eventuais mortes prematuras como eventos corriqueiros. Badinter (1985), em sua análise, inverte este pressuposto, alegando ser a alta mortalidade a consequência própria da falta de apego de suas mães por seus filhos, que se abstinham e delegavam o cuidado materno, principalmente nos primeiros meses de vida da criança e, portanto, no período de sua maior fragilidade.

A maternidade era, então, entendida pelas mulheres como uma ocupação indigna e pouco gratificante e desvalorizada socialmente. Por questões físicas, de *status social* e de pressupostos morais, as mulheres comumente não amamentavam seus filhos, prática esta apoiada pelos maridos que receavam restrição do prazer conjugal decorrente da sexualização e da imundície resultante da amamentação.

Nesta conjuntura, tem-se o papel da mulher concomitantemente como desqualificado e inferiorizado na família e da sociedade, visto que esta não exercia nenhuma atividade que lhe fosse própria ou retinha algum tipo de poder e de autonomia. Tendo em vista estas condições, houve uma mobilização, mesmo que discreta, de mulheres na França durante o século XVII, que visavam tanto quebrar com as principais amarras femininas - tais quais a maternagem e o autoritarismo do marido - como procurar refúgio em um desenvolvimento intelectual clandestino como forma de obter liberdade e funcionalidade em seu meio. Como consequência, essas mulheres foram ridicularizadas e sofreram oposição masculina, visto que, obcecadas pelo parecer, trocavam uma servidão por outra sujeição. (BADINTER, 1985, p. 118), condicionando sua liberdade aos preceitos que prevaleciam no momento.

Para resumir as motivações tradicionais invocadas ou dissimuladas pelas mulheres para não se ocuparem de seus filhos, parece-nos que elas se apegam a duas razões não exclusivas. De um lado, o egoísmo que as faz preferir, acima de tudo, a sua liberdade e a sua pessoa; do outro, o amor-próprio que as impede de restringir sua dignidade de mulheres aos limites da maternidade. Revelaram-se, assim, três tipos de mulheres mais ou menos liberadas ou alienadas; embora todas elas invoquem sua liberdade como motivo essencial de sua ação (BADINTER, 1985, p. 117).

Como postula Badinter (1985), o século XVIII marcou uma reviravolta na determinação dos papéis familiares e na definição do cuidado materno, que passou a ter como pressuposto a definição do amor materno como incondicional, espontâneo e universal, e, portanto a ser disseminado como valor primordial da essência feminina. A sociedade passa a ter como principal objetivo a sobrevivência das crianças, consideradas símbolo de perpetuação e continuidade, e, com isto, as mulheres são estimuladas a retomarem atividades relativas à maternagem anteriormente esquecidas.

Segundo Araújo e Moura (2004), este discurso foi articulado por um lado pelos interesses econômicos do Estado e por outro pela influência das autoridades profissionais na sociedade, dando-se destaque para a categoria médica, função representada por cientistas e pesquisadores homens. O que era considerado, então, era a maternidade e os cuidados com a criança como funções naturais e exclusivas das mulheres e de sua natureza feminina e, portanto, a forma considerada mais adequada de relacionamento.

Este movimento permitiu que se desenvolvessem, no campo das relações sociais, uma noção de vida privada e novas configurações familiares, onde a afetividade passou a ser um elemento essencial.

A relação conjugal modificou-se, uma vez que o antigo casamento por contrato não era conveniente aos novos ideais libertários igualitários, passando o casamento por amor para a ordem do dia. A felicidade conjugal ganhou importância para a família e, ainda que a distinção entre homem e mulher permanecesse, a consciência social modificou-se em relação ao sentido da família e da infância, alterando profundamente as relações marido-esposa e pais-filhos (ARAÚJO & MOURA, 2004, p. 46).

As mulheres adotaram tal discurso vigente, mesmo que de forma gradual e pouco uniforme entre as diferentes camadas sociais, não em prol de uma necessidade que lhes fosse própria e intrínseca, mas para garantir seu papel exclusivo e insubstituível na família. Estes princípios se disseminaram principalmente para as mulheres da classe burguesa, que viram uma oportunidade de emancipação e obtenção de poder na família, visto que sairia da mesma categoria de passividade dos filhos para assumir um papel mais ativo, o da *frainha do lar* (...), desde que não transcendesse o domínio doméstico (ARAÚJO & MOURA, 2004, p. 47).

A partir do século XIX, essa configuração materna assumiu novas características e mostrou um novo sentido no que diz respeito ao modelo de mãe adequado. Isto se deu, em parte, graças à grande influência da psicanálise, que determinou a mãe como responsável pelo desenvolvimento físico e pelo bem-estar emocional de seu filho, trazendo uma responsabilidade ainda maior para o encargo materno. Com isso, houve uma *medicalização* dos problemas atribuídos ao cuidado materno, reforçando o discurso moralista já regente. Isso pode ser exemplificado pela patologização da relação mãe e filho e de uma intensificação do papel da mãe como a fonte principal de saúde mental do filho, capaz de determinar seu funcionamento no mundo e nas relações por toda a vida.

Assim, a mulher passou a ser reduzida ao seu papel de mãe e julgada moralmente pelo seu desempenho em relação ao modelo esperado socialmente de uma mãe boa e adequada.

Enclausurada em seu papel de mãe, a mulher não mais poderá evitá-lo sob pena de condenação moral. Foi essa, durante muito tempo, uma causa importante das dificuldades do trabalho feminino. A razão também do desprezo ou da piedade pelas

mulheres que não tinham filhos, do opróbrio daquelas que não os queriam (BADINTER, 1985, p. 238).

Badinter (1985) caracteriza este novo modelo de mãe e, conseqüentemente, de mulher - como devota, educadora, altruísta e disposta ao sacrifício pelos seus filhos. Com isto, o trabalho feminino, já existente nas camadas menos abastadas da sociedade, passou a ser condenado pelo discurso moralista, visto que era considerado como atividade secundária e não vitalícia para a sociedade, uma pretensão quando comparada à necessidade feminina de cuidado com a prole. As intelectuais, por sua vez, que consideravam a maternidade como fardo e abdicaram desta função de maneira voluntária, foram consideradas a fonte e causa de todos os flagelos e desordens dentro da sociedade, visto que tratar-se-iam de elementos desagregadores e profanadores dos valores vigentes.

Segundo a autora, esta mudança teve conseqüências distintas para as mulheres da época: se, por um lado, permitiu a uma parcela das mulheres viver sua maternidade com orgulho e realizar-se com o prestígio decorrente desta atividade, por outro lado exerceu uma pressão sobre outra parcela de mulheres que, ao serem mães sem desejar sê-lo ou por não conseguirem desempenhar um papel esperado e adequado como tal, foram condenadas à culpa e à frustração. Os homens, por sua vez, viram sua imagem paterna eclipsada dentro da grandiosidade da responsabilidade materna, perdendo seu poder de forma gradual no âmbito familiar.

O século XX, mais especificamente a década de 60, foi marcado por uma série de transformações que buscaram encerrar as concepções vigentes de feminilidade e maternidade, lançando uma luz sobre possibilidades e desejos anteriormente reprimidos e proporcionando novas possibilidades de inserção da mulher na sociedade.

A contradição entre os desejos femininos e os valores dominantes não pode deixar de engendrar novas condutas, talvez mais perturbadoras para a sociedade do que qualquer mudança econômica que se produza (BADINTER, 1985, p. 332).

Este movimento chocou-se com as idéias dominantes a respeito de modelo de maternidade, pois contrariava os elementos que se consideravam como sendo intrínseco à natureza feminina. Em decorrência disso, aquelas mulheres que se desvincularam disso, demonstrando virilidade, independência ou atividade foram

avaliadas por estes padrões como loucas de personalidades incompletas, visto que não estavam de acordo com sua natureza e sua função social.

Concomitantemente, à medida que muitas mulheres foram se desenvolvendo intelectualmente, buscando uma autonomia anteriormente renegada, também passaram a desempenhar funções tradicionalmente masculinas, reivindicando esse espaço como igualitário entre os sexos. Esta igualdade também passou a ser almejada no âmbito doméstico e familiar, onde as mulheres não abdicaram de suas funções essenciais maternas, mas começaram a desejar a divisão das tarefas com seu cônjuge, refutando a idéia anterior da maternidade como inerente à natureza feminina.

Diante disso, Badinter (1985) caracteriza as novas configurações femininas por um duplo papel da mulher, que passa a associar seu papel materno, consistindo nas atividades domésticas e referentes ao mundo privado, a seu papel feminino e sua inserção na sociedade. Decorrente de um conflito de interesses associado a essa dualidade, a mulher cada vez mais passou a optar pela sua inserção no mundo profissional sem que houvesse, para isto, uma necessidade econômica, em detrimento das funções maternas. “Uma vez mais, porém, temos a prova de que a maternidade não é sempre preocupação instintiva, primeira da mulher” (BADINTER, 1985, p. 346).

Esta nova estrutura ideológica acarretou uma maior liberdade para a mulher expressar suas frustrações e seus desejos além do papel da maternidade sem que isso implicasse em um repúdio social. Além disso, implicou em um abandono do pai como figura de autoridade máxima e, com isso, em uma miscigenação dos papéis considerados femininos e masculinos por homens e mulheres nas atividades tanto de âmbito doméstico como social. Com isso, as relações conjugais também passam a sofrer alterações e decorrentes mudanças de papéis do homem e da mulher, principalmente no núcleo doméstico, mas também como novas formas de concepções sociais.

3.1 Casamento

O amor e os relacionamentos conjugais configuram-se como assuntos de grande interesse em diversos períodos históricos, retratados desde então na transmissão de histórias, na literatura, na poesia e, mais recentemente, no cinema, protagonizados pelo casal, que se mostra sempre presente no repertório humano de imagens. Moraes (1994) aponta que este fascínio pelo tema decorre de seu caráter arquetípico, que lhe permite ultrapassar os limites temporais e espaciais e integrar o repertório de experiências típicas da espécie humana.

A união do homem e da mulher, desde sempre, simboliza, de maneira privilegiada, a união de princípios universais opostos: o Masculino e o Feminino. Essa polaridade, e seu permanente anseio de integração, permitem intuir a possibilidade de um estado de completude. Cada um dos pólos anseia pelo outro movido pelo impulso que o direciona à totalidade (MORAES, 1994, p. 18).

Jung (2008) ressalta a presença da consciência como elemento essencial para que haja um relacionamento psíquico entre dois seres humanos. Diante disto, coloca que o jovem, ao atingir a idade adequada para o casamento, possui uma consciência de *freu* mesmo que limitada, visto que há pouco tempo ainda estava imerso no inconsciente inicial. Entretanto, as escolhas que permeiam o casamento vislumbram tanto a dimensão consciente quanto aquela inconsciente do homem e da mulher.

Quanto maior for a extensão da inconsciência, tanto menor se tratará de uma escolha livre no casamento; de modo subjetivo isto se faz notar pela *coação do destino*, claramente perceptível em toda a pessoa apaixonada. Mesmo quando faltar o apaixonamento continua a existir a coação, contudo de forma menos agradável (JUNG, 2008, § 327, p.196).

Deste modo, as influências que interferem as escolhas dentro do âmbito do casamento abarcam, também, motivos inconscientes, podendo ser de natureza tanto pessoal como coletiva. Neste ponto, partindo do pressuposto que muitas das determinações que acometeram os pais acabam sendo inconscientemente herdadas pelos filhos, mesmo que de forma oposta, Jung (2008) destaca como *decisivo* para o rapaz o relacionamento com a mãe, e para a moça o relacionamento com o pai. (JUNG, § 328, p.196).

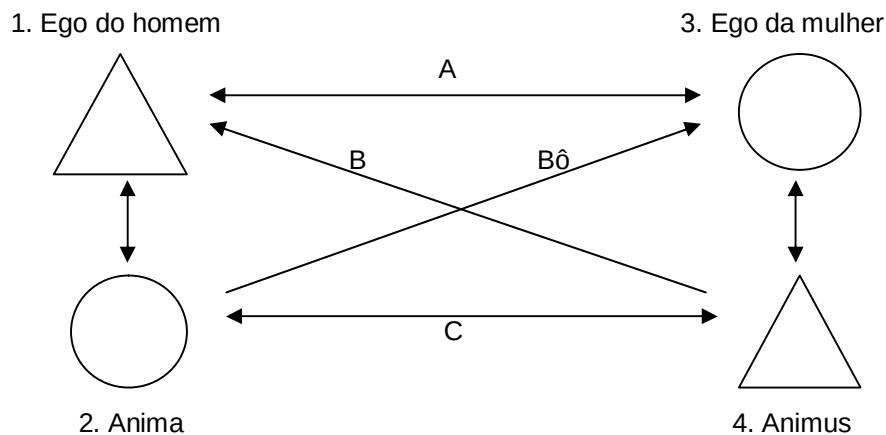
De tal modo que a escolha do parceiro também acaba assumindo este caráter inconsciente e instintivo, desde que realizada de forma livre e não imposta. Assim é possível explicar o sentimento de completude que deriva da união de dois indivíduos em um casal, onde os elementos em questão em um primeiro momento são as projeções inconscientes que ocorrem respectivamente.

Sanford (1986) identifica estas projeções como a anima e o animus do homem e da mulher, respectivamente, no seu cônjuge que assim configuram-se como as noções de feminino ou masculino que o indivíduo carrega em si, tanto em seu aspecto coletivo quanto individual. Além disso, como visto anteriormente, também pode envolver aspectos positivos ou negativos do arquétipo, o que passa a ser determinante para a relação conjugal.

O estado de paixão que caracteriza o início dos relacionamentos amorosos de forma marcada seria, essencialmente, uma projeção mútua de aspectos positivos do animus e da anima entre a mulher e o homem. Com isto, pode-se depreender que quanto mais os aspectos projetivos estiverem presentes, menor será a presença dos indivíduos dentro da relação em sua dimensão mais humana.

Quando nos apaixonamos por alguém que não conhecemos como pessoa, mas por quem somos atraídos porque reflete para nós a imagem do deus ou da deusa em nossas almas é, num certo sentido, apaixonarmo-nos por nós mesmos, apaixonar-se cada um por si mesmo e não pela outra pessoa (SANFORD, 1986, p. 29).

Deste modo, Sanford (1986) esquematizou os diferentes níveis do relacionamento e os elementos neste envolvidos, com o intuito de compreender sua dinâmica e suas diferentes possibilidades através da Fig(1):

Fig(1):¹

Fica claro, assim, que existe, além da relação consciente entre o homem e a mulher (A), a influência das projeções de anima e animus (B e Bô). Além disso, o esquema traz a presença de um relacionamento inconsciente, marcado pela atração entre anima e animus (C), que configura o elemento mais importante, determinante para que haja a atração e o magnetismo inicial da paixão.

Entretanto, esta dinâmica não permanece imutável à medida que a relação vai atingindo maiores graus de intimidade e de maturidade. Relacionamentos baseados exclusivamente em um estado de paixão não duram, visto que não há a consideração do outro independente na relação e a incorporação deste outro. Deste modo, a sobrevivência da relação reside na capacidade de superar as projeções e perceber o outro e suas imperfeições, tornando a relação cada vez mais real e baseada nos indivíduos que a compõem. Não se pode considerar, porém, as projeções como nocivas ou passíveis de serem evitadas, visto que é através delas e do contato com o sexo oposto que anima/us se expande e o conhecimento a respeito de si é enriquecido pela presença do outro.

Em outras palavras, o amor real começa somente quando uma pessoa chega a conhecer a outra, para quem ele ou ela é realmente um ser humano e quando começa a amar esse humano e a preocupar-se com ele (SANFORD, 1986, pg. 30). Com isso, o relacionamento amoroso configura-se como essencial para o desenvolvimento da personalidade e da vida emocional tanto do homem quanto da

¹ Jung *apud* Sanford (1986)

mulher, bem como de expansão da consciência e possibilidade de autoconhecimento através do outro e da relação com ele.

Segundo Bolen (2011), a principal influência arquetípica para a mulher no que concerne à busca de uma relação conjugal e, principalmente, do casamento, seria a deusa da mitologia grega Hera, casada com Zeus e conhecida como a deusa do matrimônio. Traçando este paralelo, então, a mulher tipo Hera sente-se fundamentalmente incompleta sem um companheiro e um reconhecimento externo de sua união, buscando a totalidade através do matrimônio sagrado e da expectativa arquetípica de que o homem a preencherá. Hera pode passar a ser predominante a partir da meia idade, quando o enfoque em uma série de relacionamentos ou na carreira tenha obstruído a possibilidade de casamento estável. Assim, a mulher tipo Hera limita-se a seu papel de cônjuge a depender da força e da intensidade do arquétipo, visto que é de natureza potencialmente opressora para ela. Com isto, a mulher tende a entrar em um relacionamento de forma incondicional, já que o papel de esposa é arquetípico, e não um estado circunstancial passível de mudanças. Este papel de esposa pode, portanto, trazer felicidade e realização e, dependendo da situação, dor e raiva na mesma intensidade, caso a qualidade do casamento ou a fidelidade e empenho do marido não sejam satisfatórios.

Em relação ao casamento sagrado Harding (1985) coloca que:

Uma mulher moderna, que procura estabelecer relação com a deusa Lua ou princípio feminino dentro de si, pode ter que se submeter a seu próprio instinto, reconhecendo-o não somente como um conceito intelectual mas, de fato, como uma influência determinante na sua vida como um todo: ou pode precisar aceitar a ordem de Eros de *estar relacionada* e submeter seus próprios desejos àquela diretriz (p.197).

A autora define, desta maneira, este ato sagrado como desvinculado de um propósito econômico, ou da necessidade de vinculação a um homem real, mas a possibilidade de relacionamento com o próprio instinto, manifestação da deusa do amor e que comporta também o amor não recíproco e o sofrimento como partes inerentes desta experiência.

O arquétipo de Hera, e, portanto, a valorização do casamento para a mulher, é ainda, muito reforçado pelos valores patriarcais vigentes - apesar da ampliação da participação da mulher no mercado de trabalho e nos meios acadêmicos - onde

imperava a necessidade feminina de reconhecimento através da união conjugal. No casamento tradicional há uma separação de esferas (pública e privada) e cada um dos cônjuges desempenha papéis opostos e complementares. Assim, como enfatiza Bolen (2011), "O que quer que a cultura considere 'masculino' não é desenvolvido na mulher. A mulher tipo Hera facilmente herda esse padrão" (p.232).

Moraes (1994), da mesma forma, destaca, além da dimensão individual (e dual) dos relacionamentos conjugais, sua influência cultural e as formas específicas assumidas a partir deste parâmetro. O amor romântico, valorizado atualmente, preconiza o par, enfatizando a intimidade e a privacidade, trazendo a mulher no papel de esposa e mãe, parte de um projeto conjunto com seu parceiro. Deste modo, este ideal de amor está intimamente associado com o ideal de casamento e maternidade, independente da realização individual neste conjunto.

Atualmente, porém, eventuais mudanças no comportamento sexual de homens e mulheres introduziu a idéia de outro tipo de relacionamento, denominado de relacionamento puro, capaz de reconhecer suas limitações e enfatizando o aproveitamento individual mais do que a manutenção de um sofrimento em nome de ideais de relacionamento ou família. Passou-se a ter também a idéia de relacionamento amoroso desvinculado de casamento e maternidade e tem-se a mulher como principal envolvida nesta transição, o que a torna extremamente ameaçadora para os homens que tem as mulheres como garantia de segurança afetiva (GIDDENS, 1993).

O amor romântico presumia, justamente, paixão baseada em identificação projetiva. Mas esta vai contra o desenvolvimento de um relacionamento que envolva intimidade. A abertura para o Outro contida no projeto de relacionamento puro pressupõe a quebra da ilusão mantida pela projeção (MORAES, 1994, p. 21).

Estas questões estão intimamente ligadas ao conceito de intimidade e suas variações ao longo da História. Segundo Giddens (1993) o conceito de intimidade começa a ser introduzido juntamente com o amor romântico, por ser incompatível com a luxúria. Implica, então, em "uma comunicação psíquica, um encontro de almas que tem um caráter reparador" (p. 56). A intimidade é então colocada como decorrente de um ambiente reflexivo, onde há a busca da preservação da identidade, visto que, apesar de seu surgimento, a intimidade não abarca a ideia de idealização do outro. Isto possibilita que os sujeitos se tornem mais abertos e

solidários, abrindo espaço para que se desenvolva o relacionamento puro, baseado na confiança e no respeito mútuos.

3.2 Maternidade

Em sua obra, Jung procurou pontuar o papel da mãe em sua dimensão dupla, de doadora de vida e nutridora por um lado e, por outro, em seu aspecto destrutivo e devorador. A bipolaridade, portanto, é característica da denominada mãe arquetípica, que transparece tanto na imagem das deusas mães em todo o mundo como em toda mulher individual. Nesta definição, a mãe permanece sempre como um mundo de origem, de atemporalidade, de calor, segurança, que fornece alimento e proteção. Independente da qualidade da experiência individual com a mãe, esta possui invariavelmente o lado instintivo, o ritmo da natureza, de alternância entre nascimento e morte.

Neumann (1999) expõe, em sua obra, o simbolismo central do feminino, suas principais características e como estas atuam sobre o desenvolvimento individual e coletivo. Aponta, primeiramente, o vaso como núcleo simbólico do feminino, onde repousam as experiências e os elementos mais característicos desta dimensão humana. O vaso abrange, em si mesmo, todas as funções vitais básicas através das zonas de entrada e saída e sua característica oca, de um interior abrangente e desconhecido.

O autor aponta o interior do corpo, bem como seus canais de acesso ao mundo externo, como de caráter numinoso desde o homem primitivo, implicando assim na dimensão da percepção instintiva e inconsciente do indivíduo.

O interior do corpo é arquetipicamente idêntico ao inconsciente, ao local dos fenômenos psíquicos que, para o ser humano, ocorrem dentro dele e nas trevas as quais como a noite, são um símbolo típico do inconsciente (NEUMANN, 1999, p. 47).

A dupla natureza característica do símbolo traz duas manifestações relacionadas com o símbolo do corpo-vaso: uma na sua dimensão subjetiva e individual que, no referencial teórico apresentado pela psicologia analítica, corresponde a uma experiência coletiva, e em sua dimensão coletiva, pode-se

relacionar com uma vivência de percepção mitológica e cósmica do mundo, a percepção de um deus ou um astro, ou seja, o preenchimento do mundo com imagens inconscientes e pouco discriminadas e a percepção desses elementos por parte do indivíduo e seu corpo. Isto pode ser relacionado com a fase matriarcal, descrita anteriormente, caracterizada por indiscriminação de elementos e concepção primitiva do mundo, denominada por Lévy-Bruhl de *participation mystique*, vivenciada na modernidade através das projeções.

A mulher, em sua expressão simbólica do corpo-vaso, é a forma natural da concepção humana do feminino.

(...) o Feminino não é apenas o vaso que, como qualquer corpo, contém algo dentro de si. É, ainda, tanto para si como para o masculino, a fãida-vaso enquanto tal. É o recipiente onde se forma a vida, continente de todas as coisas vivas, as quais depois descarrega no mundo (NEUMANN, 1999, p. 48).

Neumann (1999) traz, então, o Grande Feminino como principal caráter norteador do surgimento da consciência humana, visto que o bebê nasce e passa a ser moldado pelos seus contatos, que destaca a mãe como principal conexão com o mundo. Isto acarreta na vivência da grandeza do Feminino como abrangente, que protege, nutre, ampara, dá vida e calor (em contrapartida com o indivíduo, que se vê pequeno, desamparado e dependente), o que não se dá em outras espécies animais, cujos indivíduos nascem dotados de maior independência e consciência sensorial).

Entretanto, o caráter elementar do Feminino não contém somente elementos positivos, mas sempre engloba a outra polaridade de forma combinada e concomitante em sua totalidade. Deste modo, ao mesmo tempo em que o Feminino contém e abarca em si, também pode fixar, reter, isolar e aprisionar; simultaneamente à proteção, aquecimento e nutrição, também ocorre a privação e a rejeição - principalmente como punição pela falta de obediência, enfatizando o Feminino como força esmagadora; ao mesmo tempo que transforma e desenvolve, também é responsável por diminuir e devorar.

Esta dinâmica de polaridades que se contrapõem e se complementam, permite que se instalem os conflitos necessários para o desenvolvimento humano, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento da consciência. Em um nível individual, são elementos básicos que impelem o indivíduo, e principalmente o jovem

adulto, a buscar sua própria fonte de sobrevivência, saindo assim da dependência do materno e buscando seu processo de independência e desenvolvimento.

De forma resumida, o autor expõe que:

Considerando que todos os elementos positivos e necessários à existência, como nutrir, alimentar, aquecer, proteger, oferecer segurança e proteção estão ligados à imagem do Grande Feminino e que este transmite, de fato, todos esses conteúdos positivos no seu relacionamento com a criança e o infantil, todas as rupturas e aflições que acometem o fluxo positivo que provém da mãe para todo o ser vivo, todas as necessidades e todo o tipo de privação serão atribuídas à mesma Grande Mãe em seu aspecto de mãe terrível e máo (NEUMANN, 1999, p.67).

Esta visão traz, portanto, a imagem do Feminino (e, particularmente, da Mãe) como dotada de polaridades opostas e complementares, e se contrapõe às concepções unilaterais do papel materno dentro do núcleo familiar e do âmbito social apresentadas aqui anteriormente nas mudanças da imagem materna ao longo da História - colocando a mãe como unicamente provedora e responsável ou completamente desvinculada de sua prole.

Como exemplo de modalidade baseada no funcionamento materno, há o arquétipo de Deméter, a deusa do cereal da mitologia grega, mãe de Perséfone, raptada por Hades e levada ao inferno. Bolen (2011) refere-se a Deméter como sendo o representante do arquétipo materno, "(...) o instinto maternal desempenhado na gravidez ou através da nutrição física, psicológica ou espiritual de outros." (BOLEN, 2011, p.241). A mulher tipo Deméter, portanto, tem como maior função ser provedora de alimento para o outro, que pode ocorrer através de alimento e cuidado físico, mas também emocional, psicológico e até espiritual, a depender de seu papel de atuação. Ela se realiza e alcança sua totalidade arquetípica ao ter filhos próprios, visto que a mulher passa a cultivar Deméter a partir do momento em que começa a pensar em ter filhos, sofrendo com a incompletude do útero vazio caso essa situação não se materialize ou se modifique. Entretanto, a intencionalidade de seus atos de engravidar e ter um filho pode depender da força de atuação deste arquétipo, que pode tornar esses fatos "acidentais"

Como mãe, a mulher tipo Deméter condiz com a definição de Grande Mãe e suas polaridades. Ao mesmo tempo em que é nutridora e protetora, seu aspecto destruidor pode-se mostrar através da recusa e da negação das necessidades do outro, principalmente como forma de evitar que este crie independência e assim, se

afaste dela, inutilizando-a em sua função primordial. Pode-se tornar, assim, superdominadora e incapaz tanto de negar-se a atender as necessidades alheias como de olhar para aquelas que lhe são próprias. Com isso, essas mulheres normalmente atuam em profissões específicas de cuidado, consideradas tradicionalmente femininas. Entretanto, muitas das mulheres tipo Deméter ressentem-se das feministas e da tendência contemporânea de desvalorização da maternidade, visto que estas buscam ser mães em tempo integral e sentem-se pressionadas a trabalhar fora do lar como forma de reconhecimento social ou de suprir necessidades econômicas.

Segundo Vitale et al. (1979), durante muito tempo da história humana o ato da fertilização não envolvia, necessariamente, a associação entre o pai e a mãe e, portanto, trazia o pai como descartável dentro da relação. Para que uma sociedade sobrevivesse sabia-se do poder da mãe, doadora de vida.

Não se pensava, então, a existência de um pai desvinculado da presença de uma mãe, apesar de ser possível a conceituação da mãe de forma independente. A presença do pai foi se sobressaindo a partir de uma necessidade da presença de uma força criativa que fosse mais independente da natureza do que a mulher. O conhecimento do papel do homem na procriação deu-se a partir da fase agrícola da História da Humanidade, há, aproximadamente, dez mil anos. Isto ocorreu graças, entre outros fatores, ao maior desenvolvimento intelectual que permitiu, dentre várias habilidades cognitivas, o desenvolvimento da memória.

Além disto, a sedentarização e a criação de animais permitiu que se concluísse que se os indivíduos do mesmo sexo ficassem juntos, não poderia haver produção. Esta constatação foi associada às relações humanas, o que transformou não só o relacionamento entre o homem e a mulher, tornando-o hierárquico, mas influenciou nas questões relativas à herança, ao controle de sexualidade feminina, ao poder do homem sobre sua companheira e à prole (DUPUIS, 1989).

Neste contexto e desta estruturação teórica, o pai é tido como a razão, a consciência, o conhecimento e a luz. Para a criança, é o mediador entre o mundo externo e o lar (a mãe), impondo autoridade e inspirando ambição e sucesso introduzindo o mundo do trabalho no ambiente doméstico.

Nas denominadas sociedades patriarcais, o pai é considerado a pessoa mais importante da família, encarregado pelo sustento de seus membros, bem como seu

bem estar, educação, escolha de profissão e a responsabilidade por todos os seus atos. Concomitantemente, a ele era devida a obediência da mulher e de seus filhos de forma inquestionável.

Com a introdução de novos discursos teóricos na sociedade moderna dos séculos XIX e XX, a mãe passou a ser superenfaticada, passando a reter toda a responsabilidade em relação à sua prole, principalmente no que concerne à possíveis perturbações resultantes de um relacionamento deficiente com a mãe. O papel de mãe, portanto, colocava-se em evidência na vida da mulher, em detrimento de seu papel de esposa e de mulher em sua totalidade, processo este enfatizado pelo surgimento das teorias psicológicas que destacavam tais concepções.

Agora, a mulher é igual ao marido econômica e legalmente; foi proclamada a maior importância da mãe na unidade familiar: boa parte da responsabilidade do pai foi assumida pelo Estado do Bem-Estar. Assim, ele foi destronado, tanto pela mãe quanto pelo estado (VITALE et al., 1979, p.47).

Esta disparidade no que se refere ao papel da mãe em relação ao papel do pai acarreta algumas consequências para a sociedade moderna: uma deficiência do ego, que passa a operar na coletividade, onde prevalecem idéias constituintes da sociedade vigente, passando a perder sua constituição individual. Neste sentido, os indivíduos ficam massificados de acordo com referenciais e idéias externas, mas que constituem um conhecimento maior, visto que o enfraquecimento patriarcal destitui o sujeito de seu poder de esclarecimento, que se vê tomado pelo poder da mãe que, nas palavras de Vitale et al. (1979) está ligada à terra e à matéria e, portanto, é o todo e o nada maior.

Whitmont (1994), por sua vez, traz o momento atual como marcado pela busca da alteridade, de reintegração do feminino reprimido de uma forma renovada e harmônica aos valores masculinos vigentes. Segundo o autor, há um movimento em direção a uma canalização e um direcionamento do reaparecimento da Deusa e seu consorte. Isto, em termos psicológicos então, traz o seguinte questionamento:

(...) que modalidades especiais de percepção, sentimento e comportamento resgatarão a noção de significado e unidade entre o mundo e o homem, superando a alienação da mente moderna, dando-nos rituais de controle da agressão e proporcionando-nos assim uma nova ética? (WHITMONT, 1991, p.169).

Diante disso, pode-se concluir que o feminino encontra-se cada vez mais renovado e presente no contexto contemporâneo, tanto para mulheres quanto para homens nos mais diversos âmbitos de atuação. A intensa repressão destes elementos traz o momento atual como fase de transição de concepções de gênero que estavam anteriormente alicerçadas nos moldes do patriarcado, para abarcar também elementos do feminino.

CAPÍTULO 4 - A MULHER E O TRABALHO

Dejours (2005), em sua obra, define o trabalho como ã(...) a atividade coordenada desenvolvida por homens e mulheres para enfrentar aquilo que, em uma tarefa utilitária, não pode ser obtido pela execução escrita da organização prescrita.ò (p.42). Esta definição, portanto, traz o trabalho como não somente uma mera execução de uma tarefa, mas uma atividade que exige um investimento por parte do indivíduo, uma expressão individual e particular desta.

O trabalho é tido atualmente não somente como uma forma de inserção do indivíduo na sociedade, mas também como parte constituidora essencial da individualidade, exercendo um papel importante na formação constitutiva dos indivíduos em sua dimensão subjetiva e social. Com o intuito de compreender a posição da mulher no mercado de trabalho e suas condições atuais, é necessário retomar sua trajetória neste campo, desde sua inserção inicial até as possíveis repercussões atuais, que permitem apontar um caminho para novas possibilidades para a mulher.

A mulher foi, ao longo da História, ocupando e acumulando diversos papéis e lugares na sociedade, trazendo, de forma análoga, as mudanças nos conceitos de gênero, família e trabalho. Esta trajetória encontra-se marcada pelos próprios efeitos da representação feminina na sociedade, e a importância que foi sendo dada à mulher ao longo do tempo. Segundo Nogueira (2004), a mulher só passou a ser incluída nos recenseamentos a partir do séc. III d. C., visto que, durante a antiguidade, este tipo de atenção era dispensada somente àquelas que ocupavam o papel de herdeiras. Assim, foi a partir deste momento que passaram a ser registrados os questionamentos a respeito da mulher, sua função e seu papel dentro da sociedade, demarcados pelo lugar que ocupavam e seus deveres a serem cumpridos. Decorrente disso, da mesma forma, é possível perceber a existência das primeiras constatações a respeito de desigualdades de classe e gênero.

No que se refere ao trabalho, a autoria aponta para a presença do trabalho feminino já nos séculos que antecedem a Era Cristã, visto que tanto a mulher livre quanto a escrava estavam destinadas a ocupar o espaço de trabalho pertencente à esfera doméstica, sendo responsáveis, então, pela manutenção da subsistência, incluindo alimentação e higiene dos homens e crianças. Colocando, assim, a família

como um fenômeno social construído historicamente, é possível depreender igualmente que ã(...) a *divisão social do trabalho* gera uma forma de *divisão sexual* entre as ditas funções femininas e masculinasò(NOGUEIRA, 2004, p.4).

A Idade Média também se caracterizou pela escassez de relatos a respeito da condição social feminina. O trabalho feminino, nesta época, era dividido em categorias, dependendo da situação social da mulher, visto que as solteiras eram responsáveis por lavar e tecer, as mães se ocupavam dos cuidados reservados às crianças, enquanto que as mulheres de meia idade eram encarregadas dos filhos mais velhos e da cozinha. Além dessa divisão social, o trabalho era também divergente para as mulheres do campo em relação àquelas da cidade, visto que além de cuidar das tarefas domésticas, ajudavam seus maridos na atividade agrícola (PERROT *apud* NOGUEIRA, 2004).

Já na idade moderna, que abrange do século XVI a XVIII, o trabalho feminino estendeu-se do contexto meramente doméstico para outros setores, e muitas mulheres passaram a dividir os afazeres tradicionais com um trabalho fora de casa, principalmente no comércio e na prestação dos serviços domésticos. A Revolução Industrial, no século XIX, por sua vez, viu-se marcada por uma importante migração do campo para a cidade, que impulsionou o desenvolvimento da indústria como principal atividade e a consolidação da burguesia. Isto acarretou, principalmente, a progressiva inserção feminina no mercado de trabalho, como uma forma de aumentar a força de trabalho nas fábricas e no uso de maquinaria, que dispensava a força muscular e, portanto, podia ser exercida também por mulheres e crianças. Fonseca (2000) aponta a indústria têxtil como o setor mais importante nesta mudança de meios de produção, e aquele que abarcou em massa essa nova classe de trabalhadores, marcando o ingresso definitivo da mulher no mercado de trabalho.

Dentre os efeitos decorrentes destas mudanças, é necessário destacar a transformação do valor da força do trabalho e sua representação social, dado que:

O capitalismo usa dessa divisão sexual do trabalho para incentivar a competição entre os trabalhadores, rebaixando os salários em decorrência do ingresso da força de trabalho feminina, incorporada à classe trabalhadora e percebendo salários ainda mais reduzidos. Desse modo, a classe trabalhadora, composta por mulheres, foi reduzida à condição de simples força de trabalho vivo, ou seja, matéria de exploração do capital, visando à ampliação de seu ciclo reprodutivo e à sua valorização (NOGUEIRA, 2004, p. 10).

É necessário destacar que não foi somente a transformação nos meios de produção e o surgimento de um decorrente nicho no mercado que possibilitou que a mulher se estabelecesse como uma classe trabalhadora, visto que estes fenômenos também proporcionaram à mulher uma posição de visibilidade que antes não possuía, passando a ser objeto de estudo, questionamento e referência para definir as novas configurações de trabalho e sociedade que estavam sendo criadas.

A inserção da mulher neste âmbito ocorreu de forma limitada, visto que ainda encontrava-se encarregada das tarefas domésticas, ã(...) mostrando que não houve quase nenhuma possibilidade de combinação entre trabalho produtivo e reprodutivo (NOGUEIRA, 2004, p.15). Consequentemente, a mulher passou a ocupar cargos inferiores, menos especializados e pior remunerados em relação aos homens, durante períodos curtos de suas vidas, visto que, assim que se mostrasse necessário, tinham sua atenção voltada exclusivamente ao domínio doméstico. (SCOTT, 1994)

Kollontai (1982), por sua vez, defende que para que a mulher seja bem-sucedida em seu processo de libertação iniciado neste contexto, ela deve ã(...) se desembaraçar das cadeias que faz pesar sobre ela a forma atual, ultrapassada e constrangedora, da família. (p. 13). Entretanto, coloca as novas configurações de gênero e de produção como igualmente perigosas, visto que também podem se configurar como amarras para a mulher, que viu-se impelida a passar de um extremo para outro da mesma questão. A mulher:

(...) se dá conta, com assombro, de toda a inutilidade do equipamento moral com que a educaram para percorrer o caminho da vida. As virtudes femininas ã passividade, submissão e doçura ã que lhe foram inculcadas durante séculos, tornaram-se agora completamente supérfluas, inúteis e prejudiciais. (...) Precisa agora de firmeza, decisão e energia, isto é, aquelas virtudes que eram consideradas como propriedades exclusivas do homem (KOLLONTAI, 1982, p.17).

Assim, por uma questão adaptativa em relação a esta série de mudanças apontadas, houve, conjuntamente, a suspensão de valores tradicionais femininos para que houvesse, assim, a introjeção de valores opostos e conflitantes, que levou a mulher a adotar, novamente, uma série de obrigatoriedades e papéis sociais sem que esta pudesse exercer alguma crítica a respeito de tais imposições.

Neste contexto, faz-se essencial destacar essa passagem da atividade feminina doméstica ã como dona-de-casa ã para o trabalho extra-domiciliar

remunerado, que possibilitou que a mulher se colocasse em uma posição que pudesse ser considerada comparável àquela do homem no âmbito social. Segundo Bruschini & Lombardi (2000), os estudos que destacam o percurso da mulher no mercado de trabalho - que passaram a se destacar a partir do século XIX e, principalmente, no século XX como um ramo importante de estudo e pesquisa - apontam para uma série de mudanças e continuidades em relação à condição feminina.

Dentre as continuidades, destaca-se a predominância de mulheres ocupando setores considerados mais precários e menos valorizados socialmente no que se refere à remuneração, proteção social ou condições de trabalho propriamente dita. Tais setores são tradicionalmente ocupados por mulheres, como o trabalho doméstico e outras atividades sem remuneração e outros nichos do mercado, como Enfermagem e Magistério. Este grupo de atividades possui uma característica essencialmente feminina visto que os afazeres domésticos e de cuidado são tidos socialmente como pertencentes à mulher e podem ser definidos como atividades econômicas nas quais os indivíduos prestam serviços remunerados de natureza não lucrativa, em benefício de pessoas ou famílias. Apesar de apresentar um pequeno declínio nas últimas duas décadas, associado a um ligeiro aumento do percentual masculino, ainda são atividades marcadamente ocupadas por mulheres.

As mudanças, por sua vez, apontam para um polo oposto, trazendo uma maior presença feminina em carreiras consideradas socialmente de prestígio, como Medicina, Arquitetura, Direito e a Engenharia, carreiras estas até pouco tempo atrás ocupadas quase que integralmente por homens. Esta mudança ocorreu, principalmente, decorrente dos movimentos feministas que eclodiram na década de 60 e 70 e que deram abertura para que a mulher ocupasse cargos nas áreas científicas e artísticas, bem como um seu ingresso no âmbito universitário.

É possível perceber, entretanto, que as dificuldades que surgiram nos primeiros momentos de inserção feminina no mercado de trabalho encontram-se presentes no contexto atual, mesmo que sob uma perspectiva diferente e aparentemente mais permissiva em relação à presença feminina. Sobre isso, Carvalho e Silva (2006) aponta que:

Não foi e continua não sendo fácil a inserção da mulher no mundo do trabalho, uma estrutura conservadora, sempre e ainda regida por valores machistas, e que resiste à

aceitação do diferente. Que tolera, como inevitável, a inexorável escalada da mulher nos negócios, mas desde que elas não mexam no essencial: o machismo. Quanto mais facilmente se enquadrarem no modelo patriarcal, mais facilmente serão as mulheres assimiladas e, até mesmo, admiráveis (p. 130).

Além disso, perpetua-se a necessidade feminina ã considerada inerente - de ser responsável pela administração das tarefas domésticas, na administração da casa, dos filhos e do marido, o que implica em uma necessidade constante, por parte da mulher, em dosar seus esforços para se dedicar para somente uma área de sua vida.

Segundo Meirelles (2001), a questão do gênero, bem como suas implicações e processos de transformação são elementos que devem ser considerados na organização do trabalho que segue, primariamente, um modelo indiscutivelmente masculino de funcionamento. Essa ideologia, portanto, responsável por privilegiar a produtividade e a eficiência, foi incorporada imediatamente na vida das mulheres que se inseriram neste contexto relativamente novo, em detrimento de outros fatores igualmente essenciais no contexto feminino ã mas também de homens ã como a importância das relações, principalmente daquelas familiares.

Na mitologia grega, esse aspecto feminino referente aos seus elementos masculinos e o mundo do trabalho pode ser simbolizado pelo arquétipo de Atenas, deusa da sabedoria e das artes, que nasceu já uma mulher formada da cabeça de Zeus, sendo assim, portadora de um só genitor ã o pai. Bolen (2011) traz Atenas como ã(...) a protetora das cidades, das forças militares, e deusa das tecelãs, ourives e costureirasò (p. 116), sendo também a companheira e protetora dos homens heroicos. Assim, a mulher tipo Atenas possui, caracteristicamente, mente lógica, e é governada mais pela razão que pela emoção, predispondo-se a focar em suas próprias necessidades ao invés de priorizar as necessidades e o cuidado do outro. Por ser um arquétipo feminino, ela diz respeito a modos de funcionamento específicos e traços naturais de algumas mulheres, e não necessariamente de mulheres que se portam ãcomo homensò ã o que implica que não está dominada pelo seu *animus*.

Quando a mulher é capaz de entrar em contato com essas qualidades femininas, é também capaz de desenvolver uma autoimagem positiva e se sentir equilibrada consigo mesma, ao invés de temer uma eventual ãmasculinizaçãoò de sua personalidade. Esta manifestação arquetípica, portanto, prospera na mulher

inserida em setores comerciais, acadêmicos, científicos e políticos, onde ela encontra maior facilidade de aplicar estas qualidades de forma natural. Além disso, a autora também destaca que, enquanto filha apenas do pai, a mulher tipo Atenas tende a se aliar com homens que possuem autoridade, poder e responsabilidade, contando assim com uma dedicação mútua no planejamento e na realização de suas estratégias. Assim, a mulher tipo Atenas é, essencialmente, uma defensora dos valores patriarcais e mais tradicionais, tendendo a aceitar normas previamente estabelecida e resistindo a possíveis mudanças que possam desestruturar esta ordem.

A Atenas tem também, como traço essencial, sua couraça dourada, que simboliza o encorajamento desta mulher por trás de suas defesas intelectuais, que a mantém devidamente afastada de qualquer tipo de envolvimento emocional que possa ser antagônico em relação à sua natureza racional. A Atenas encorajada é também, como traz Carvalho e Silva (2006), a amazona de couraça que povoa os ambientes empresariais, que, juntamente com o poder, acumula também uma elevada carga de responsabilidade em seu cotidiano, que não pode ser atenuada pela espontaneidade ou pela perda de controle, levando esta mulher à desestabilização de seu sistema psíquico, ao desespero.

4 MÉTODO

Levando-se em consideração o objetivo do estudo, que busca o aprofundamento da vivência da mulher em relação à multiplicidade de suas possibilidades, adotou-se o método qualitativo-descritivo para a pesquisa, com o intuito de compreender, de maneira aprofundada, os significados subjetivos das variáveis em questão. Este método propõe uma abordagem compreensiva e interpretativa dos fenômenos em função do contexto em que estão inseridos, considerando tanto seus aspectos objetivos como aqueles subjetivos, procurando, deste modo, uma compreensão detalhada do objeto de estudo contemplado em uma dimensão histórica e em uma determinada estrutura.

Este método configura-se, portanto, como uma forma de trazer à tona essa questão do feminino (e, mais amplamente, de gênero), permitindo que os significados dados a este âmbito e suas particularidades possam, assim, tomar forma.

A pesquisa feminista e a pesquisa qualitativa foram, muitas vezes, sinônimas em função dos métodos abrirem-se mais às vozes das mulheres e suas necessidades. (...) A pesquisa qualitativa permite que as vozes das mulheres sejam ouvidas e que os objetivos sejam concretizados (MIES *apud* FLICK, 2009, p. 78).

Tem-se como base para o paradigma da psicologia analítica, ou seja, o modelo da teoria ampliada cujo pilar básico é a noção de totalidade dinâmica e diversificada que configura a natureza da realidade, responsável por abarcar as dimensões psíquica, física, pessoal, coletiva e histórica. Estas dimensões estão atravessadas e agregadas pelos símbolos, que se constituem como únicas possibilidades de acesso ao mundo subjacente na realidade manifesta, tornando possível o conhecimento tanto do nível pessoal como do coletivo (PENNA, 2005).

Diante do objetivo do estudo, enfatiza-se a busca dos símbolos nas vivências individuais das mulheres dentro do contexto em que estão inseridas, realizada por meio do conceito junguiano da ampliação simbólica. Este método foi desenvolvido com o intuito inicial de interpretação onírica, através do estabelecimento de relações entre imagens universais e as do sonho, e consiste, essencialmente, na utilização de paralelismos místicos, históricos e culturais visando ampliar o conteúdo metafórico,

tornando-o de significado universal, por meio de uma síntese de padrões pessoais e coletivos (PLAUT, SAMUELS & SHORTER, 1988).

Deste modo, procura-se compreender, por meio destes recursos teóricos e da realização de uma entrevista semi-dirigida, a mulher contemporânea a partir de sua vivência das questões da família e do trabalho dentro de um contexto amplo, que engloba aspectos sociais, históricos e da coletividade de modo geral.

4.1 Participante

Os critérios de inclusão na amostra foram: indivíduos do sexo feminino, com idade entre 25 e 35 anos, pertencentes às classes média e alta urbana – visto que abrange uma população de mulheres mais voltadas para o desenvolvimento profissional –, casadas e que tenham, no mínimo, um filho. Devem, também, estar inseridas em profissões consideradas de prestígio social, das quais foram destacadas o direito, a medicina, a engenharia e a arquitetura, áreas estas até recentemente reservadas aos homens, nas quais a presença feminina é crescente nas últimas duas décadas (BRUSCHINI & LOMBARDI, 1999). Estas profissões, além de configurarem um campo emergente para a mulher contemporânea, necessitam de um grau elevado de investimento pessoal para a construção de uma carreira profissional.

Ao buscar-se mulheres que, dentro destes moldes, estejam inseridas, simultaneamente, em um núcleo familiar e em uma destas quatro carreiras de prestígio, evidencia-se a multideterminação que configura a mulher que é decorrente de seu contexto histórico e social e ampliam-se as possibilidades para que as vivências e os conteúdos relacionados a elas possam emergir.

Diante dos requisitos estabelecidos, que visam a manutenção do objetivo da pesquisa, a participante escolhida para a realização deste estudo é uma mulher de 23 anos, casada e com um filho de 3 anos de idade. Encontra-se, no momento da realização da pesquisa, em processo de graduação no curso de Direito, trabalha como chefe do departamento jurídico dentro de uma empresa.

4.2 Material

Utilizou-se como instrumento para esses fins uma entrevista semi-dirigida com um único respondente (tópico guia em ANEXO I). A entrevista está estruturada visando o método de análise de Bardin (2010), com o intuito de elaborar categorias que permitam a captação dos conteúdos que tenham em vista o escopo do estudo, sendo submetidas, posteriormente, a uma leitura simbólica com base nos conceitos da psicologia analítica. Para isto, a entrevista foi gravada, visto que “[...] é preciso que o entrevistador não interfira nas respostas do entrevistado(a), limitando-se a ouvir e a gravar a fala dele(a)” (OLIVEIRA, 2005, p. 93).

Dado o objetivo da pesquisa, enfatizou-se a necessidade da não restrição das possibilidades que proporcionassem atingir uma diversidade de vivências por parte da população dentro dos critérios de seleção de participantes anteriormente apontados. Deste modo, utilizou-se o método de “bola de neve” para a obtenção da participante, que consiste na busca dentro de redes de contato disponíveis para a pesquisadora.

4.3 Procedimento de aplicação

A entrevista foi proposta por e-mail à participante, visto que já conhecia pessoalmente a pesquisadora por frequentar o mesmo colégio, onde foi explicado, de modo sucinto, o objetivo da pesquisa e o método que a entrevista seria realizada, bem como as questões éticas envolvidas nesta realização. A participante respondeu prontamente e se mostrou extremamente disposta, sem a necessidade de questionamentos, e rapidamente foi marcado um encontro na própria casa da participante. A participante preferiu iniciar com a realização da entrevista e, em seguida, após ler e compreender, sem imprecisões, em relação ao sigilo e à utilização das informações, assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A entrevista durou aproximadamente 90 minutos, mas foi interrompida nos minutos finais por uma questão de administração de tempo por parte da participante. Entretanto, como uma entrevista foi suficiente para a obtenção de todos os dados

necessários para análise, não foi imperativa a realização de uma segunda entrevista.

4.4 Procedimento de análise dos resultados

As informações obtidas por meio da entrevista foram cruzadas com o embasamento teórico fornecido pelos quatro primeiros capítulos teóricos, com o intuito de compreender, de forma singular, a vivência da mulher contemporânea em relação às dimensões da família e da carreira presentes de forma simultânea em sua vida. Estes dados apresentam o principal escopo de contrapor esta perspectiva individual com aquela trazida pelo estudo teórico realizado, que abrange a dimensão coletiva e social desta vivência, buscando eventuais paralelos e discrepâncias em relação aos dados comparados.

Este procedimento visa, portanto, a manutenção do objetivo da presente pesquisa, buscando uma compreensão abrangente da vivência desta mulher em relação à maternidade, o casamento e o estabelecimento de uma carreira dentro do contexto atual.

4.3 Questões éticas

Aponta-se a necessidade, diante da realização de uma pesquisa com seres humanos, da realização de um protocolo, a ser submetido à apreciação de Comitê de Ética em Pesquisa, reconhecido pelo Conselho Nacional de Saúde, como determina a resolução MS 196/96 do CNS. Como é apontado pela Resolução nº 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia, faz-se imprescindível a apresentação e utilização de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo II), que tem como intuito a proteção dos participantes da presente pesquisa dos possíveis riscos e define os critérios que garantem a confiabilidade e o sigilo no tratamento das informações obtidas, bem como provê a possibilidade da retirada do participante a qualquer momento da pesquisa, sem a necessidade de justificativa por parte do mesmo.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os resultados consistem, essencialmente, nos conteúdos obtidos na entrevista, que se encontra integralmente no anexo III. Faremos a seguir sua articulação com os dados teóricos obtidos ao longo dos capítulos anteriores. Assim, através do cruzamento destes dois blocos, buscou-se traçar tanto os possíveis paralelos e convergências, quanto às divergências entre a literatura e a dimensão individual e singular a respeito do tema – a mulher contemporânea e sua composição entre família e carreira.

A entrevista foi realizada em um único dia – que não era um dia útil, visto que durante a semana eram poucos os horários disponíveis para que esta se desse de forma tranquila. A entrevista foi realizada na casa da participante, inicialmente dentro de casa e, em seguida, na área comum do condomínio em que mora, visto que este ambiente proporcionaria uma maior liberdade para a conversa, sem eventuais interrupções – principalmente por Pedro, seu filho, que estava intrigado com a presença estranha na sala e vinha interagir timidamente. A entrevistada, Daniela, é uma mulher de 23 anos, bem arrumada, porém de uma maneira que conserva sua jovialidade. Logo no começo da conversa, se apresentaram também Pedro, seu filho, e Felipe, o marido, que logo se retirou, visto que estava trabalhando.

A realização da entrevista ocorreu de forma descontraída, sem rigidez em relação aos tópicos que deveriam ser seguidos, tomando forma de uma conversa durante a maior parte do tempo. Além disso, Daniela se mostrou extremamente aberta e disposta a dar seu depoimento, trazendo informações sem a necessidade de perguntas frequentes. Da mesma maneira, durante muitos momentos preocupou-se com o entendimento da pesquisadora em relação às questões trazidas, mostrando a necessidade de ser o mais clara possível a respeito de seu relato, não deixando espaço para eventuais mal entendidos que poderiam ocorrer.

Apesar de tocar frequentemente em assuntos delicados, Daniela não se mostrou de forma alguma constrangida com as perguntas e as questões que surgiam, colocando suas falas diretamente e de uma forma explícita e muito aberta. Daniela relatou sobre como o casamento e a maternidade surgiram em sua vida, não inicialmente como uma opção, mas como algo que deu certo com o tempo. Da

mesma maneira, durante toda a entrevista colocou sua fala de forma decidida e convicta, dificultando o espaço de percepção de eventuais falhas ou contradições em seu relato, o que aponta para uma dificuldade na percepção destes fatores de forma clara.

Daniela engravidou aos 19 anos de seu namorado Felipe, com quem mantinha uma relação de dois anos. Na época, cursava o segundo ano do curso de Direito, e estava realizando estágio, que teve que abandonar devido à gravidez repentina. Entretanto, Daniela afirma sempre ter planejado fazer o curso de Medicina, mas que desistiu destes planos durante o cursinho, pelo namoro e pelo investimento que o curso e o trabalho exigiriam. Disto, destaca-se a questão da vida planejada e daquela vivida, visto que Daniela constantemente contrapõe estas duas dimensões, relatando o ocorrido de forma pareada com o que era esperado que ocorresse. Isto é ilustrado nos momentos finais da entrevista, de forma clara, em sua escolha do nome Daniela para a identificação na pesquisa, dado que, segundo ela mesma, seria o nome que teria recebido se não fosse aquele que de fato recebeu.

Além disso, relatou muito abertamente as dificuldades deste período, da gravidez de risco, o abandono do estágio, e a falta de tempo para planejar o próprio estudo, o casamento, a moradia, o futuro da família ainda em formação. Entretanto, apresentou muita firmeza em sua decisão de ter o filho e se casar, e de todas as responsabilidades decorrentes desta decisão, apesar de ser relativamente jovem para assumi-la. Pela abertura de Daniela em relatar seu percurso e suas questões de maneira precisa e aprofundada, a entrevista prolongou-se mais do que esperado, trazendo à tona questões além das planejadas e que se mostraram extremamente interessantes para o trabalho em questão.

Com intuito de aprofundar os dados obtidos na entrevista realizada, a análise de resultados foi dividida em dois passos: a análise categórica, que buscou levantar os temas principais e organizá-los de modo a possibilitar dialogar com a parte teórica retratada neste trabalho; e a análise simbólica, que teve como principal objetivo enfatizar alguns elementos particulares do relato por meio do método da ampliação simbólica, que fornece as ferramentas necessárias para o aprofundamento da vivência trazida pelo sujeito a partir de outras referências, agregando, assim, a dimensão coletiva a dimensão individual.

5.1 Análise categórica

Como explicitado anteriormente pela delimitação do método da presente pesquisa, faz-se necessária a classificação dos conteúdos extraídos da entrevista pelo agrupamento categórico por meio de temas comuns principais, que sejam relevantes à questão e ao objetivo da pesquisa: a relação, o gênero, a maternidade e o trabalho. Tais categorias foram submetidas a uma análise que visa essencialmente esta organização de conteúdos de modo paralelo à organização dos temas teóricos descritos e aprofundados anteriormente, possibilitando e facilitando, desta maneira, um entrelaçamento e uma compreensão que possa ser posteriormente integrada na análise de uma vivência única.

5.1.1 Relacionamento

Daniela traz o namoro como um período aparentemente harmônico, mas relativamente ofuscado pela questão do casamento e da maternidade inesperadas. Relata, nesta questão, a aproximação definitiva dela e do atual marido como consequência de uma série de dificuldades na vida de Felipe neste período. Além disso, frequentemente contrapõe os eventos que aconteceram em sua vida com o que tinha planejado o fator do imprevisto não tivesse sido tão presente nestes planos.

O relato de Daniela coloca, essencialmente, a questão do casamento como íntima e constantemente atrelada à falta de tempo decorrente da série de imprevistos e complicações que sucederam a notícia da gravidez inesperada. Assim, a questão do tempo e sua falta mostrou-se presente desde o planejamento apressado da cerimônia e da lua de mel, até no convívio cotidiano decorrente, pela superposição do casamento, trabalho e parentalidade de ambos. Esta questão fica explicitada na própria fala de Daniela, quando ela diz que:

“Meu único problema era planejar o casamento e pensar onde íamos morar, mobiliar o apartamento, isso tomava bastante o meu tempo. Foi tudo de repente. Eu quis casar em dois meses, porque eu não queria casar com barrigão, eu descobri já com 3 meses, então eu tinha que casar até o quinto mês, que é quando não tem barriga. Então eu tive que planejar o casamento em dois meses, tanto é que eu não tive o

casamento dos meus sonhos, não fiz nada disso porque não deu tempo de planejar, foi só um bolo e champanhe e ponto. Não dava tempo de planejar tudo do jeito que eu queria.ò

Sobre as principais mudanças ocorridas na transição de uma fase para outras, Daniela destaca as perdas e ganhos principais ocorridas durante este processo. No lado ruim, destaca a perda do *colorido* (sic), pois define o namoro como um período do relacionamento em que tudo é lindo, em que há *flôres, presenteò* (sic) e mais paciência, elementos que se perdem ou se atenuam com a vida de casados. Entre os ganhos, se sobressai a fidelidade, a cumplicidade e a intimidade, que mudam positiva e completamente com a convivência diária, mas que, segundo Daniela, acabam ofuscando as perdas. O que é explicitado, essencialmente, é que *flêm as duas moedasò* (sic), um ato falho de Daniela que ilustra a mudança brusca que ocorre de uma situação de um relacionamento para outra, visto que aparentam quase serem dois relacionamentos diferentes, ao invés de uma alteração do relacionamento já existente, uma evolução natural. Esta evolução foi intensificada no contexto pela dissolução da capacidade de planejamento e de controle da situação por parte de Daniela e seu marido.

Assim, é reproduzida na fala dela a dificuldade da manutenção de um relacionamento em longo prazo, da passagem da paixão para um envolvimento mais enraizado nas verdadeiras personalidades envolvidas. Este é então, segundo Sanford (1986), o momento em que as projeções de anima/us cessam, visto que o cônjuge deixa de ser uma réplica de elementos de quem projeta e é possível finalmente perceber o outro sujeito de uma maneira mais íntegra, possibilitando assim a introjeção destas reais diferenças e um crescimento individual. Paralelamente, Daniela traz que:

flodo casal tem algum dia que falou isso [em separação], alguma fase pior que falou isso. Exige tempo e exige (pausa) não comprometimento. Exige investimento. Exatamente. Exige investimento.ò

Esta fala evidencia ainda mais a dificuldade de manutenção da relação vivida pelo jovem casal, devido à convivência cotidiana, às diferenças e o compartilhamento de problemas que a vida conjunta traz. A contraposição que Daniela faz entre o comprometimento e o investimento ainda colocam em questão os recursos individuais necessários para esta sustentação, visto que ela coloca

como necessário não só o empenho, a presença, mas o investimento, uma mobilização de energia de cada um para que o relacionamento perdure frente a todas estas questões.

Ainda sobre isso, Daniela explicita a maneira em que o casamento e a convivência prolongada e cotidiana com seu marido foram capazes de harmonizar desequilíbrios em sua personalidade. Neste sentido, tanto ela quanto Felipe foram obrigados a *ceder* (sic) certas coisas em prol de uma convivência mais harmônica com o cônjuge. Entretanto, apesar de explicitar esta ideia de forma clara em sua fala, Daniela traz também sua necessidade em ceder tanto em relação a eventuais traços de seu comportamento, hábitos e peculiaridades como em relação às daquelas de seu parceiro, apontando para um desequilíbrio não explicitado na relação.

Então, por um lado, ela afirma as diferenças de forma clara e bem definida, explicitando as distintas formações de caráter e a necessidade de ter clareza sobre elas para que uma harmonização seja possível:

Eu sempre faço essa comparação, com irmão. Se a gente já briga com irmão, que não dorme junto com a gente, e que teve a mesma criação que a gente, você imagina com uma pessoa que não teve a mesma criação.(...) A gente percebeu, depois de três anos, por incrível que pareça, que no casamento um completa o outro. Tem características positivas que ele tem que eu não tenho, e tem características positivas que eu tenho que ele não tem. E a gente equilibra as negativas também. Então a gente tem que se completar.

De acordo com Carter & McGoldrick (1995), o significado do casamento atualmente diverge profundamente do que era o casamento anteriormente, durante a história, visto que mudanças significativas no papel da mulher, nas novas reestruturações sociais e na introdução dos métodos contraceptivos apontam para a necessidade de uma redefinição do papel do matrimônio no contexto contemporâneo. Assim, o casamento requer, essencialmente, uma negociação no que se refere às definições familiares prévias, delimitadas pelas famílias de origem, de uma forma a harmonizar eventuais diferenças entre elas. Além disto, Sanford (1986) traz também uma ideia de harmonização de elementos inconscientes antagônicos representados por anima/us em um relacionamento através da convivência e do contato com o outro, diferente de si.

Estas questões são trazidas de forma muito clara no relato de Daniela sobre o relacionamento de forma geral, que também, por sua vez, aponta para a dificuldade

da aplicação destes preceitos em sua forma prática e cotidiana, trazendo a ideia de que o que é idealizado não condiz com a experiência pessoal unicamente, mas de pressupostos coletivos e sociais.

Em relação a isso, também destaca-se a questão da ambivalência em relação à sexualidade e suas configurações atuais. Daniela coloca muito claramente a dificuldade de equilibrar as expectativas e os fatos em relação à sua sexualidade em seu relacionamento tanto por ela mesma quanto pelos membros de sua família, em especial o pai. Explicita, então, que por mais *ñque todo mundo saiba que todos os casais de namorados têm relações sexuais antes do casamento, uma coisa normal hojeò*(sic), ela ainda teve que se haver com a desaprovação de seus pais e de si mesma, e o estranhamento diante da explicitação e da proximidade desta sexualidade, que era sabida e concomitantemente não sabida, com sua gravidez. Com isso, Daniela fala sobre sua *ñvergonhaò*(sic) em explicitar estas questões, contrapondo-se com uma concepção mais conservadora que, ao contrário de ideias mais modernas, não se encontra claramente no discurso, mas de forma interiorizada.

5.1.2 Gênero

Evidencia-se também no relato a questão dos papéis sociais decorrentes das concepções de gênero socialmente vigentes. Daniela afirma-se claramente como *ñmachistaò*(sic), colocando de forma explícita sua compreensão particular em relação aos papéis idealmente realizados por mulheres e homens dentro de uma família e de um relacionamento. A respeito disto então, coloca: *ñEu sou machista. Então assim, tudo tem que ser decidido em conjunto, mas a gente tem um acordo: se os dois discordarem, a última palavra é deleò*

Evidencia, então, o papel do marido como provedor fundamental da casa, explicitando até dificuldades dele em abrir mão da própria vida social e a possibilidade de investir completamente na carreira aos 26 anos para *ñassumirò*(sic) tudo em relação às despesas da esposa ã que não podia trabalhar por conta das complicações da gravidez ã, da família nova e do filho pequeno. Tais empecilhos não são explicitados por ele, que procura manter a esposa afastada de eventuais

problemas, mas são inferidos por Daniela na sua tentativa compreender como o desenlaçar dos eventos afetou o marido.

É possível, contudo, perceber novamente diferenças entre os padrões individuais e sociais pertencentes ao discurso e a sua aplicação de forma prática. Esta questão de gênero, Daniela enfatiza:

“Eu sou totalmente a favor da família patriarcal, não matriarcal, como foi a minha. Eu acho que a última palavra é do homem. Eu sou machista. Então assim, tudo tem que ser decidido em conjunto, mas a gente tem um acordo: se os dois discordarem, a última palavra é dele. Eu acredito que há uma benção sobre isso. Que a família foi criada para ser assim. Como o Felipe tem esse papel de provedor, a última palavra tem que ser do pai. Nunca tive que usar isso.”

Conta, então, da maneira em que sua família se configurou ao longo das gerações em relação ao papel da mulher e do homem. Segundo Daniela, o aspecto matriarcal que marcou seus pais, avós e tios é também um desencadeador de discórdia entre os indivíduos da família, visto que quando *“é a mulher que manda”* (sic), o homem tende a discordar silenciosamente, causando atritos e desgastes na administração da família e, principalmente, do relacionamento conjugal. Assim, diante de experiências anteriores, Daniela assumiu uma posição decidida e clara em relação a esta questão de gênero dentro da sua família, preceitos estes que busca integrar na relação com a própria família.

“Eu nunca fui subordinada. Não era uma característica minha. Mas eu fui trabalhando isso. Porque eu percebi que por mais que eu não gostasse de ser subordinada, e por mais que eu lutasse contra isso, e existem muitas mulheres que são sucedidas, bem sucedidas assim, como chefes, é um sentimento que você tem que lutar contra, para você ser bem sucedida e chefe. E o homem é a mesma coisa, se o homem tem que ser submisso, mesmo em um cargo de empresa, se ele tem um chefe, tem que lutar contra ele para não dar uma porrada na cara do chefe quando ele manda alguma coisa. Porque o homem não gosta de obedecer.”

Assim, Daniela coloca como necessária a aplicação destes conceitos para que exista harmonia entre o homem e a mulher, que se estendem também para suas dimensões desvinculadas do relacionamento e da família em suas aspirações e necessidades – dentre as quais destaca o trabalho como ponto de atrito tanto para homens quanto mulheres. Esta fala apresenta contradições em relação aos seus relatos pessoais, em relação ao casamento, à carreira e à maternidade. Daniela afirma ceder sempre a última palavra a Felipe, mas enfatiza – mesmo que de forma menos direta – o poder da mulher como uma potencialidade, visto que *“com jeitinho”*

(sic) é capaz de tomar controle de uma determinada situação e ter a última palavra. Além disso, aponta para a presença de mulheres em posições de prestígio, afirmando que *“As pessoas falam que as mulheres vão dominar o mundo, e se elas quiserem, vão”*.

Segundo Giddens (1993), podemos constatar uma oscilação entre os padrões relativos ao amor romântico e ao amor confluyente: na primeira narrativa amorosa a relação é hierárquica, caracterizada pela busca da alma gêmea que irá completar o parceiro: as duas metades de um todo se encontram em uma relação de cunho complementar. Já o amor confluyente caracteriza-se por relações simétricas com equilíbrio entre o dar e o receber, em que se desenvolve a intimidade, ou seja, uma abertura de cada um para si e para o outro. É contingente, continuando até o ponto em que ambos os parceiros extraíam satisfação dela.

Esta comparação entre dois padrões de relacionamento é evidente no relato de Daniela, principalmente na comparação feita entre as gerações que a precederam e seu próprio relacionamento. Ambos os padrões se encontram também na descrição de seu casamento, mesmo que de forma menos explícita, já que, ao mesmo tempo em que traz um relacionamento simétrico e perfeitamente equilibrado com Felipe, também aponta para elementos hierárquicos na divisão de poder e de responsabilidades dentro da convivência do casal.

Deste modo Daniela foi, em sua trajetória pessoal, capaz de priorizar sua carreira a outros papéis concomitantes – como esposa e mãe. Afirma ter sempre sido incentivada pelo marido a colocar em prática suas aspirações em relação à carreira – como o seu sonho de trabalhar em um escritório grande de direito – que em seguida abandonou por outras questões. Em contrapartida, afirma ter abdicado de sua opção inicial de realizar o curso de Medicina por um pedido de seu marido enquanto ainda namoravam, que afirmou não almejar uma esposa que se dedicasse à carreira de maneira tão plena.

Assim, estas questões trazem de forma singular, a dificuldade intrínseca da mulher contemporânea em lidar com uma série de percepções e concepções de diferentes origens e que, muitas vezes, divergem e se contrapõem entre si, trazendo esta cisão entre o discurso teórico e a prática. Esta questão remete ao conceito elaborado por Figueira (1978) de *“modernização reativa”*. As rápidas transformações da modernidade não foram acompanhadas no mesmo ritmo por mudanças de cunho

subjetivo. Com esta lacuna de referências em relação à contemporaneidade, ocorre a superposição entre padrões arcaicos e modernos, o que pode ser constatado no discurso de Daniela de modo geral, principalmente no que se refere às concepções de gênero trazidas por ela.

5.1.3 Maternidade

A questão da maternidade entra de modo mais completo no final da entrevista, e diferentemente dos outros assuntos que surgiram de maneira mais espontânea, foi necessária uma intervenção mais diretiva por meio de uma pergunta. Evidencia-se, na fala de Daniela, o impacto causado pela gravidez repentina em diversos aspectos de sua vida, desde o relacionamento, trabalho e vida acadêmica, até sua convivência social, especialmente familiar.

Como decorrência da gravidez e o diagnóstico de descolamento de placenta, Daniela foi obrigada então a interromper os estudos, sair do estágio que realizava e passar a depender inteiramente de Felipe para transporte e despesas. Além do impacto da mudança completa e inesperada de vida, a pressa com o planejamento do casamento, a maternidade também foi desencadeador de uma fase de impossibilidades, limitações e dificuldades para Daniela e Felipe: *“A gravidez me restringiu muito, no que eu podia fazer e no que eu não podia”*(sic).

Entretanto, Daniela se mostra em todos os momentos muito segura em relação à sua decisão de manter a gravidez e tomar uma série de decisões decorrentes desta, como a realização de um casamento que, mesmo pertencente ao planejamento futuro do casal, ocorreu dentro de um contexto que apresentava uma série de obstáculos e dificuldades, como a impossibilidade de realizar a cerimônia sonhada por Daniela, ou a necessidade do casal ter que morar temporariamente na casa da avó dela.

De acordo com Carter & McGoldrick (1995), o ritual do casamento facilita a transição de um estado a outro, de uma fase a outra: ao vivenciar as perdas decorrentes das mudanças e os ganhos que virão, os indivíduos em períodos de crise sentem-se amparados e apoiados por seu grupo social, que com eles compartilham a formação do casal.

Daniela e Felipe vivenciaram duas crises superpostas: a passagem da singularidade à conjugalidade e à parentalidade, simultaneamente. Assim, precisaram negociar diferenças com eles mesmos antes mesmo de ser com o outro, aprendendo a construir um espaço comum, discriminado das famílias de origem, e, concomitantemente, tornaram-se cuidadores, precisando abrir esse ambiente recém-formado ao novo integrante da família recém-composta. Além disso, devido à dificuldade inicial em relação ao estabelecimento desta família nova em uma casa, Felipe e Daniela necessitaram adaptar-se a uma situação provisória, morando no apartamento concedido pela avó.

Assim, Daniela coloca suas principais dificuldades do período da gravidez não como decorrentes das suas limitações, mas como intimamente atreladas aos seus relacionamentos próximos, e o impacto que receberam com esta notícia. Em primeiro lugar, traz a dificuldade da adaptação da convivência diária com o marido, juntamente com todos os elementos novos que a gravidez introduziu na vida do casal:

“Mas esse tempo em que eu ainda estava grávida, foi super difícil o casamento. Além de estar com os hormônios para cima e para baixo, estava super mais sensível e tudo mais (...).”

Da mesma maneira, explicita o estranhamento que ocorreu entre ela e a família, principalmente com o pai. Apesar de Daniela trazer estes sentimentos como desvinculados, seu relato aponta para uma reciprocidade nas reações ocorridas. Coloca, ao mesmo tempo, certa reprovação da gravidez por parte de seu pai, e uma consequente diminuição na convivência familiar. Concomitantemente, entretanto, traz sentimentos próprios neste contexto, visto que ela também pontua a própria vergonha por assumir, de forma escancarada, a gravidez por meio da gravidez.

Carter & McGoldrick (1995) ressaltam a importância de o jovem discriminar-se da família para que consiga obter independência e se desenvolver de forma autônoma, embora afetivamente conectado. Para isso, deve avaliar, dos padrões e valores que recebeu, o que poderá assumir como próprio, transformar e o que descartar dentre estas referências. No caso de Daniela, este processo deu-se de forma pouco encadeada, “atropelada” pela pressão do tempo e pela superposição de crises de transformação. Além disso, nota-se uma identificação com os modelos

parentais, sem que haja um questionamento ou reflexão por parte de Daniela, dos quais decorreram os sentimentos descritos como de vergonha e inadequação.

Diante destes elementos, traz uma divisão muito clara de concepções e sentimentos no período anterior e posterior ao nascimento do filho. Apesar de Daniela não realizar, durante a entrevista, esta conexão, estas mudanças parecem ter ocorrido de forma análoga em relação aos seus próprios sentimentos e aqueles de seus familiares.

Assim, ao mesmo tempo que diz, em relação à sua família:

“Quando nasceu, aí mudou, acho que senti um amor deles pelo Pedro mais verdadeiro, sem nenhum tipo de preconceito. Tinha passado, já. Então foi mais fácil. Era um novo ciclo, passou aquilo. Hoje eu não sinto vergonha nenhuma de falar ‘ah, engravidei antes de casar’”

Também alega:

“Eu até achava que era amor na época [da gravidez], mas até que nasce, eu ouvi o primeiro choro, foi um negócio (pausa), eu senti algo tão diferente do que eu sentia na barriga, que agora eu sei que na barriga era carinho, eu falava que era amor, achava que era amor, era carinho.”

Assim, a dubiedade de sentimentos que marcou os primeiros momentos da gravidez foi, aos poucos, sendo substituída pelo que Daniela coloca como amor verdadeiro, tanto por ela como pela sua família, o que enfatiza a ideia de que estes fatores se encontram interligados. Estes elementos são postos sem, entretanto, amenizar os elementos envolvidos neste processo, como a tristeza e o medo que abalizaram a notícia da gravidez e que são trazidos com muita clareza por Daniela.

A presença da iminência da perda do bebê, por conta do descolamento de placenta, contribuiu para este processo como um catalisador de outras dimensões da gravidez, que até então estava ainda atrelada ao choque inicial e a sobreposição de uma série de mudanças e decisões a serem tomadas, bem como com os desconfortos e os incômodos do final da gravidez – a barriga, os hormônios, etc. Assim, somente depois disto, Daniela coloca que *“...”) aí veio a alegria da maternidade”* o que é ilustrado por ela através de um versículo que ela cita: *“Deus transforma toda maldição em bênção”*. Fica claro, então, que a ambivalência relativa à maternidade, neste contexto que ainda está munido da questão do não planejamento, está posta de maneira explícita, porém já superada, visto que os

sentimentos ruins foram ofuscados pela alegria da maternidade, segundo a participante.

Com a chegada do bebê e da maternidade, Daniela enfatiza a amamentação como *“melhor sensação do mundo”*(sic), ou seja, o elemento mais importante para ela deste período inicial, que ela conta com muita emoção e envolvimento, alegando até que, mesmo com a necessidade de interromper a amamentação com três meses de idade, o bebê sentiu menos falta do que ela. Neste relato, sugere uma identificação com o bebê, talvez indicando que ela ainda não tenha exercido suficiente seu papel de filha para tornar-se a mãe responsável por alguém dependente dela.

Em contrapartida, coloca também as dificuldades de conciliação destas dimensões concomitantes em sua vida. Em decorrência da gravidez, interrompeu seu estágio e seu estudo, o que retomou rapidamente. Nesta época, Daniela relata ter sido mais tranquilo, visto que ficava com o Pedro em casa e tinha a possibilidade de estudar, sem que isto tomasse muito de seu tempo com o filho. Quando Pedro fez um ano, Daniela começou a trabalhar em um escritório importante, o que ela relatou ser o tipo de trabalho que aspirava fazer. Entretanto, com o filho pequeno em casa, a rotina de um trabalho que exige um grande investimento de tempo começou a surtir efeitos indesejados, como ela mesma afirma que *“era um ritmo de trabalho insano, 6 horas por dia, mas eu nunca ficava 6 horas, eu ficava umas 8. Eu não via o Pedro acordado”*(sic). Assim, Daniela relata que Pedro teve uma *“crise de falta de mãe”*(sic), e ela acaba “decorrente disto e outros fatores” deixando o escritório em que trabalhava e passando a ficar mais um ano sem trabalhar.

Deste modo, tanto a gravidez como a maternidade consistiram, para Daniela, nos eventos emblemáticos, a partir dos quais uma série de elementos diferentes de sua vida tiveram que ser reconfigurados. Concomitantemente, Daniela mostrou sua tentativa de oscilar entre os diferentes papéis, com o intuito de achar um equilíbrio entre eles e vivenciando, no processo, uma série de dificuldades.

Pode-se perceber aqui o conflito entre o papel de mãe e esposa, ainda mais valorizado socialmente, e o de estudante e profissional em uma determinada carreira. O primeiro papel remete ao relacional, considerado âmbito do feminino “relacionado ao amor, ao cuidado e à proteção” enquanto que o segundo diz respeito à autonomia e à individualidade da mulher inserida no contexto

contemporâneo. Conciliar de forma harmônica individualidade e conjugalidade é tarefa constante da vida de um casal (Carter & McGoldrick, 1995).

5.1.4 Trabalho

Destaca-se, nesta questão do trabalho trazida pela entrevista, a opção inicial de Daniela pela medicina, uma carreira que impõe uma dedicação e um investimento ainda maior, pela questão da duração da formação e do ritmo de trabalho. Segundo Bruschini & Lombardi (1999), a medicina é uma profissão que apresenta, atualmente, uma grande entrada de mulheres, principalmente em especializações em que o cuidado prolongado é essencial, devido à flexibilidade em relação à questão de gênero pelos profissionais da área. Entretanto, é uma das profissões com maior carga horária de trabalho, tanto para homens como para mulheres, consistindo, em média, de 30 horas semanais.

Em contrapartida, o direito configura-se por uma entrada feminina mais limitada, restrita a alguns cargos, principalmente em grandes escritórios e empresas, onde o ambiente de trabalho é ainda mais competitivo e discriminador. Além disso, as autoras enfatizam que:

Por um lado, ao conciliar suas funções profissionais com as de mãe, esposa e mulher, reduzem consideravelmente suas possibilidades de sucesso e ascensão na carreira, pois a advocacia é considerada uma profissão *full time*. (BRUSCHINI & LOMBARDI, 1999, p. 11).

Estas afirmações condizem com o relato de Daniela em relação à sua trajetória profissional. Esta viu-se marcada por uma série de concessões e desistências, sempre intimamente agregadas no processo de tomada e apropriação de suas decisões. Estes elementos, então, estão presentes desde a escolha da profissão, que ela abdicou em prol de um futuro mais ameno em seu relacionamento e por uma questão de investimento, até a troca de um cargo num escritório grande para trabalhar na empresa de seu marido. Esta opção aponta para uma questão de gênero, no sentido de instalar-se na própria relação uma hierarquia, em que a mulher detém menor poder. Surgiu, assim, concomitantemente com outras dificuldades, a necessidade de discriminação entre papel profissional e papel

conjugal, o que a própria Daniela explicita como sendo um desafio a ser enfrentado em seu ambiente de trabalho atual.

Segundo a própria entrevistada, *“(...) percebi que o direito me dava um leque muito maior de atuação, porque a maioria dos presidentes de empresas, multinacionais ou não, hoje, são formados em direito”*. Esta afirmação aponta para uma aspiração profissional de Daniela para ocupar cargos de alto prestígio e, concomitantemente, alto investimento pessoal.

Esta aspiração, então, concretiza-se logo após o nascimento de Pedro, apesar de todas as mudanças de planejamento e as dificuldades que a gravidez inesperada trouxe para a carreira de ambos, auxiliada pelo grande incentivo dado por Felipe, que passou a dividir as tarefas, encarregando-se de buscar e levar Pedro na escola, visto que Daniela tinha horários pouco flexíveis.

Contudo, esta decisão trouxe repercussões tanto para Daniela, como também para a relação com seu filho e seu marido.

“(...) eu não conseguia cuidar da casa, tudo estava uma bagunça, eu não conseguia conciliar, ver se as coisas estavam certas, se estavam erradas. (...) E aí eu comecei a pesar tudo, comecei a pesar o fato de eu não ter um relacionamento com meu marido, a gente não conversava. Estava tudo bem, aparentemente, sem briga, mas não tava tudo bem. O fato de eu não ver o Pedro acordado.”

Daniela relatou seu enfrentamento com questões éticas e morais concernentes à sua profissão, visto que no ambiente de trabalho que frequentava neste período, viu-se encarregada de lidar com processos e situações difíceis, bem como histórias muito tristes e, portanto, a necessidade de trabalhar *“sem escrúpulos”*(sic). Isto foi também aliado à questão, como relatada pela própria Daniela, de sua preferência por trabalhar com empresas ao invés de pessoas, devido ao afastamento que este tipo de posicionamento traz.

Atualmente, então, trabalha na empresa de contabilidade com seu marido, sendo responsável por toda a parte jurídica da empresa. Daniela relata que *“nem dado certo”*(sic), apesar das dificuldades pela convivência diária com o marido no ambiente de trabalho e a necessidade de separação dos diferentes aspectos envolvidos, pois o trabalho permite que ela se dedique a algo que é seu. Expõe também que, apesar de ter sido difícil habituar-se inicialmente, aprendeu a separar o

seu chefe do seu marido, e não permitir que aspectos do trabalho influenciem em sua relação conjugal e vice-versa.

Relata que sua maior dificuldade, atualmente, é no convívio com seus colegas, visto que Daniela ocupa posições divergentes em seu ambiente de trabalho: ao mesmo tempo em que é funcionária, e, portanto, está em relação horizontal com outros funcionários que ocupam o mesmo cargo que ela, também detém o poder reservado ao chefe por ser sua esposa, que não fica explícito, mas acaba permeando as relações profissionais que Daniela mantém na empresa.

O trabalho, então, mostrou-se como a dimensão da vida concreta de Daniela que mais sofreu mudanças bruscas decorrentes dos eventos que foram se sucedendo em sua vida, visto que, por muitos momentos, foi impelida a tomar decisões baseadas tanto em seu próprio julgamento como em necessidades de outros, principalmente seu marido e seu filho. Assim, parece priorizar seu papel como mãe e como esposa à sua carreira, que acabou sendo mais maleável e flexível do que as outras dimensões de sua vida, quando sobrepostas. Esta opção remete ao estudo realizado por Meirelles (2001), que constatou que em casais de dupla carreira as mulheres consideravam o papel profissional como secundário à maternidade, ainda considerada por elas função primordial da mulher, mesmo daquelas com alto investimento e grande retorno na vida profissional.

5.2 Análise simbólica

O trabalho de ampliação simbólica foca, essencialmente, a presença de imagens e outros elementos que possam ser agregados a significados coletivos, para serem, em seguida, recolocados no contexto individual com o intuito de expandir a compreensão de uma determinada fala, situação ou imagem trazida pelo relato do sujeito.

Assim, alguns elementos foram selecionados para serem submetidos a estes procedimentos. A imagem mais marcante trazida por Daniela durante a entrevista foi a imagem do barco, que ela relaciona a partir de um versículo da Bíblia que ela cita: *“casa dividida não prospera”* (sic). Assim, ao tentar ilustrar a ideia trazida por esta frase, ela associa com sua própria vida e o relacionamento com o marido,

principalmente na educação do filho e a coerência que esta tarefa exige para o casal:

Se um está remando para um lado e o outro para o outro, não tem como esse barco andar. Então os dois têm que estar pro mesmo lado.

O barco, simbolicamente falando, também pode ser referido como navio ou embarcação, visto que são estruturas que se mantêm flutuando na água. A partir disto, tem-se a ideia do barco como associada à força e segurança necessárias para o enfrentamento de uma travessia difícil, *sobre águas*. Além disso, abarca em si a presença de forças opostas exercidas pela água que, concomitantemente, é necessária para que a embarcação permaneça estável, mas que pode destruí-la ou afundá-la a qualquer momento caso uma das duas forças se sobreponha sobre a outra. Tem como função igualmente importante a capacidade de conter em si, de servir como receptáculo de uma carga que é protegida e transportada. Por meio desta, é possível realizar um paralelo com o simbolismo do vaso, comentado anteriormente no capítulo referente à maternidade, que contém em si, remetendo assim à matriz feminina, portadora de vida (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2009).

Em relação ao navio, pode-se considerar também a lenda nórdica do Navio Fantasma, que retrata a história do Holandês Errante que trafega os mares à procura de sua mulher eternamente fiel. Retrata essencialmente a ideia de uma busca eterna por um amor impossível e, assim, de um ideal inalcançável, que se vê contraposto com a necessidade de enfrentamento da realidade *í* e do naufrágio deste ideal *í* para que haja salvação. Isto aponta para a intencionalidade da expressão usada por Daniela que, simultaneamente aponta para uma situação ideal a ser alcançada, bem como a um elemento dissociado da realidade, e, portanto, impossível de ser realizado.

A imagem do navio, por sua vez, está associada ao trecho da Bíblia que ela cita, que traz *“Casa dividida não prospera”* (sic). Por mais que as duas imagens estejam associadas, visto que servem, para Daniela, o propósito de exemplificar um mesmo argumento, ambas trazem objetos e movimentos diferentes. Enquanto que, por um lado, o navio traz duas pessoas remando juntas, a casa aparece como dividida e, portanto, infrutífera. Em sua dimensão simbólica, a casa está no centro do mundo, traz em si a imagem do universo, e, portanto, é um reflexo do cosmos em

uma dimensão humana, por remeter, inclusive, a diversos estados da alma em seus diferentes compartimentos. Entretanto, aponta também para uma essência feminina, assim como o barco, dado que traz a ideia de refúgio, de proteção, enfatizando o aspecto maternal da essência feminina. (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2009). Em sua imagem, onde a casa dividida não prospera, Daniela então aponta para seu próprio feminino e, em particular, seu próprio aspecto materno, de cuidadora, cuja divisão ou polarização extrema incapacita seu desenvolvimento e que, portanto, necessita de atenção e harmonização dos elementos presentes em sua vida.

Outra imagem trazida por Daniela em seu relato é a questão do “chute no escuro”(sic), expressão usada por ela para expressar seu sentimento no contexto da gravidez inesperada e o planejamento que foi feito em decorrência deste fato. Configura-se, entretanto, como um desvio da expressão normalmente usada como “tiro no escuro” que se refere a uma tentativa de adivinhação, de ação sem base, que pode resultar em sorte ou azar.

Assim, esta expressão traz, por um lado, a presença de um ato falho por parte de Daniela, que ao invés de usar a palavra “tiro” utiliza-se de “chute” como modo de apontar sua ação que foi realizada “no escuro”. Deste modo o tiro, que aponta para uma intervenção agressiva, mas, ainda, mais precisa e determinada, foi substituído por uma ação que determina uma intencionalidade hostil, mas, incerta, visto chute também pode ser usado como expressão de tentativa de acerto baseada no acaso e não em um conhecimento prévio. Esta falha na expressão induz a uma intensificação da incerteza referente a este acontecimento na vida de Daniela em relação à sua repercussão futura, apontando para uma insegurança que não transparece em seu discurso claro, mas que se expressou através de uma troca de palavras.

Juntamente com isto, a simbologia da escuridão justapõe essa questão com a ideia da ausência de luz, ou seja, de conhecimento, como também da ausência de consciência. Concomitantemente, é da escuridão, da ausência de formas, que surgem os elementos estruturantes do mundo, tanto em sua dimensão individual como em sua dimensão coletiva, no nascimento do mundo e da consciência. Pode ser também vinculada à definição de sombra para a psicologia analítica, como receptáculo das projeções dos elementos e características indesejadas socialmente, consideradas obscuras. Na sua conjuntura de significados, então, a escuridão

coloca, paralelamente ao desconhecido, a possibilidade de descobrimento e crescimento, quando abordada de maneira consciente (ARAS, 2010).

Assim, esta questão é retratada por Daniela em um momento crucial de seu relato, visto que se trata do momento em que se viu impelida a tomar uma série de decisões e a abrir mão de seu planejamento prévio para seu futuro em relação à maternidade, casamento e à sua carreira. Diante disto, estes elementos levantados evidenciam a incerteza e a presença do desconhecido que marcaram este processo. Ao mesmo tempo em que acarretou em uma série de perdas, configurou-se como um momento de nascimento, de desenvolvimento dos elementos presentes em sua vida atualmente e que *ñem dado certo* (sic).

Outra questão que marcou significativamente o relato em sua totalidade foi a questão do tempo e, mais especificamente, da falta de tempo que permeou a vida de Daniela desde a gravidez. Ela relata a ausência de tempo desde o planejamento da cerimônia de casamento e da moradia ã apressada pela notícia da gravidez ã até sua tentativa de conciliar as várias dimensões de sua vida, principalmente no primeiro ano de vida de seu filho, período este que contribuiu para o aparecimento de uma série de conflitos em relação ao seu sonho de trabalhar em um grande escritório de advocacia e seu casamento.

O tempo, em sua dimensão coletiva e simbólica, remete a um limite na duração e a distinção mais evidente entre o mundo conhecido e o mundo do Além, marcado pela eternidade. Assim, todos os elementos que compõem a realidade são caracterizados por sua finitude, enquanto que o Divino é ilimitado, uma negação do tempo, que constitui então uma barreira entre estas duas dimensões que não permite nenhuma medida comum possível. Assim, festas, orgias rituais e os estados de êxtases são tentativas de fuga do tempo, de transposição das duas dimensões, através da intensificação da vida interior, em detrimento da exterioridade (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2009).

A falta de tempo relatada por Daniela expõe a questão dos limites que são impostos pelas determinações que estruturam a condição humana, intensificada pelas características do contexto em questão. O tempo atua, assim, como um fator impeditivo da possibilidade de realização de uma situação ideal, onde todos os elementos coexistiriam na ausência de conflitos.

Atrelada ao tema recorrente da falta de tempo, encontra-se religiosidade que marca o discurso de Daniela, principalmente na criação de imagens e expressões que funcionam como base de suas concepções. Daniela alega sempre ter acreditado muito em Deus, apesar de não frequentar uma igreja, hábito que passou a adotar somente depois de casada, por decisão própria. Assim, ela coloca na religião uma grande importância, visto que tem este recurso como grande apoio em sua vida:

“Eu rezava muito quando estava grávida, tinha vários sonhos de coisas que acabavam acontecendo. Eu vejo como avisos mesmo que Deus me dá, para eu me preparar antes.”

Com esta fala, Daniela traz com Deus a possibilidade de ter este tempo de preparo para os eventos de sua vida, o que não foi viável no período em que descobriu que estava grávida e precisou se apressar para realizar seu casamento, formar sua família e reorganizar sua vida. Ao lado disto, Deus também desempenha o papel de figura paterna para Daniela, visto que não conseguiu desenvolver-se como cuidadora o suficiente para abarcar as funções relativas à maternidade de modo harmônico em sua vida, necessitando, assim, de uma figura “superior” que auxiliasse na formação deste conceito de cuidado. Assim, Daniela coloca a religião como um elemento de suma importância em sua vida neste período de extrema superposição e encurtamento de papéis, visto que foi capaz de atuar como uma base doadora de referências que foram capazes de trazer uma perspectiva de estruturação.

Assim, Daniela traz, quando posta diante das possibilidades presentes em seu futuro, a ideia da possibilidade de estruturação de forma evidente e marcada, tanto em seu trabalho, como em sua vida relacional com seu filho e seu marido, estruturação aliada com a ideia de constante melhora em suas relações. Assim, contrapõe e, concomitantemente, valida as dificuldades vivenciadas por ela durante este período de sua vida, relacionadas à formação de família e ao seu trabalho, colocando o futuro como uma conjunção destes elementos de uma forma mais harmônica.

6 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A respeito da condição da mulher contemporânea e suas determinações, Meirelles (2001) conclui:

As mulheres geraram um feminino expandido e uma flexibilização de papéis, em função tanto do talento profissional e da competência que revelaram para coordenar áreas distintas de suas vidas – a família e a carreira – criando uma imagem de si mesmas extremamente positiva na medida em que conseguem tudo isso, sem se abandonarem e gostando de tudo que fazem, ainda que se sintam um pouco cansadas (p. 120).

Esta fala aponta para a agregação de papéis que decorreu de uma série de mudanças sociais e históricas, bem como na evolução da consciência humana no que tange às relações de gênero. Assim, a questão da mulher se configurou como uma das mais emblemáticas neste processo de mudança, já que abarcou e refletiu suas decorrências de forma clara e evidente. A apresentação destes conteúdos e sua ilustração dada pela realização da entrevista apontam para a possibilidade da mulher de se comprometer a estes diferentes papéis relacionados à família e ao trabalho, o que destoa da tendência histórica, vigente até a metade do século passado, de enaltecimento de um só elemento deste espectro de possibilidades, com a divisão da experiência humana em duas esferas consideradas opostas e complementares: a pública, tradicionalmente masculina, e a privada, tradicionalmente feminina. Desta cisão decorrem os traços de personalidade supostamente desejáveis para os homens – a competitividade, agressividade, objetividade, entre outras – necessárias ao mundo do trabalho, e para as mulheres o cuidado pelas relações, a emoção, a sensibilidade, necessárias na vida doméstica e privada (HIME, 2004).

A análise da entrevista realizada com Daniela traz questões que foram abordadas ao longo dos capítulos teóricos. Uma dos elementos mais marcantes presentes em seu relato é a constante contraposição de expectativas e ideais com a realidade. Esta questão é trazida desde a escolha do nome, Daniela, que representa a possibilidade de uma vida não vivida e de realização de outras escolhas, talvez idealizadas. Da mesma maneira, as expectativas que foram quebradas com o desenrolar dos acontecimentos também ficaram explícitas em outros momentos do relato, como no constante contraponto que Daniela faz em relação ao seu

casamento, aos planejamentos de quando e como seria realizada a cerimônia – que, sincronicamente, foi pensada pelo casal para ocorrer, idealmente, no ano de realização desta pesquisa, fator este que provavelmente contribuiu para a intensificação destas questões.

Em relação ao trabalho, da mesma maneira, pode-se perceber a quebra de expectativas, visto que, no momento em que Daniela foi capaz de atingir suas aspirações pessoais convergiram uma série de fatores – dentre os quais, o filho pequeno, o casamento, e questões de afinidade com o cargo – que acarretaram em sua desistência de trabalhar em escritório grande. Assim, é possível inferir que a prioridade foi dada por Daniela ao relacionamento conjugal e à maternidade – ou seja, aos aspectos relacionais de sua vida doméstica – em detrimento de seu desenvolvimento individual profissional.

Além disto, foi possível perceber uma discrepância na dimensão teórica e prática do discurso de Daniela em relação às questões de gênero. Ao mesmo tempo em que são expostas as situações como decorrentes de pré-concepções de papéis, necessários para manter o funcionamento equilibrado de uma família, e situações reais, em que estas definições se aplicam de outra maneira. Daniela, então, define o homem, de forma geral, como naturalmente líder, enquanto que para ela a mulher deve exercer o papel complementar e submisso, visto que relata casos em sua família em que as mulheres eram dominantes, e, portanto, viviam em um relacionamento desarmônico. Ao mesmo tempo, coloca a possibilidade da mulher ocupando papéis dominantes – seja no trabalho, através de cargo de chefe, seja no casamento – como alternativa possível, entretanto vê esta alternativa como pouco recomendada.

Sua fala, portanto, dualiza as funções referente ao gênero, como se liderar fizesse parte da natureza masculina e, de forma complementar, o cuidado fosse naturalmente feminino. Sabe-se deste autores como Bowlby, que o cuidado é um recurso da espécie, que caracteriza tanto homens e mulheres e que visa, essencialmente, a sobrevivência da espécie. Atribuir as diferenças à natureza ou à essência é enfatizar os recursos utilizados para justificar as desigualdades que permeiam as relações de gênero nas sociedades patriarcais.

Esta perspectiva retratada pela fala de Daniela condiz com as a base conceitual fornecida por Whitmont (1991), que coloca as estruturações de gênero presentes no

período patriarcal, onde a mulher deve ser submissa e o homem deve ser forte e provedor. Entretanto, com as transformações sociais e econômicas, a mulher foi progressivamente se desvinculando desta concepção, assumindo também outras formas de posicionamento diante da família, do homem e da sociedade. Concepções mais tradicionais, por sua vez, não são abandonadas, mas ainda agregadas de uma forma periférica, fora do discurso contemporâneo.

É possível perceber essa coexistência na fala de Daniela que, apesar de se considerar machista, alegando que o marido sempre predomina sobre ela, ela o faz com certo desajustamento, percebendo que seu discurso diverge do que é concebido atualmente como papéis femininos e masculinos. Ao mesmo tempo, sua contradição com o que de fato se aplica em sua vida, mostra a presença também de uma outra possibilidade, da ideia da mulher que possui poder, capacidade de dominação e possibilidade de buscar sua independência. Sua própria trajetória de carreira configura-se como um processo que aponta para esta possibilidade, dado que foi capaz, em momentos de sua vida, de priorizar seu próprio trabalho aos deveres de mãe e esposa. Isto foi, ainda, reforçado pela atitude de seu marido, que sempre a incentivou a se desenvolver neste sentido. Para que isto ocorresse, ele se contrapôs ao discurso sexista, atuando de forma bastante positiva no âmbito privado, cuidado com dedicação do filho pequeno. Meirelles (2001) postula que as novas mulheres tendem a escolher parceiros mais abertos e sensíveis, companheiros e participantes da vida delas e dos filhos.

Assim, os conteúdos retirados da entrevista permitiram ilustrar a questão da mulher contemporânea, suas determinações e os elementos que permeiam suas escolhas, o que configura o objetivo de estudo desta pesquisa. Daniela trouxe de modo muito claro como ocorreram as contraposições destas dimensões no decorrer de sua vida, bem como suas influências familiares e suas próprias concepções de gênero, de papéis e âmbitos masculinos e femininos. Assim, apontam para a tendência da mulher contemporânea agregar a multiplicidade de papéis em sua vida, visto que demonstra a superposição de novos padrões àqueles tradicionais, ao invés da substituição de uma dinâmica polarizada por outra mais flexível e harmônica. A mulher, nesta definição, continua atrelada a determinações tradicionais ã da maternidade e do cuidado da vida familiar e doméstica ã mas é também capaz de

agregar as novas possibilidades de inserção feminina no trabalho, de uma forma cabível e não imposta.

Como postula Harding (1985), esta questão não se trata, então, de uma mera questão de adaptação às exigências do mundo doméstico e da carreira, mas uma adaptação e uma busca de uma coerência de valores femininos e masculinos internos. Assim, a inadequação e os conflitos apresentados por Daniela que, ao mesmo tempo, são generalizados e impulsionam à necessidade de estudo e aprofundamento destas questões, derivam de múltiplos conflitos decorrentes de um desequilíbrio destes elementos. A repressão do feminino, como é teorizada por Whitmont (1991), está sendo transformada, dando margem à volta destes elementos anteriormente marginalizados, afastados para o inconsciente. Entretanto, o contexto atual ainda se configura como um processo de transformação, visto que esta reintegração traz consigo a iminência de um desequilíbrio das configurações vigentes, movimento necessário para que se possa caminhar em direção à alteridade.

No caso de Daniela, esta questão transparece, essencialmente, nas contradições presentes em sua fala, em relação a suas expectativas e a realidade que enfrenta, diferenciação esta que, muitas vezes, não é realizada de modo explícito por ela e que, portanto, aponta justamente para uma miscigenação destes dois parâmetros. Daniela se refere, concomitantemente, a valores considerados tradicionais e por ela como machistas com referências que apontam justamente para a introdução de referenciais femininos na sociedade. Assim, ao mesmo tempo em que coloca de forma muito assertiva e complementar o papel masculino e feminino dentro da família e da sociedade, também se refere, de modo mais indiscriminado, a quebras destes padrões tradicionais.

Paralelamente, em sua dimensão individual, Daniela traz em seu relato este mesmo processo em seu casamento. Pode-se perceber claramente em sua fala o conceito de complementação e compensação que ocorre no contato com o masculino, personificado pelo seu marido. Evidencia-se, nesta descrição, a presença dos elementos teóricos constituintes da definição de anima e animus, descritos por Sanford (1986) como elementos complementares da persona, e, portanto, a polaridade inconsciente do gênero.

Coloca, assim, a relação como uma junção de diferentes, tanto em suas configurações inatas, como em suas formações e valores prévios. Somente através da convivência, do estabelecimento de uma relação, estes elementos são capazes de se equilibrar entre si, permitindo assim que cada um dos indivíduos presentes no relacionamento se desenvolva de forma a integrar seus próprios elementos psíquicos que foram marginalizados. Este contato traz esta desestabilização, e, juntamente com isto, um conflito de valores, entre o discurso teórico e a prática.

A questão da maternidade traz também a confusão de ideais e dados de realidade na descrição de Daniela, principalmente no contraponto feito entre os sentimentos anteriores e posteriores ao nascimento de seu filho. Apesar de mostrar a presença das dificuldades e dos empecilhos presentes na situação em que se encontrava, a ideia de que Deus transforma a maldição em bênção^o (sic) traz também a dificuldade na apropriação destas questões, e a idealização da maternidade. Esta idealização é enfatizada pela amamentação, que traz o elemento arquetípico da nutrição como prazeroso e central em seu papel de mãe.

Esta questão, entretanto, aponta para uma necessidade de esclarecimento das condições em que o relacionamento se fundou na vida de Daniela. Decorrente do contexto em que esta dimensão se instaurou em sua vida, dá-se o aparecimento do tempo como um elemento catalisador de uma série de conflitos: a falta de tempo para o planejamento de seu casamento, da sua cerimônia e de seu futuro vem atrelada à superação de algumas etapas de desenvolvimento do relacionamento no contexto da sociedade atual. Assim, como coloca Jung (2008), quando decorrente de uma coação do destino, o casamento traz em si um maior número de elementos inconscientes, o que implica em um processo mais demorado e elaborado de recolhimento de projeções e integração de elementos inconscientes através do convívio prolongado. Pode-se entender, assim, a assertividade de Daniela em caracterizar esta lacuna em sua possibilidade de escolha e desenvolvimento como algo dispensável e desprovido de importância por meio de afirmações que trazem em si, concomitantemente, certezas e contradições, e que não se veem questionadas.

Esta mesma quebra de valores é trazida de forma menos conflituosa em relação à maternidade. Diante desta questão, Daniela apresenta um discurso menos radical e mais flexível, o que transparece na tomada de decisões que realiza ao

longo de sua vida. Aponta para sua capacidade de vivenciar, por um lado, um período de dedicação restrita quase que unicamente à sua família e, posteriormente, dedicar-se integralmente à sua carreira, o que resultou em uma busca de um equilíbrio destes dois elementos no momento atual de sua vida. Por meio disto, ilustra a ideia da maternidade como uma possibilidade de desenvolvimento e não necessariamente uma vocação feminina a ser realizada, o que possibilita esta harmonização entre dimensões diferentes de sua vida.

Desta forma, no que se refere ao trabalho e ao desenvolvimento de carreira, tanto a opção inicial de Medicina quanto o Direito apontam para uma série de escolhas que aparentam priorizar o desenvolvimento pessoal na sociedade por meio de uma carreira de prestígio, que demanda um grande investimento pessoal. Coloca-se, assim, em relação à definição mitológica de Atenas de forma integral, visto que além de situar-se em uma posição relativamente comparável àquela masculina no ambiente de trabalho – sem considerar as eventuais discrepâncias que ocorrem em relação à inserção da mulher no ambiente de trabalho –, também prioriza valores tradicionais em relação ao seu relacionamento.

A vivência possibilitou que estes aspectos fossem sendo modificados, principalmente através da necessidade de adaptação às novas condições que lhe foram impostas. Pode-se perceber uma gradual integração e harmonização destes pilares – o casamento, a maternidade e o trabalho – à medida que estas questões foram evoluindo e se sobrepondo a outras dificuldades eventuais.

Todas estas questões apontam para as estruturas básicas que permeiam estes conflitos femininos contemporâneos. Ao mesmo tempo em que tais dificuldades decorrem de uma necessidade de regulação e harmonização das diferentes vivências de casamento, maternidade e profissão, tal condição depende, essencialmente, de um equilíbrio de valores e concepções na sociedade e do discurso coletivo. O relato de Daniela aponta, principalmente, para uma possibilidade intrínseca de realização desta harmonização, o que implica então na percepção de discrepâncias no estabelecimento de seus elementos basais.

Enfatiza-se, então, a questão da presença concomitante de elementos tradicionais – patriarcais – com elementos divergentes, que marcam a presença de um feminino ainda latente, mas capaz de influenciar as vivências individuais e o discurso coletivo.

Assim, no plano subjetivo e individual, a mulher ã e, da mesma maneira, o homem ã passa a viver estas questões reproduzindo, de forma ainda indiscriminada, dois discursos aparentemente antagônicos. Estes, entretanto, reforçam a ideia da vivência de um processo de integração, que carrega em si o desequilíbrio e a desestruturação resultante da união de opostos, compostos pelo masculino e o feminino, o ying e o yang complementares entre si. Os opostos são, essencialmente, o gérmen necessário para a complementação, para a integração e para um desenvolvimento pleno dos indivíduos e, complementarmente, da humanidade.

Neste processo, a mulher configura-se como o receptáculo principal destas questões coletivas, visto que ela há de se ver, primeiramente, diante do conflito interno resultante destas determinações externas: ela precisa se deparar com sua feminilidade há muito esquecida e confrontar sua masculinidade cultivada pelos discursos sociais e, ainda, ser capaz de se contrapor a determinações externas para encontrar um equilíbrio que lhe seja próprio e individual.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo buscou, por meio de um levantamento teórico e prático dos aspectos envolvidos, trazer a vivência da mulher em relação às configurações contemporâneas do entrelaçamento entre o casamento, a maternidade e o trabalho, elementos estes valorizados de forma concomitante, mas não equilibrada, pelas determinações sociais.

A contribuição do embasamento teórico dado pela Psicologia Analítica permitiu extrair alguns elementos que possibilitaram o esclarecimento destas questões. Colocou-se como central, portanto, a ideia da harmonização destas vivências como pilar central para a compreensão das dinâmicas envolvidas nestas configurações. Ao mesmo tempo em que foi possível perceber a coexistência destas experiências como uma possibilidade, seu entrelaçamento trouxe à tona questões referentes às imposições sociais e suas determinações.

Foi possível definir o momento atual como um processo de transformação, marcado pelos valores masculinos vigentes coexistindo com valores femininos reprimidos que afloram impulsionados pela polarização determinada pelos valores patriarcais ainda proeminentes. Por se tratar de um período de transição, portanto, estas duas dimensões se apresentam ainda como dissociadas e antagônicas, trazendo em si uma confusão de padrões que implica em uma oscilação indiscriminada de papéis determinados para homens e mulheres.

A mulher, por sua vez, configura-se com principal elemento catalisador desta dinâmica, visto que engloba em si o foco central deste conflito, pois é capaz de vivenciá-lo de forma intensa em sua dimensão subjetiva e, portanto, em sua vida pessoal. Assim, a mulher, quando inserida neste contexto ainda marcado pelo conservadorismo, busca satisfazer as expectativas que lhes são postas pelas determinações externas, colocando de lado suas próprias exigências internas. Este aplanamento de elementos essenciais do desenvolvimento feminino podem se manifestar, então, sob forma de adoecimentos internos e dificuldades de relacionamentos. Desta maneira, a vivência feminina vê-se marcada pela presença simultânea de direcionamentos aparentemente opostos, mas que, quando integrados, apontam para um caminho de desenvolvimento integrado, no sentido da individuação.

O relato trazido por Daniela é capaz de ilustrar claramente como estas questões ocorrem em uma dimensão subjetiva e particular. A análise das informações trazidas na entrevista permite mostrar esta confusão de determinações referentes ao gênero na sociedade atual, principalmente pela contraposição frequente entre ideais e o desenrolar dos fatos, ou seja, entre os elementos coletivos e individuais, essencialmente interdependentes.

A partir da realização deste trabalho e dos resultados obtidos, coloca-se, também, a necessidade do estudo destas questões em seu outro lado, pela da investigação das repercussões destas mesmas dinâmicas para o homem contemporâneo, visto que é necessário abarcar as diferentes polaridades de um mesmo contexto, em prol de uma compreensão mais abrangente do mesmo.

No mundo patriarcal, onde reina Atenas e suas virtudes, a mulher deve reaprender a integrar seu feminino esquecido ã abrindo mão do seu elmo e do seu peitoral ã incitado por seus deveres tradicionais de mãe e esposa. É necessário, acima de tudo, perceber a presença do retorno da Deusa e de sua influência na sociedade atual, marcada por uma profunda reestruturação de valores e referências e onde Atenas, Hera, Deméter, Afrodite, Ártemis e Perséfone serão capazes de coexistir harmonicamente em mulher.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro : LTC, 1981.

ARAÚJO, M. de F.; MOURA, S. M. S. R. de. A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. Brasília, *Psicologia ciência e profissão*, 24 (1), p. 44-55, 2004.

BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira. 1985.

ARAS (Archive for Research in Archetypal Symbolism), *Le livre des symboles: réflexions sur des images archétypales*. Taschen, 2010.

BARDIN, L. *Análise do Conteúdo*. Lisboa : Edições70, 2010.

BAUER, M.; GASKELL, G. W. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Um manual prático. 3. ed. Petrópolis : Vozes, 2004.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. *Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX*. Psic.: Brasília, Teor. E Pesq., v. 16, n. 3, dez. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722000000300006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 de Abril de 2011.

BOLENS Shinoda. *As deusas e a mulher*. São Paulo : Paulus, 2011.

BRUSCHINI, C.; LOMBARDI, M. R. *Médicas, arquitetas, advogadas e engenheiras: mulheres em carreiras profissionais de prestígio*. Florianópolis: UFSC, Revista Estudos Feministas, v. 7, p.9-24, n. 1/2, 1999. Disponível em: <<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/17112009-034155bruschinilombardi.pdf>>. Acesso em: 20 de Maio de 2011.

_____. *Bipolaridade do trabalho feminino no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Campinas: Autores associados, Cadernos de Pesquisa, nº 110, p. 67-104, jul. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/cp/n110/n110a03.pdf>>. Acesso em 24 de Abril de 2012.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre : Artes Médicas, 1995.

CARVALHO e SILVA, J. A. de. *Estresse no trabalho: machismo e o papel da mulher*. Niterói : Muiraquitã, 2006.

CASTRO, A. M. A. de T. *Mulher, maternidade e trabalho: encontros e desencontros de uma mulher pós-moderna*. Faculdade de ciências humanas e da saúde, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2010.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro : José Olympio, 2009.

DEJOURS, C. *O fator humano*. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2005.

DUPUIS, J. *Em nome do pai: uma história da paternidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. Porto Alegre : Artmed, 2009.

FIGUEIRA, S. A. *Notas introdutórias ao estudo das terapêuticas I: Lévi-Strauss e Peter Berger*. Rio de Janeiro : Campus, 1978.

FRIAS, B. H. C. de. *Jovens Mulheres Resignificando o Feminino*. Monografia. COGEAE, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

FONSECA, T. M. G. *Gênero, subjetividade e trabalho*. Petrópolis : Vozes, 2000.

GIDDENS, A.. *Transformação da intimidade: sexualidade amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo : UNESP, 1993.

HARDING, M. E. *Os mistérios da mulher*. São Paulo : Paulus, 1985.

HIME, F. A. *A biografia feminina e a história das relações amorosas: o voo da fênix*. Tese de doutorado. PUC, São Paulo, 2004.

ITABORAÍ, Nathalie R. *Trabalho feminino e mudanças na família no Brasil (1984-1996): explorando relações*. Revista Brasileira de Estudos Populacionais, Campinas, n. 2, v. 20, p. 157-176, jul./dez. 2003.

JUNG, C. G. vol. 10/3 *Civilização em transição*. Obras Completas. Petrópolis : Vozes, 2011.

_____. vol. XVII *O desenvolvimento da personalidade*. Obras Completas. Petrópolis : Vozes, 2008.

_____. VII/2 *O eu e o inconsciente*. Obras Completas. Petrópolis : Vozes, 2006.

JUNG, E. (1967). *Animus e Anima*. São Paulo : Cultrix, 2006.

KOLLONTAI, A. *Marxismo e revolução sexual*. São Paulo : Global, 1982.

KOLTUV, B. B. *A tecelã: Ensaio sobre a psicologia feminina extraídos dos diários de uma analista junguiana*. São Paulo : Cultrix. 1997.

LOSADA, B. L; ROCHA-COUTINHO, M. L. *Redefinindo o significado da atividade profissional para as mulheres: o caso das pequenas empresárias*. Psicol. Estud., Maringá, v. 12, n. 3, dez. 2007. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722007000300006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 de Abril de 2011.

MEIRELLES, V. M. *Feminino superlativo: mulher família e carreira*. Tese (Mestrado). Estudos pós-graduados em psicologia clínica, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2001.

MORAES, N. M. *Sapos não viram príncipes: uma abordagem das perspectivas amorosas de mulheres contemporâneas*. Tese (Doutorado). Estudos pós-graduados em psicologia clínica, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1994.

NEUMANN, E. *História da origem da consciência*. São Paulo : Cultrix, 1995.

_____. *A grande mãe*. São Paulo : Cultrix, 1999.

NOGUEIRA, C. M. *A feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização*. Campinas : Autores Associados, 2004.

OLIVEIRA, M. M. de. *Como fazer pesquisa qualitativa*. Recife : Ed. Bagaço, 2005.

PENNA, A. M. D. *O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa*. Psicologia USP, São Paulo, v.16, n. 3, p.71-94, set. 2005. Disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/psicousp/v16n3/v16n3a05.pdf>>. Acesso em: 24 de Maio de 2011.

PLAUT, F.; SAMUELS, A; SHORTER, B. *Dicionário crítico de análise junguiana*. Rio de Janeiro : Imago, 1988.

SANFORD, J. A. *Os parceiros invisíveis*. São Paulo: Paulus, 1986.

SCOTT, J. W. A mulher trabalhadora in *Histórias das mulheres do ocidente*. vol. IV, Porto : Edições Afrontamento, 1994.

SILVA, T. C. M. da; AMAZONAS, M. C. L. de A.; VIEIRA, L. L. F. *Família, trabalho, identidades de gênero*. Psicol. Estud., Maringá, v. 15, n. 1, mar. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722010000100016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 de Abril de 2011.

STEIN, M. *Jung o mapa da alma*. São Paulo : Cultrix, 2006.

VIEIRA, J. A. *A identidade da mulher na modernidade*. São Paulo, v. 21, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502005000300012&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 15 de Abril de 2011.

VITALE et al. *Pais e mães*. São Paulo : Símbolo, 1979.

WHITMONT, E. C. *A busca do símbolo*. São Paulo : Cultrix, 1994.

_____. *Retorno da deusa*. São Paulo : Summus, 1991.

ANEXOS

ANEXO I

TÓPICO GUIA PARA AS ENTREVISTA SEMI-DIRIGIDA

- Dados de identificação:
 - Idade:
 - Formação:
 - Profissão atual:
 - Número de filhos:
 - Idade dos filhos:
 - Idade do marido:
 - Formação do marido:
 - Profissão do marido:
- Que pseudônimo escolheria para ser identificada na pesquisa? Justifique sua decisão.
- Que pseudônimo escolheria para seu marido e seu filho?
- Conte o seu cotidiano no trabalho, que funções exerce. (Descrever como se passa um dia típico da rotina e depois um dia atípico).
- Imagine algum personagem ou símbolo que possam ilustrar esta questão.
- Como foi o caminho até o ponto atual da carreira? Relate sobre seu projeto individual de carreira: estágios realizados, carreira planejada.
- Relate o trajeto do seu relacionamento:
 - Como se conheceram? Como foi o período de namoro?
 - Quais são três palavras que te definiriam antes de casar? E depois? Se mudou, o que mudou?
 - O que você definiria como paixão? E amor? Dentro do teu relacionamento, como foi a passagem da paixão ao amor?
- Quando resolveram casar? Como foi esta decisão para ambos?
- Quais foram as implicações do casamento para você? (saída da casa dos pais, processo de independência, etc.)
- Imagine personagens ou símbolos que possam ilustrar como você se sentia.
- Quais foram as implicações do casamento para o teu marido?

- Como ocorreu a divisão das tarefas dentro de casa com a vida conjunta? Como se deu essa organização doméstica? Quem fazia o que? Houve mudanças ao longo do tempo nesta divisão?
- Como se deu a complementaridade entre vocês? Houve transformação de papéis ao longo do tempo?
- Quais são as semelhanças entre vocês? E as diferenças? Como lidam com elas?
- Quais eram as tuas expectativas em relação à maternidade? (Em relação à gravidez, ao sexo do bebê, etc.)
- Quais eram as expectativas do teu marido em relação à maternidade?
- Tinham planos/expectativas sobre como conciliar o trabalho com o cuidado com o filho e com a casa?
- Como foi a gravidez? (se ocorreu mais de uma, relatar sobre a primeira)
- Imagina algum personagem ou símbolo que possa descrever melhor como se sentia?
- Quais foram as maiores alterações sentidas nessa época? (a respeito de si mesma, do próprio corpo, do relacionamento, do resto da família, da vida social, etc.)
- Como foi suspender o trabalho com a licença maternidade? Quais foram os ganhos e perdas deste período?
- Como ocorreu a volta ao trabalho? Quais eram as perspectivas em relação à carreira e em relação à maternidade? Como se organizou? Como se sentiu?
- Como isso influenciou o seu marido em seu trabalho?
- Qual foi a participação do marido neste período? Como esta se manteve desde então até hoje?
- Com o crescimento do filho, houve alterações do vínculo com seu marido? Com seu filho? Entre os dois?
- Você consegue destacar momentos marcantes do desenvolvimento da família?
- O que você considera que mais te ajudou nos processos de mudanças?
- Como você se imagina daqui a dez anos? (perspectivas em relação à carreira, maternidade, casamento, família, vida social, etc.)

- Qual você imagina que seja a imagem de mulher ideal? Como você se coloca (autopercepção) diante dessa imagem?

ANEXO II
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada _____,

Sou aluna do curso de Psicologia da PUC-SP e estou realizando um trabalho de pesquisa sobre a vivência da mulher contemporânea em relação à formação de família (englobando casamento e maternidade) e a formação de uma carreira profissional. Dado isto, peço sua colaboração na pesquisa através de uma entrevista semi dirigida e, por isto, peço sua autorização para realizar uma gravação da entrevista, que será descartada ao final da pesquisa.

É essencial esclarecer que todas as informações obtidas no trabalho *A mulher contemporânea e a vivência de família e da carreira profissional: uma abordagem junguiana* serão utilizadas apenas para fins da pesquisa, sendo assim de caráter sigiloso e confidencial, como se encontra nas diretrizes éticas do Conselho Federal de Psicologia, que proíbe seu uso para qualquer outra finalidade. Do mesmo modo, a participante poderá decidir por não participar em qualquer momento, tendo a possibilidade de interromper a colaboração. Enfatiza-se também que o nome e outros dados passíveis de identificação não serão publicados em nenhum registro escrito.

Atesta-se, através deste documento, que você leu e esclareceu todas suas dúvidas em relação à sua colaboração. Entretanto, mesmo após a assinatura e de sua autorização, fica garantido que pode retirar sua participação a qualquer momento. Qualquer dúvida, entrar em contato com a pesquisadora, nos dados de contato abaixo especificados.

Agradeço imensamente sua disponibilidade e o seu consentimento para a realização da pesquisa

São Paulo, _____ de _____ de 2011.

Pesquisadora: Barbara Tancetti RG. 44.280.472-6; CPF. 369.983.758-08

Profissional Responsável: Prof. Dra. Flávia Arantes Hime RG. 5.618602-0;
CPF. 0111771948-05

Nome do(a) participante: _____

Assinatura: _____ R.G.: _____

Nome da Pesquisadora/Aluna: _____

Assinatura: _____

Nome da Orientadora: _____

Assinatura da Orientadora: _____

ANEXO III
TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

- Dados de identificação:

Nome: Daniela*

Idade: 23 anos

Profissão: Advogada

Filho: Pedro*, 3 anos

Marido: Felipe*, 30 anos, advogado e contador.

(os nomes foram alterados com intuito de preservar a identidade da participante e seus familiares)*

- Onde trabalha atualmente?

- Hoje trabalho no escritório do meu marido, do Felipe, de contabilidade, mas eu dou conta de toda a parte jurídica, porque a gente faz abertura de empresa, encerramento, contrato, essas coisas.

- Você lida sozinha com essa parte?

- Sou eu sozinha. Ultimamente está bem cansativo, porque eu tinha duas pessoas trabalhando comigo, aí reduziu para uma porque um saiu, aí esse saiu e eu contratei outra menina, mas acabou não dando certo. Por eu ser nova, as pessoas não me levam muito a sério como chefe. Assim, é besteira, mas eu não gosto de brigar com as pessoas, falo numa boa. Isso é meu, então acabou que não deu certo com essa pessoa e hoje eu to sozinha. É bastante responsabilidade cuidar dessa parte. É uma parte que eu gosto e é uma parte que a gente aprende cedo na faculdade, que é de contratos e tal. Então deu para conciliar. Eu já trabalhei em outros lugares também, então já tinha uma bagagem, apesar de não muito grande, para trabalhar lá. Mas é bastante puxado. O pessoal acha que por eu trabalhar com o Felipe é ãAh, você vai dia que quiser, a hora que quiser, mas não é, é muito mais responsabilidade, porque aquilo é meu. Tenho que fazer crescer.

- E quanto você trabalhar por dia?

- Nos dias que eu fico na faculdade, de 4 a 6 horas, depende do dia e do volume de trabalho, porque o Pedro sai às 17:30h, então eu tenho que sair do centro e pegá-lo. Nos dias em que eu não vou, aí são 8 horas normal trabalhando. É bastante.

- *Você vai para faculdade por causa do TCC?*

- Isso, às vezes tem alguma coisa, orientação. E no tempo em que eu ainda tinha aula eu trabalhava 4 horas, o contrato de trabalho era de 4 horas, então eu ficava das 13:00h às 17:00h. Mas eu sempre acabava ficando mais, porque sozinha para cuidar de tudo acaba (pausa) Às vezes eu trago trabalho para casa, acabo trabalhando aqui, então vou conciliando, porque o Pedro também tem os horários dele. Tenho que pegá-lo na escola. É pesado. Na época, a faculdade com o Pedro já era difícil porque, quando eu não trabalhava era mais tranquilo, dava para eu estudar à tarde, e à noite ficar com o Pedro, mas a faculdade, com o trabalho, com o Pedro, aí eu já fui muito mal em várias provas, atrasei a entrega da monografia, porque eu vou de manhã para faculdade, aí à tarde eu trabalho, à noite o Pedro quer atenção. Eu não vou deixar de passar tempo com meu filho por qualquer motivo, mesmo sendo a faculdade. Tem o Felipe também que requer atenção. Tudo bem, ele já é um adulto, já entende, mas também não pode largar assim, deixar. A casa também, eu tenho empregada, mas eu tenho que ver se está tudo bem, se ela está fazendo tudo direitinho, então é muita coisa, muita coisa mesmo. De final de semana, às vezes eu tenho que abrir mão de várias coisas para ÿ tinha né? ÿ para conseguir estudar direito.

- *Com a gravidez, então, como você acha que se deu essa conciliação toda de trabalho, estudo, casa, inclusive entre você e o Felipe? E você acha que mudou?*

- Então, quando eu engravidei eu não era casada. Então eu estagiava e estudava. Aí quando eu descobri que estava grávida, eu tive um descolamento de placenta e tive que parar o estágio, não pude continuar. Durante um mês eu fiquei em casa, não podia sair, tinha que ficar em repouso. Depois desse mês eu voltei para faculdade, mas a faculdade e o estágio ia me sobrecarregar muito, eu ia ficar o dia inteiro fora, em pé, e no estágio eu carregava muita pasta, ficava em pé, porque eu estagiava no fórum mesmo. Então eu só voltei para faculdade, eu não podia

dirigir, então minha mãe ou o Felipe tinham que me levar todo dia para faculdade, e ficou tranquilo. Meu único problema era planejar o casamento e pensar onde íamos morar, mobiliar o apartamento, isso tomava bastante o meu tempo. Foi tudo de repente. Eu quis casar em dois meses, porque eu não queria casar com barrigão, eu descobri já com 3 meses, então eu tinha que casar até o quinto mês, que é quando não tem barriga. Então eu tive que planejar o casamento em dois meses, tanto é que eu não tive o casamento dos meus sonhos, não fiz nada disso porque não deu tempo de planejar, foi só um bolo e champanhe e ponto. Não dava tempo de planejar tudo do jeito que eu queria.

- *Mas você tinha planos de fazer uma grande festa?*

- Tinha. Não precisava ser uma festa assim, nunca planejei fazer uma festa para 200 pessoas, no final eu queria estar com as pessoas que foram no bolo e champanhe mesmo que eram minhas amigas, a minha família, a família do Felipe, os amigos do Felipe, eram essas pessoas que eu queria lá. Mas eu queria ter tido uma festa, um jantar e uma festa. Não deu para fazer, por conta mais do tempo do que do dinheiro, porque tem isso também. Quando você planeja o casamento com antecedência, você parcela tudo até a data, eu não pude parcelar nada, tive que pagar tudo á vista. Então ficou pesado, mas eu fui em vários bufês, mas eu não conseguia decidir e chegou uma hora que eu pensei que não queria mais fazer nada. Vou casar eu e o Felipe só, vou lá na igreja rapidinho só eu e ele e mais nada, mas achei que eu fosse me arrepender. Aí teve o apartamento em que a gente ia morar, primeiro teve um apartamento que precisava reformar a cozinha e a área de serviço. Ele era antigo e os azulejos estavam caindo, porque estava estufando, então precisava tirar todos e recolocar todos de novo. Isso fez com que fosse super complicado porque o apartamento não ficou pronto quando eu casei. Eu casei no final de Julho, aí teve a lua de mel, quando eu voltei o apartamento ainda não estava pronto.

- *Onde vocês passaram a lua de mel?*

- Para Monteverde, porque eu não conseguia pegar avião também, por causa do bebê. A gravidez me restringiu muito, no que eu podia fazer e no que eu não podia. Porque como teve o descolamento, qualquer movimento brusco, mudança de

pressão já corria um risco. A gente ia para o Chile, mas além da pressão do avião, tinha a altitude lá, então o médico falou que se fosse o bebê dele, ele não ia. Se eu quisesse ir, tudo bem, mas sinceramente não achava que iria ter um risco grave, mas podia ter. Então fomos para Monteverde. Quando eu voltei, o apartamento não tava pronto, e minha avó tem um apartamento aqui no bairro que tava vazio e mobiliado, então fui morar nesse apartamento. Só que, com as minhas roupas em malas, porque esse apartamento estava com roupas nos armários, tinha várias coisas da minha avó, então eu fiquei de Julho a Outubro com as minhas roupas em mala, totalmente desconjuntada, porque era uma casa que não era minha. Minha avó tinha ido morar na praia. Foi ruim então. Não era legal, e o apartamento nunca ficava pronto. Daí o apartamento ficou pronto quando eu voltei da maternidade. Eu fui para maternidade eu morava na casa da minha avó ainda, aí eu passei três dias, e quando voltei, já voltei para o apartamento novo. Pelo menos né. Não ia nem ter berço na casa da minha avó. Teria que dormir no carrinho. No outro apartamento já tinha o quarto dele, o meu quarto. Mas foi complicado, porque eu tive uma série de agravantes no percurso. Foi difícil o fato de engravidar antes de casar porque, por mais que todo mundo saiba que todos os casais de namorados têm relações sexuais antes do casamento, uma coisa normal hoje, não adianta ficar falando ãh não, porque meu filho não fazê é uma coisa normal. A exceção são os casais que não têm. Conheço casais que não tem, mas são exceções. Ainda existe um preconceito, um olhar torto. O meu pai sabia que eu tinha relações com o Felipe antes de casar, ele sabia, antes mesmo de eu engravidar ele sabia. A gente conversava sobre isso. E quando eu engravidei, ele ficou super bravo comigo. Entendeu? Tanto é que durante minha gravidez eu não vi muito minha família. Minha mãe eu via.

- *Por conta da gravidez mesmo?*

- É, eu não ia muito nos eventos de família.

- *Mas por uma questão deles ou sua?*

- Não. Assim, minha tia não ligava, mas eu tinha vergonha da minha avó e vergonha do meu pai. Eu tinha muita vergonha. Meu pai me tratou super bem, dava beijo na minha barriga. Quando nasceu, aí mudou, acho que senti um amor deles pelo Pedro mais verdadeiro, sem nenhum tipo de preconceito. Tinha passado, já.

Então foi mais fácil. Era um novo ciclo, passou aquilo. Hoje eu não sinto vergonha nenhuma de falar ãh, engravidei antes de casar. Outro dia estavam falando da questão de aborto, essas coisas. Eu sou contra, sempre fui. Não é só o corpo da mulher, aquilo é outra vida, você não está lidando com o teu corpo só. Eu engravidei com 19 anos. Se eu tinha idade para ter relações com meu namorado, eu tinha idade para ter um bebê. Se não quer o bebê, doa. Tem muito casal que não consegue ter filho e está louco para ter um bebezinho para adotar. Então põe para adoção. É, não é doa, doa é muito feio, coloca para adoção. Acho que é muito egoísmo você pensar que é somente meu corpo. Não é mais só seu corpo, é o seu corpo e o corpo daquela criança. E tenho amigas que não tiveram a mesma felicidade que eu tive. Eu engravidei antes de casar, mas engravidei da pessoa que eu amava, de uma pessoa que me amava e o casamento deu certo. Tenho amigas que casaram e não deu certo e tenho amigas que nem casaram. Então não tenho essa vergonha de dizer que engravidei antes de casar.

- *No final então vocês acabaram se estruturando mesmo, apesar do imprevisto.*

- É, foi um chute no escuro mesmo. Grávida fica chata, né? É muito hormônio. E eu ficava triste. Qualquer coisa que me falavam, eu chorava. Se você me perguntasse se eu acharia melhor casar grávida ou casar antes de engravidar, acho que casar antes de engravidar te proporciona com a pessoa um tempo de intimidade que é único. O casar grávida, entre aspas foi bom porque eu não tenho do que sentir saudade. Eu tenho amigas que casaram, mas sentem falta, dizem ãmo meu filho, mas tenho saudades do tempo em que era só eu e meu marido porque a gente tinha liberdade para fazer o que quisesse na hora que quisesse. Eu não tenho do que sentir saudade, porque já casei tendo o Pedro. Mas esse tempo em que eu ainda estava grávida, foi super difícil o casamento. Além de estar com os hormônios para cima e para baixo, estava super mais sensível e tudo mais, é difícil você pegar uma pessoa que foi criada de uma maneira, uma pessoa que foi criada numa maneira totalmente diferente, e colocar dentro da mesma casa, e viver. Porque irmão, por mais que a gente brigue, tem a mesma criação que a gente, tem os mesmos costumes. Marido não. É outra família, são outros costumes. Aquela história da pasta de dente, de um apertar em cima e outro embaixo, achei que fosse besteira. Eu nunca briguei por causa da pasta de dente em si, mas outras coisas tão bobas

quanto, se briga. Ah, porque você colocou leite desse lado da geladeira, eu gosto que coloque o leite daquele lado. São coisas bobas. Hoje meu casamento está muito bom, mas faz três anos que casei, casei há quatro. Demora. Exige tempo, exige vontade de ficar com aquela pessoa. Todo casal, tem dias que você fala ãh, que saco, tenho vontade de me separar. Todo casal tem algum dia que falou isso, alguma fase pior que falou isso. Exige tempo e exige (pausa) não é comprometimento (pausa) Exige investimento. Exatamente. Exige investimento. Os dois têm que ceder várias coisas que gostam para fazer coisas que não gostam. Tem que haver um balanço. Se os dois cederem, então eu vou fazer coisas que eu não gosto mas que ele gosta, e ele vai fazer coisas que ele não gosta mas que eu gosto. E os dois vão fazer coisas que gostam também, vai ter um momento para tudo isso.

- *O que você achou que teve que ceder?*

- Que eu cedi? Eu era muito perfeccionista. Muito. E para o Felipe está tudo bem, ele acha uma besteira. Por exemplo, ãi, tem que comparar um vaso para pôr na mesinha de centro, porque eu acho que um vaso na mesinha de centro blábláblá. Ele é tranquilão, entendeu? E a nossa criação foi muito diferente. O Felipe nasceu e os pais dele não tinham nada, a mãe dele tinha 15 anos e o pai dele tinha 20. Eles eram super pobres. Então por mais que agora os pais dele estejam bem financeiramente, a criação dele foi totalmente diferente da minha. Eu já vim de uma família mais estruturada, fui aluna de colégio caro, é outra coisa. Dá certo, porque o Felipe gosta desse mundo que nós vivemos, de criada nesse tipo de ambiente, ele gosta desse mundo. E também porque ele tava disposto a aprender muita coisa. Ele foi diretor de uma multinacional. Então ele aprendeu muita coisa, por isso deu certo.

- *Qual a formação dele?*

- Direito e contabilidade. As duas faculdades. Mas ele não exerce o direito. Ele trabalha na empresa do pai dele, que o pai deu para ele, porque ele foi o único filho que seguiu essa área, os irmãos não seguiram. Não tem nada a ver a carreira deles. Mas deu certo por causa disso. Eu sempre faço essa comparação, com irmão. Se a

gente já briga com irmão, que não dorme junto com a gente, e que teve a mesma criação que a gente, você imagina com uma pessoa que não teve a mesma criação.

- *Você acha que com o tempo vocês conseguiram equilibrar essas diferenças?*

- Equilibrou. Eu era muito (pausa) ah, lembrei, uma coisa que eu encrencava, eu era muito chata com roupa. Não adianta, o Felipe gosta de usar bermuda, camiseta, pólo, ou uma camiseta de um time de futebol. Ele tem coleção de camiseta de time de futebol. Para mim era inadmissível eu ir almoçar em um restaurante com essa roupa. Eu tive que aprender a ceder. Não é só o que eu gosto. Senão eu estou mudando a pessoa dele. Eu não posso fazer isso. Ele é um ser, eu sou outro ser. Da mesma maneira, ele cedeu, porque ele reclamava da minha roupa, que eu me arrumava muito para tudo. Você vai no parque, está muito arrumada. Uso muito menos maquiagem do que eu usava, porque ele não gosta. Então nessas coisas eu cedi. Em outras coisas, ele cedeu. De deixar eu arrumar o apartamento, eu decorar o apartamento. Então eu escolhi essas coisas. Na empresa ele já tem deixado eu cuidar de algumas coisas que antes ele não deixava. Lá é uma extensão da minha casa, então eu que fico reparando ãEssa cadeira está com rasgo, precisa trocar. Essa lixeira está muito feia, precisa trocar

- *De algum jeito então vocês se balancearam?*

- Foi. A gente percebeu, depois de três anos, por incrível que pareça, que no casamento um completa o outro. Tem características positivas que ele tem que eu não tenho, e tem características positivas que eu tenho que ele não tem. E a gente equilibra as negativas também. Então a gente tem que se completar. O meu perfeccionismo ia para todas as áreas. Eu não aceitava erro das pessoas. Errou, para mim, não presta mais. E eu não aceitava errar também. Nisso, ele me ensinou muita coisa. Como ele é 6 anos mais velho que eu. Ele está com 30, faz 31 esse ano, ele me ensinou muito, dizendo que eu não posso ser tão rigorosa com as pessoas, porque o rigor que você vai usar com elas, vão usar com você. É o rigor que eu usava comigo. E a vida fica muito chata assim. Então foi bom.

- *Foi bom então esse contato com o diferente.*

- Foi bom sim, sempre é bom.

- *Em relação ao trabalho, você pode contar um pouco como foi, desde a faculdade, os estágios, até o trabalho atual?*

- A escolha da faculdade foi meio aleatória porque, na verdade, eu sempre achei que fosse fazer medicina. Sempre. Eu entrei no cursinho, fazia biológicas porque queria fazer medicina. E comecei a namorar com o Felipe. Eu tava no cursinho, ele não, eu conheci ele na época que eu fazia cursinho. E aí eu estudava muito, ia lá de sábado porque tinha um complemento no cursinho. E aí o Felipe um dia sentou e conversou comigo e falou "Daniela, eu sei que a gente está só namorando mas eu gostaria de ter uma esposa (pausa) eu pretendo casar com você" né, todo mundo começa a namorar pretendendo um dia casar, senão não tem sentido" e eu não quero uma esposa que liguem as 3:00h da manhã para ir atender um chamado, porque alguém está doente. Não é o que eu quero da minha vida e eu não imagino minha família assim. Isso foi complementado pelo fato de eu estar muito cansada de tanto estudar, já tinha prestado um vestibular para uma faculdade paga no meio do ano e não tinha passado, então eu já estava desgastada. E na época eu pensei "Será que eu estou fazendo a coisa certa de desistir de fazer medicina por conta do pedido de uma pessoa que eu nem sei, eu tenho vontade de ficar junto, mas nem sei se eu vou ficar para sempre". E acabei desistindo. Fui muito por influência do meu pai, meu pai é administrador de empresas. Acabei pensando em economia, administração ou direito. Entre essas três, percebi que o direito me dava um leque muito maior de atuação, porque a maioria dos presidentes de empresas, multinacionais ou não, hoje, são formados em direito. Não são mais formados em administração. Aí eu pensei, vou fazer direito, se eu quiser seguir a carreira de administração, eu faço uma pós nisso e consigo um cargo de administração. Aí entrei na faculdade e comecei a gostar do curso. Minha mãe sempre achou que eu devia ter feito direito mesmo, que eu sempre fui chata, reclamona, complementava. No final encaixou. No direito tem muitas áreas, como medicina. Você pode ser trabalhista, criminalista, você pode trabalhar com direito societário, como eu, ambiental, tem muitas opções. Eu não gosto de tudo do direito. Como médico, ortopedista não necessariamente vai gostar de neurologia ou cardiologia, não, ele gosta de ortopedia. Eu gosto de cuidar de empresa. Eu não gosto de cuidar de problema de pessoa. É outra coisa. E lidar com empresa eu acho

mais fácil. Quando eu estava no segundo semestre, eu comecei a estagiar. Comecei a gostar muito do direito, então comecei a estagiar no fórum. Lá eu via muito do tributário, porque eram execuções fiscais. Então é tudo aquilo que, a pessoa deixou de pagar um imposto, a justiça vai e entra com uma ação para ela pagar os impostos que ela deve. Então aprendi muito de tributário e processo civil, que ensina qual o trâmite do processo. Começa com um petição inicial, é o processo, ensina como é o processo. Aí eu engravidei. Tive que sair do estágio.

- *Em que ano?*

- Foi no segundo ano. Foi no terceiro semestre que eu engravidei. E até hoje eu falo com a minha chefe desse trabalho, porque eu saí mesmo por conta da gravidez. Aí eu acabei atrasando um semestre, por conta da gravidez. A partir do oitavo mês você pode fazer as matérias em casa. Um estudo a distância. Só que não deu muito certo, eu ainda planejando casamento, mudança, um bebezinho, não tem como. Então acabei atrasando um semestre. Até o Pedro fazer um aninho, eu fiquei sem trabalhar. Quando ele fez um ano eu entrei em um escritório grande aqui de São Paulo. O quinto maior escritório do Brasil. Para área cível. Então eu só trabalhava com empresa, porque é difícil que esses escritórios tenham clientes pessoa física. Mas eram ações mesmo, então era ação de indenização, que entravam contra essa empresa. A maior parte era indenização. Por exemplo indenização contra indústria farmacêutica, porque a pessoa tomou pílula ou pôs um DIU e engravidou, e aquela criança nasceu com defeito. Então tinham casos mais tranquilos tipo, a moto quebrou. O cara não sofreu nenhum acidente, mas a moto quebrou. E tinham casos tristes, como a mulher engravidou e o feto nasceu com defeito porque ela tava com um DIU dentro dela e ela não sabia que estava grávida. E era um ritmo de trabalho insano, 6 horas por dia, mas eu nunca ficava 6 horas, eu ficava umas 8. Eu não via o Pedro acordado.

- *Nessa época então o Pedro ainda tinha quantos anos?*

- Tinha um ano. Eu não via ele acordado, porque eu saía de casa as 6:30h para ir para faculdade e ele tava dormindo, eu chegava as 22:30h e ele tava dormindo. O Felipe me dava uma super força, me dizia para ir atrás dos meus sonhos, porque eu sempre quis trabalhar em escritório grande. A minha pretensão

era essa, nunca quis carreira pública, queria ser advogada mesmo. Eu mal falava com o Felipe, a gente não brigava, mas eu chegava tão cansada que eu não queria muito conversar, ele não tinha com quem conversar, e eu não queria conversar. Afetava o nosso escritório, porque eu tinha que sair cedo para pegar o Pedro, como eu não podia sair ele tinha que sair.

- *Esse mesmo escritório em que vocês dois trabalham hoje?*

- Esse mesmo. Quando o Pedro tinha 6 meses ele saiu da multinacional em que trabalhava. Então ele tinha que sair cedo, eu não conseguia cuidar da casa, tudo estava uma bagunça, eu não conseguia conciliar, ver se as coisas estavam certas, se estavam erradas.

- *E o Pedro ficava com quem nesse período?*

- Ele ficava na escola. O Felipe deixava e o Felipe buscava. Porque quando eu não trabalhava, o Felipe deixava e eu buscava.

- *Isso desde um ano de idade?*

- Desde quatro meses. Desde que eu voltei para faculdade. Mas quando eu voltei para faculdade, eu pegava ele meio período, ele não ficava o dia inteiro na escola. Ele começou a ficar o dia inteiro quando ele tinha um aninho, que foi quando eu comecei a trabalhar. E aí eu comecei a pesar tudo, comecei a pesar o fato de eu não ter um relacionamento com meu marido, a gente não conversava. Estava tudo bem, aparentemente, sem briga, mas não tava tudo bem. O fato de eu não ver o Pedro acordado. Ele teve uma crise de falta de mãe, nem sei se existe isso, porque de final de semana ele só queria ficar no meu colo, e se eu colocasse ele no chão ele chorava, porque ele achava que eu ia deixar ele no chão e ia sair. Então comecei a pesar isso. Comecei a ver um monte de coisa triste no escritório. Teve uma moça que tomou um medicamento de uma indústria que a gente defendia, e sei lá porque, gangrenaram os dedos da mão dela. E ela perdeu nove dedos, ela ficou com um dedo. Então ela alegava que ela precisava de uma pensão vitalícia dada pela indústria farmacêutica porque ela não tinha mais como trabalhar. Ela iria trabalhar do que, sem os dedos da mão? Sabe qual foi a defesa do escritório? Que ela podia ser ascensorista de elevador. Sabe, não é humano você fazer isso. Eu acho que, como

advogada, existem momentos que defender o cliente é minimizar a pena. Mas não eu falar que meu cliente não tem que pagar. Tem que ser coerente, eu não sou a favor de mentir, dane-se, o outro que se ferre. Nesses escritórios grandes, a política é ão outro que se ferre, o importante é que teu cliente ganhe. Mudei de idéia completamente. E aí tudo isso fez com que eu quisesse sair. Eu fiquei em uma luta muito grande dentro de mim, porque era meu sonho trabalhar em um escritório grande, pelo status. Para falar ãeu trabalho em tal escritório. Mas a realidade lá dentro é ou para uma pessoa que não tem escrúpulos, na maioria das vezes, não necessariamente não tem escrúpulos, mas não liga, ou trabalha em outra área que não fere tanto. Talvez societário às vezes ferra, porque é uma negociação com outra empresa e a outra empresa que se dane se ela vai falir ou não vai. Não é a minha mentalidade. Saí com 6 meses de escritório desse escritório grande, e fiquei mais um ano sem trabalhar de novo. Voltei a ficar um ano sem trabalhar. Fiquei em casa. Estudando, essas coisas.

- *Você ainda estava fazendo aquele estudo à distância?*

- Não não, esse período a distância foi só do oitavo mês de gestação ao quarto mês de vida do bebê. O meu quarto mês de vida deu exatamente em fevereiro, que deu exatamente no começo das aulas, então eu voltei normal, voltei direto. Mas antes de eu entrar para esse escritório grande, a gente estava cogitando a possibilidade de eu trabalhar no escritório do Felipe. Então quando eu saí ainda fiquei um ano cogitando se seria bom ou não, porque trabalhar com marido é outro desafio. A gente não sabia se ia dar certo ou não. Ai em fevereiro de 2011, faz um ano, eu fui para o escritório. Tem dado certo. É bom porque lá eu tenho autonomia para seguir meus conceitos, o que eu acredito, meus valores. Já vários clientes eu falei ãó, você quer fazer errado, infelizmente eu não posso te atender, procura outra pessoa que faça. Eu dou o caminho, eu posso fazer assim e assim, ferrar outra pessoa eu não vou fazer. Eu posso fazer a maior manobra possível para você ter a menor carga tributária possível. Agora, mutreta para não pagar, eu não vou fazer, não acredito nisso. Então é muito bom ter essa autonomia, de trabalhar com o que eu acredito, com meus valores. É difícil, no começo eu e o Felipe acabávamos misturando um pouco, então eu trazia assunto do trabalho para casa e a gente discutia, ficava de cara feia em casa. Depois de um ano, a gente discute alguns

assuntos, como chefe e funcionária, brigamos às vezes como marido e mulher, normal. Mas não tem afetado tanto. Não tem cara feia porque no trabalho deu algo errado. A gente tem conseguido separar bem e eu fico feliz também porque, apesar de levar trabalho para casa, eu estou trabalhando para crescer algo que é meu. Eu não trabalho para crescer algo que é de outra pessoa. Eu me empenho mais, eu sei que é meu, que vai acontecer.

- *Tem dado certo então, dividir o espaço de trabalho?*

- Tem dado certo. Assim, a gente não divide o mesmo espaço físico, ele tem a sala dele e eu tenho a minha. E assim, por mais que eu não seja uma funcionária comum, eu sou funcionária também, então não adianta levar para ele. Eu era um pouco mimada, então eu levava alguns problemas para ele, tipo, eu sou sua mulher e você tem que me defender. Às vezes havia um conflito entre áreas. Então às vezes eu não concordava com alguma coisa da contabilidade, então eu levava com esse intuito. Hoje não, eu não levo mais. Eu só vou levar um assunto para ele, se eu fosse levar pro meu chefe. Me coloco muito assim, se eu trabalhasse em um escritório grande, como eu portaria? Que coisas levaria para o meu chefe? Que coisas eu perguntaria? Aí eu tento manter essa postura. O que é difícil é balancear quando eu tenho que me portar como funcionária normal e quando tenho que me portar como dona do escritório, porque querendo ou não os outros funcionários me vêem como dona, eles não me vêem como chefe da área jurídica, eles me vêem como dona. Isso é mais difícil do que lidar com Felipe, é o meu problema interno. Por exemplo, o chefe da área contábil, é na mesma hierarquia que eu, então é difícil eu não dizer para ele que quero que seja feito assim ou assado.

- *Como você acha que foi para o Felipe todo esse processo que você contou, todo esse processo de mudanças?*

- Acho que foi bem difícil. É muito comum as pessoas me perguntarem como foi, por acharem que a mudança maior é na minha vida, porque eu fiquei grávida. Agora imagina, o cara tinha 26 anos, diretor de uma multinacional, podia fazer praticamente o que quisesse, viagens ao exterior ele tinha pela empresa, como muito amigo meu hoje está na fase de curtir, de sair, teve que assumir uma família. E bancar uma família.

- *Ele ajudou muito nesse sentido, então?*

Quem, o Felipe? Tudo! Ele assumiu tudo. Ele me assumiu! O carro, a casa, o Pedro inteiro, o casamento foi ele que pagou, bebê é muito caro, escola é caro, tudo é caro. O casamento o Felipe pagou sozinho. A única coisa que ele não pagava, porque meu pai fazia questão, era a faculdade. Só. Mas todo o resto, livros, tudo o que eu precisava para faculdade, carro, estacionamento, era o Felipe que pagava. Assim, ele fala que o que ele sempre quis era uma família mesmo, e eu acredito pelo empenho dele, porque teria cara que meu, não estaria nem aí, se vira. E ele não. Mas eu acho que deve ter sido muito difícil. O Felipe não é de se abrir muito, principalmente para falar. Não estou gostando de algo porque ele tem muito receio de eu ficar chateada, ou pensar coisa errada. Mas não necessariamente dizer que foi difícil para mim implica em eu não querer ter feito isso. Para mim também foi difícil, mas foi uma escolha que eu fiz. E ele também, tenho certeza. Foi uma mudança de vida brusca, total. Era muito stress. Quando ele era diretor da multinacional, era uma empresa mexicana, mexicano é muito difícil de trabalhar, eles são muito estressados, não têm horário. Então às vezes eles ligavam de madrugada, com o fuso horário, eles trabalham normalmente de madrugada, então ligar às três da manhã, porque são onze lá e eles estão trabalhando, não tem problema nenhum. Então foi o stress, bem nessa época, no casamento, porque ele saiu quando o Pedro tinha 6 meses, então imagina, foi um turbilhão de coisa, tudo junto e ele era diretor financeiro ainda, um cargo que tem uma carga de stress porque você está lidando com todo o dinheiro da empresa. Foi muito difícil. Ele sempre foi muito parceiro, como te falei. Mesmo quando eu trabalhava para caramba, ficava o dia inteiro fora, ele nunca virou para mim e falou. Você não está cumprindo seu papel como esposa. Nunca me cobrou isso. Eu reconheço isso. Sou grata a ele por isso. Podiam ter outros caras que diriam. Você tem que cuidar do bebê. Hoje eu faço questão de abrir mão de algum tempo com ele ou de alguma coisa para ele ter o que ele quer. E eu acho que nosso casamento dá certo justamente por isso, ele é totalmente o contrário. Por exemplo, se a gente tiver que diminuir o padrão de carro, ele faz questão que eu fique com o carro melhor e ele com o carro simples. E eu faço questão de ficar com o carro mais simples para ele ficar com o melhor. Sabe, por isso que dá certo, porque um está sempre pensando no outro. Mas eu imagino que tenha sido (pausa) porque um homem de 26 anos, por

mais que você pense que já é um homem, o homem, vira, ao meu ver, homem mesmo, quando ele faz uns 30, porque até então ele é um garoto.

- *Ele teve que virar homem.*

- Teve que virar homem. Não foi tão cedo quanto o pai dele, que foi com 20 anos, mas ele teve que assumir um monte de responsabilidade.

- *Mas você acha que tem a questão também das diferentes gerações? Em relação ao tempo de amadurecer, virar pai, subir na carreira.*

- É realmente muito diferente. Foi difícil para os dois. O mundo não funciona no ritmo que a gente quer. Então para mim era difícil ver minhas amigas indo para balada, saindo, e eu casada. Para ele também deve ser. Ele não fala, mas eu imagino que para ele também era. Agora não me faz mais falta, mas no começo era difícil e eu imagino que para ele também era ver os caras da empresa saindo, indo para balada, tinham jantares e indo depois para farra, e ele não podendo ir. Então foram escolhas. Foram escolhas. E graças a Deus os dois estavam bem cientes das escolhas que fizeram.

- *Mas e antes disso, como vocês se conheceram, como foi o período de namoro?*

- A gente se conheceu pela internet. Por incrível que pareça. Foi no Orkut ainda, ele entrou e falou "Você pode me adicionar no Messenger?" Daí acabei descobrindo que tínhamos um círculo de amigos meio em comum. O nosso padrinho de casamento mora aqui no condomínio, ele frequentava muito o bairro, eu conhecia a família dele, fui para aniversários e tudo. Daí um dia a gente saiu, foi para o cinema, mas não aconteceu nada. Ai ele foi na formatura do colégio em que eu estudava comigo, e não aconteceu nada. Aí ele foi na outra formatura, que foi a minha, mas a gente era só amigo, não tinha nada. Aí em janeiro, nisso a gente tava no colegial, quando eu conheci a gente tava no colegial, quando eu comecei a namorar com ele eu já tava no cursinho. Em janeiro os pais dele tiveram um acidente, quase morreu a família inteira, aí acabei me aproximando dele por causa desse período, a gente ficou mais próximo ainda, porque eu me compadecei muito da história. Não tinha intenção nenhuma de namorar com ele mesmo, a gente era só

amigo. Daí a gente começou a namorar e aí ele passou todo esse período de cursinho, vestibular comigo, e quando eu engravidei a gente já namorava há dois anos e meio. Dois anos, acho. Isso, dois anos, aí quando eu casei era dois anos e meio.

- *Bastante tempo, então.*

- Bastante tempo, sim. Eu já conhecia, já tínhamos planos para casar. Estou brincando muito esse ano, porque era para gente casar esse ano, o nosso plano era casar em 2012, que era quando eu ia me formar. Era para eu me formar em dezembro, se eu não tivesse atrasado seis meses por conta da gravidez, então era para eu estar casando esse ano e já vai fazer quatro.

- *E você acha que o relacionamento de vocês mudou, entre vocês dois mesmo, nesse tempo todo?*

- Muito. Primeiro que mudou em dois sentidos, no bom e no ruim. No ruim porque no namoro tudo é lindo, são flores, presente, tudo é meu amor, tudo é lindo. Depois que você casa não é tudo tão colorido assim. O fio de cabelo que caiu na cama no travesseiro dele, já é algo que irrita. Uma resposta atravessada já tem uma conotação muito maior do que quando você namora. Quando você namora você é muito mais paciente, você passa menos tempo com a pessoa. E quando você briga, você não precisa dormir com a pessoa. Você vai para tua casa e está tudo bem. Não, quando você briga você tem que dormir com aquela pessoa. Então muda completamente o relacionamento. Muda para o bom também, porque o nível de intimidade é outro, o nível de cumplicidade é outro, o nível de fidelidade é outro. Então tem as duas moedas. Não é tão romântico, mas a fidelidade, não só no sentido sexual, mas a fidelidade mesmo, de você saber que a pessoa está lá para você é outra, é completamente diferente. Então tem os dois lados. Eu sou muito mais feliz hoje, porque prefiro muito mais esse nível de cumplicidade que a gente tem do que as flores, o chocolate. O chocolate eu compro, ganhei um monte de ovos. É outra coisa. E tem o fato de educar o filho também, os dois que educam. Então nem sempre você concorda. Isso tudo para mim e para o Felipe foi muito conversado, a gente conversou muito muito muito muito muito sobre educação de filho. Eu tenho pais separados e os pais do Felipe foram separados e voltaram.

Então o Felipe também teve a experiência de pais separados. Então a gente não queria cometer com o Pedro os mesmos erros que nossos pais cometeram. Meus pais era uma guerrinha, então se meu pai falava não, eu ia correndo para minha mãe que dizia ãVocê está certa, teu pai que está errado.ò A mesma coisa do pai tirar autoridade. Então eu falo não para o Pedro e o Felipe fala ãAh, que besteira, pode comer tal coisa, imagina, não tem nada a ver.ò Então isso foi muito conversado, né. Porque isso influencia no relacionamento também. Se os pais não concordam com a educação do filho, isso traz problemas para o casamento. Para o filho é indiscutível, mas traz brigas para o relacionamento. Você briga com a pessoa como marido, não como pai do teu filho. Porque você está tirando minha autoridade. Então vira uma disputa de poder de quem pode mais. Eu sou totalmente a favor da família patriarcal, não matriarcal, como foi a minha. Eu acho que a última palavra é do homem. Eu sou machista. Então assim, tudo tem que ser decidido em conjunto, mas a gente tem um acordo: se os dois discordarem, a última palavra é dele. Eu acredito que há uma benção sobre isso. Que a família foi criada para ser assim. Como o Felipe tem esse papel de provedor, a última palavra tem que ser do pai. Nunca tive que usar isso. Nunca. Sempre foi inconsciente. Então viram para mim e falam ãAh, mas você é machistaò mas nunca tive que usar isto.

- *Isto o que?*

- Isto, que a última palavra é do Felipe. Porque a gente entrou em um consenso.

- *Um consenso silencioso então?*

- Não, a gente sempre conversa. Se por impulso eu disser não, o Felipe fala não também. Mesmo que ele ache que sim. Mas para não me desautorizar na frente do Pedro. E eu a mesma coisa. Mesmo às vezes que eu acho que ele está errado, que ele está tomando uma decisão errada, eu concordo com ele, que é para o Pedro ver que nós dois somos um. Que não adianta jogar. Porque acontece isso. Minha irmã fazia muito isso, de jogar um contra o outro e talvez isso tenha influenciado na separação também. Entendeu? Porque é o que eu te falei. Então o relacionamento, além de tudo que muda, muda isso também. Que você tem que lidar com teu filho, que ele também é uma pessoinha, que ele também sabe jogar. Que ele quer o que

ele quer. Ele quer atingir o fim que ele quer. Ele não tem noção, que estou colocando meu pai contra minha mãe, eles vão ter uma briga horrível, que vão ficar uma semana sem se falar. A criança não sabe disso. Por mais maldade que ela tenha em algumas coisinhas, isso ela não sabe. Então o adulto tem que saber lidar com isso. É o adulto que tem que saber. E outra coisa, o homem, é da natureza (pausa) Por que que eu falo que é da natureza humana que a família foi criada para o homem mandar: ele tem isso dentro dele. O homem, é natural dele ele mandar. E é natural da mulher a mulher obedecer. Por mais que tenhamos (pausa) Eu não era nada obediente. Tudo o que o Felipe falava eu respondia atravessado. No começo não era assim. É que a gente vai percebendo o que dá certo e o que dá errado e vai ajustando. Eu nunca fui subordinada. Não era uma característica minha. Mas eu fui trabalhando isso. Porque eu percebi que por mais que eu não gostasse de ser subordinada, e por mais que eu lutasse contra isso, e existem muitas mulheres que são sucedidas, bem sucedidas assim, como chefes, é um sentimento que você tem que lutar contra, para você ser bem sucedida e chefe. E o homem é a mesma coisa, se o homem tem que ser submisso, mesmo em um cargo de empresa, se ele tem um chefe, tem que lutar contra ele para não dar uma porrada na cara do chefe quando ele manda alguma coisa. Porque o homem não gosta de obedecer. Então, por que eu acho que dá certo, isso que eu falei, da última palavra ser sempre dele? Dele saber que a última palavra é sempre dele, dá uma tranquilidade, que ele sabe que não tem que bater de frente comigo. Porque a última palavra é dele. E por isso que a gente nunca precisou usar, a gente sempre decidiu tudo em conjunto. Entendeu?

- *Sim, sim.*

- É porque eu to falando para uma psicóloga isso, a mulher não tem que mandar, vai achar que eu sou louca, mas você entendeu o que eu to falando?

- *Entendi sim. Você comentou que na sua casa era um esquema mais matriarcal.*

- Era.

- *A tua mãe que mandava então?*

- Até hoje. Mas na minha casa eu lembro pouco, porque meus pais se separaram quando eu tinha três anos. Então dos três aos seis, apesar deles morarem juntos, o relacionamento não era mais de marido e mulher. Na minha casa, minha mãe sempre foi muito submissa, a tudo e a todos, não só meu pai. Só que ela fazia as coisas pelas costas dele. Porque minha avó é matriarcal, minha avó sempre mandou. Meu avô dizia tudo bem, porque ele não queria problema, então ele não discutia. Que é o que geralmente acontece em famílias matriarcais. O homem ele está tão cansado de tentar se impor, que ele não concorda com o que a mulher faz, que aí está o problema, dos dois discordarem, então vai cada um para um lado. Eu gosto muito de usar a bíblia, não por um sentido religioso, mas porque tem vários ditados que a gente diz, que a gente fala, que vieram de lá. E tem um versículo que diz: "Casa dividida não prospera". E isso é a mais pura verdade. Se um está remando para um lado e o outro para o outro, não tem como esse barco andar. Então os dois têm que estar para o mesmo lado. O que acontece em famílias matriarcais, que eu estava falando, é a mulher manda, o cara não concorda com ela, ou seja, ele não tá remando para o mesmo lado que ela, mas ele fala "Tá bom, faz do jeito que você quiser, porque eu não ligo mais". A minha mãe, ela não se impunha, mas era assim, meu pai me dava uma bronca, dizia "Você está de castigo, você não vai ganhar um presente porque fez coisa errada!". A minha mãe ia no shopping e comprava. Imagina, então meu pai não tinha autoridade nenhuma, ele dava bronca, e isso causava muito problema para minha irmã, que era mais velha.

- *Quanto mais?*

- Minha irmã é oito anos mais velha. Então eu tinha três e ela tinha onze já. Minha irmã sentiu bem mais. Ela ficou dez anos sem falar com meu pai porque ela não aceitava ouvir não. E meu pai falava "Não, você não pode fazer isso". Minha irmã teve envolvimento com drogas, sabe? Foi assim (pausa) Hoje ela tá bem, graças a Deus, mas foi bem mais difícil para ela. E eu vendo todos esses erros, falei "Não, não quero isso para minha família". Tem sociedades que são (pausa) não sei se tua família é assim, minha família é bem matriarcal porque é italiana. Minha avó é italiana. Então minha avó manda, minha avó tem que fazer tudo, minha avó decide. Então ficou assim. A minha mãe sempre foi mais submissa. A minha tia que é casada até hoje é assim, ela que tem que mandar. E meu tio fazia a mesma coisa

que meu avô fazia. A mulher tem esse poder. Eu sou machista, mas eu tenho plena consciência das coisas. Se a mulher quiser, ela manda no que ela quiser. As pessoas falam que as mulheres vão dominar o mundo, e se elas quiserem, vão. Porque a mulher tem um (pausa) Tudo você consegue com jeito. Quantas vezes eu converso com o Felipe, com jeitinho, e eu acabo convencendo que o meu jeito é melhor.

- *O que é bem diferente de bater de frente.*

- É, diferente de bater de frente. Diferente do que minha avó faz, que é bater de frente. O pai da minha avó era o rei no trono. Era italiano, mas era ele que mandava. Mas minha avó já não. Eu não conheci meu bisavô, não sei como era a relação entre eles, mas minha bisavó era mais submissa sim. A minha avó já não, minha tia também não. Minha avó até hoje fala: ãEu que decido como èõ Meu tio quer tomar uma atitude, ele já é separado, em relação à filha, e ela diz ãVocê não vai fazer issoõ

- *O que você acha que definiria como paixão e como amor? Você acha que tem diferença?*

- Entre os sentimentos ou na minha vida? Para eu falar como é na minha vida?

- *Os dois.*

- A paixão para mim é algo muito mais intenso, mas não necessariamente duradouro. Ela só é duradoura se se transformar em amor. O amor não, ele é eterno. Eu sempre falo, os únicos dois sentimentos de todos que são verbos é amar e perdoar. Os outros não são. Ciúme não é, raiva não é. Quando você sente ciúme, não é uma decisão tua ser ciumento, a raiva também. Você pode controlar, claro, quando a raiva sobe você pode dizer ãnão, não vou ficar com raiva desta pessoaõ mas você não decide. Agora amar e perdoar não, você decide. Você decide amar alguém, perdoar alguém. Eu acho que o amor nunca vem de primeira. Nunca é. Essas coisas de falar ãamar o próximoõ tem gente que pega mendigo na rua, para mim primeiro vem uma compaixão, não amor, depois você decide amar aquela pessoa. Com relacionamento é a mesma coisa, primeiro você se apaixona pela outra pessoa, aí você vê ãeu gosto disso, eu gosto daquilo, eu gosto daquela pessoaõ aí você decide amá-la. O amor é duradouro, ele pode ser infinito, até o final

da sua vida eu acredito que você pode amar uma pessoa ou uma coisa. Mas a paixão não, a paixão vem, pode ir embora, pode voltar, você pode se apaixonar várias vezes pela mesma coisa ou a mesma pessoa. É mais intensa, mas é mais rápida.

- *Como você disse, então, a paixão pode ser uma introdução ao amor?*

- Eu acho que pode ser. Não necessariamente será, mas pode ser.

- *Em relação à maternidade, quais eram as expectativas em relação ao período da gravidez, de você com você mesma e com o Felipe, as expectativas em relação ao sexo por parte dos dois (pausa) como foi?*

- Quando eu descobri que eu tava grávida, foi um choque. E a primeira coisa que veio não foi uma alegria, foi uma tristeza. Passou tudo de ruim pela minha cabeça, tipo *“não vou conseguir terminar a faculdade, acabei com a minha vida, queria ter feito pós no exterior e não vou poder”*. Era tudo que podia dar errado, tudo o que não ia acontecer que eu queria. Depois veio uma alegria, mas ainda com medo, eu tava feliz, mas ainda com medo. Eu descobri que estava grávida no dia 2 de abril. No dia 15, que era meu aniversário, eu comecei a abortar, foi um descolamento de placenta, um início de processo de aborto. Saiu tanto sangue que eu achei que já tivesse perdido o bebê. E eu fiquei muito triste, eu chorava, eu fui chorando da minha casa até o hospital. Só que de tudo que é ruim você tira uma lição boa. Tem outro versículo: *“Deus transforma toda maldição em bênção”* e eu pego isso para minha vida, porque de tudo que pode acontecer de ruim, você tira alguma coisa boa. Tudo. E isso foi uma lição boa para mim, porque eu fiquei tão triste por achar que eu tinha perdido o bebê, que todos esses sentimentos ruins que eu tive nesses quinze dias sumiram, aí veio a alegria da maternidade. Aí eu já descobri que tava de três meses, e eu tive que fazer vários exames, fui fazer um ultrassom e a médica já contou que era menino, nem tive tempo de pensar se eu queria menina ou menino. Não perguntei, ela perguntou se eu tinha preferência, eu falei que não, *“mas vocês querem saber o que é?”* e eu falei *“não sei”*. Aí o Felipe estava na sala comigo, aí eu falei *“ah, agora você já falou, então fala”* e ela disse *“eu acho que é um menino”* mas sem dar certeza. Aí o segundo ultrassom que eu fiz eu perguntei e ele disse que era muito cedo para falar, não ia falar nada. Eu disse

filha a primeira médica já falou que provavelmente é um menino, você consegue ver alguma coisa? Ele disse que era 99% de chance de ser um menino e ele não queria me contar. Então não tive essa parte de pensar em sexo. Eu sempre quis ter um menino. Então quando eu engravidar de novo, tanto faz vir menina ou menino porque eu já tive um menino. Se eu tivesse tido uma menina, no segundo ia ter uma expectativa muito grande para ter um menino. Mas se eu tiver dois meninos (pausa) eu não tenho esse negócio de querer um casal. O Felipe já não, ele quer uma menininha, um casal. Eu não tenho isso. Tanto que ele sempre falou que só quer dois filhos. Ele falou que se viesse outro menino, ele ia querer tentar de novo, para ver se vinha no terceiro. Aí foi isso, veio essa alegria, comecei a planejar bem mais. Mas eu confesso, eu falava com a barriga, cantava para barriga, fazia carinho na barriga, tudo isso que grávida faz, mas era um carinho, não era o amor. Não era. Porque eu sei? Eu até achava que era amor na época, mas até que nasce, eu ouvi o primeiro choro, foi um negócio, eu senti algo tão diferente do que eu sentia na barriga, que agora eu sei que na barriga era carinho, eu falava que era amor, achava que era amor, era carinho. Agora esse amor maternal, incondicional, é na hora que nasce, na hora que você ouve o choro. A gravidez, eu acho hoje que eu nem curti a gravidez como eu deveria ter curtido, que eu deveria ter curtido muito mais, eu deveria ter me envolvido muito mais com a gravidez. Mas eu fazia tudo o que eu podia, via documentários para ver tamanho de feto e tal, o que podia comer agora para o feto, andava bastante. A única coisa é que no terceiro trimestre eu fiquei muito sensível, muito sensível. Qualquer coisa que me falassem eu chorava, muito irritada. Eu odiava que virassem para mim e dissessem nossa, como tua barriga tá grande! É óbvio que minha barriga tá grande, eu estou grávida! Então não gostava que falassem isso. As únicas que não falavam, quer dizer, as minhas amigas falavam que de costas não parecia grávida, porque como cresceu tudo, eu fiquei com uma barriga muito grande, mas como cresceu tudo, de costas parecia que eu estava normal, que eu era mais fortinha (sic), mas que eu estava normal. Mas de frente, nossa, minha barriga tava enorme. Aí roupa começa a não encaixar direito. Roupa de gestante é muito grávida, muito grávida. E muito cara. Então era assim, eu tinha algumas peças de gestante, mas tinha muita bata, roupa G que ajustava. Calça não, calça tem que ser de gestante, essa coisa de gente que anda de calça aberta não dá muito certo. Era calça de gestante. Vestido normal, não comprava vestido

para gestante. Mas sei lá, você começa a sentir que não está mais encaixando as coisas. E como minha barriga só apareceu no oitavo mês para valer, esses últimos dois meses eu estava muito incomodada. Você fica irritada, eu estava emotiva, então o final de gravidez não é período mágico. É período chato, esse finalzinho. Aí quando eu fui fazer o último ultrassom, quando eu já tinha 38 semanas, não, 36, não, 37 semanas. O bebê nasce de 36 a 40 semanas, então 38 é o ideal. Então quando eu estava de 37 semanas eu fui fazer o ultrassom e o Pedro estava enrolado no cordão. Então não podia ser parto normal, de maneira alguma. Teve que ser cesárea. Meu médico é baiano, então ele é tranquilão, então ele marcou para dali uma semana, e você imagina como eu fiquei naquela uma semana. Ele me disse ñviu, se o bebê parar de mexer, aí você me liga na hora!ò Então coitado, o Pedro não podia dormir dentro da minha barriga, porque se por dois segundos eu sentisse que ele parou de mexer, eu apertava. Você aperta e ele se incomodava, toda vez. Essa semana foi assim. E meu pai não se conformava, ele dizia ñcomo uma semana, você vai esperar uma semana, esse cara tá louco!ò Mas aí, ele nasceu de exatamente 38 semanas.

- *E foi tranquilo o parto?*

- Foi. Ele estava com duas voltas no cordão. Duas voltas. Ele se mexeu muito. Aí foi tranquilo, fiz a cesárea. Na madrugada da cesárea, porque eu voltei para o quarto meia noite só, e quando era quatro da manhã a enfermeira já estava me levantando, já tava reta, não fiquei andando assim, já tava reta. E aí quando nasce é um momento muito mágico, amamentar é a melhor sensação do mundo. É muito gostoso. A coisa que eu mais sinto falta, se você me perguntar o que eu mais sinto falta do Pedro neném, é amamentar. É muito gostoso, porque você vê aquela carinha tão bonitinha, tá tão pertinho de você, e você se sente (pausa) é uma sensação que não dá muito para descrever, você sente como se estivesse suprimo, sabe? Você tá realmente alimentando, você está suprimo, você está alimentando, então é uma sensação assim, muito legal. Muito legal. Apesar de que eu amamentei pouco tempo, amamentei três meses só, porque meu leite secou, assim, diminuiu. E menino sente mais fome, então tive que introduzir complemento. Só que a hora que eles pegam a mamadeira, eles não querem mais saber do peito. Primeiro porque o leite é muito mais grosso na mamadeira, e fácil, porque é só chupar e pronto. O

peito, a criança tem que fazer muita força para sugar, porque não é só apertar a boca e sai que nem na mamadeira. Então é bem mais fácil para ele. Então ele foi largando aos pouquinhos. Eu senti mais falta do que ele. Mas quando eles são muito pequeninhos, dar a mamadeira também é gostoso. Você tá com ele pertinho. Tudo é gostoso quando eles são pequeninhos, dar banho é gostoso, tudo é gostoso. Hoje ele é muito bonzinho. O arteiro dele são essas brincadeiras, essas palhaçadinhas. Ele gosta assim de emoções. Por exemplo, ele ganhou uma bicicleta, a graça dele não era andar na bicicleta, era ficar em pé em cima do (pausa) sabe aquele caninho que tem no banco? Era ficar em pé naquilo segurando no guidão. Ele se joga. Sabe? Ele gosta de fortes emoções. Então tem que tomar cuidado com isso só. Então as vezes se atira do sofá. Nunca se machucou, mas tem que tomar cuidado com isso. Na banheira tem que tomar cuidado, que ele gosta de por um pé em um lado e um pé no outro e ficar se sacudindo. Tem que tomar cuidado com algumas coisas. Mas só isso. De resto ele é bonzinho. Eu falo para ele parar, e ele pára.

- *Com tudo isso que você contou, o que você acha que mais te ajudou nestes processos de mudança e tudo isso?*

- Como assim?

- *Pode ser qualquer coisa, ou pessoa também.*

- Que me ajudou a superar tudo? Acho que foi minha fé em Deus. Sinceramente. Ter uma fé, sabe? Acreditar que tem um ser superior que olha por mim, que cuida, que vai dar tudo certo. Eu acho que foi o que mais me ajudou. Eu comecei a frequentar a igreja com um ano de casada, quando o Pedro tinha 6 meses.

- *Antes disso não frequentava?*

- Não, eu era católica, mas a minha mãe não me levava muito para igreja. E eu comecei a frequentar uma igreja evangélica, acabei me encontrando lá, gostei. Porque não tem ninguém evangélico dentro da minha família. A mãe do Felipe é evangélica, mas nem é a igreja dela, não tem nada a ver. É outra filosofia, tal.

- *Como você encontrou então?*

- A minha cabeleireira. Ela era minha cabeleireira desde que eu estava no colégio. E ela mora perto de mim. E ela sempre me dizia ãvai me ver cantar no coralò porque ela cantava no coral da igreja. Aí eu fui, acabei gostando. Na semana seguinte voltei com o Felipe. O Felipe tinha sido evangélico. Não quando eu conheci ele, quando eu conheci ele, já tinha se afastado da igreja. E a gente acabou voltando, se envolveu em trabalho comunitário. A igreja tem uma ONG que ajuda crianças com reforço escolar. Eu sempre acreditei muito em Deus, só não frequentava uma igreja. Mas sempre rezava à noite, minha mãe tinha me ensinado isso, a gente só não ia para igreja. Aí, acabei me achando nessa igreja. E foi minha fé em Deus, desde antes, que me ajudou muito. Eu rezava muito quando estava grávida, tinha vários sonhos de coisas que acabavam acontecendo. Eu vejo como avisos mesmo que Deus me dá, para eu me preparar antes. E acabei começando a frequentar a igreja, acabou aprimorando isso. Hoje eu oro muito mais, leio a bíblia. E o que eu te disse, a bíblia está cheia de ditados populares, que se você trazer para o racional, não precisa bitolar, como aquilo que eu te falei de casa dividida não prospera. Pega um barco, é físico, um rema para um lado e outro rema para o outro, não vai para lugar nenhum. Então, isso acabou me ajudando muito. Em tudo. Todas as vezes.

- *E como você se imagina daqui dez anos? Em relação a casamento, família...*

- Eu vou estar com 34 anos. São dez anos? Ai meu Deus. O Pedro vai estar com 13 anos. É uma idade mais difícil. Eu me imagino com escritório bem mais estruturado. Hoje estamos implantando processos novos, a gente está em fase de transição do pai do Felipe para o Felipe, então a gente está implantando a nossa metodologia, como a gente acha, as nossas políticas de funcionários, o nosso tratamento dos funcionários. A gente está praticamente fazendo uma empresa nova. Então eu espero que o nosso escritório esteja bem mais estruturado, com os processos alinhados. Então eu espero um escritório que eu nem tenha que ir todos os dias para lá, que eu possa administrar alguns processos à distância. A gente tem um projeto de fazer alguma ação social, de ajudar morador de rua. Então espero que isso esteja concretizado.

- *Pela igreja?*

- Não.

- *Você e o Felipe?*

- É. Não precisa estar atrelado. Eu ate prefiro que não esteja, porque é outra coisa. Lá eles lidam com idosos e crianças mais como uma assistência, é um reforço escolar. Na verdade é para criança não ficar na rua no período da tarde. Porque ele vai para escola publica de manhã e a tarde fica na rua. Ai não fica na rua, fica no projeto. Tem aula, tem filme, tem tudo, tem alimento, almoçam, tudo. De tarde e de manhã. E tem para idosos também, para eles não ficarem sem fazer nada, então tem oficinas. É para ajudar a comunidade, porque minha igreja fica perto de uma favela. Então é totalmente diferente, a gente quer trabalhar com morador de rua, para resocializar. Porque é algo que mexe com a gente, ver essas pessoas e ninguém dando bola. Então espero que isso esteja estruturado. E espero que o Pedro esteja (pausa) continue com este jeitinho dele, calmo. Porque ele vai estar entrando na pré-adolescência e vai precisar que eu fique mais com ele. Vai estar entrando na adolescência, né? Pré já vai ter passado. Esse é um período que eu vou precisar estar mais perto. Espero que ele esteja bem, se virando. No casamento, espero que a cumplicidade, fidelidade, amizade entre nós esteja multiplicado. Porque é o que eu falo para o Felipe, um dia a beleza acaba, o corpo já não tem o mesmo vigor, a motivação para caminhar não é a mesma, eu espero que o que fica é isso. A amizade, o bom papo. Espero que a gente esteja do jeito que a gente é hoje mas aprimorado. Sempre dá para melhorar.

- *Como tem a questão do sigilo, então eu queria que você pensasse em um pseudônimo para pesquisa e justificasse a escolha desse pseudônimo.*

- Pode ser Daniela. Era o nome que iam me dar se não me dessem meu nome mesmo. Então pode ser Daniela.